

Raimunda de Brito Batista

**Terra da Promissão:**

estudo e análise do diário pessoal de Ludovic Surjus,  
imigrante e agrimensor da Companhia de Terras Norte do  
Paraná (1944-1965)

Tese apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da USP, Departamento de Letras  
Clássicas e Vernáculas da área de  
Literatura Brasileira para obtenção do  
título de Doutora em Letras, sob a  
orientação do Prof. Dr. Zenir Campos  
Reis.

Universidade de São Paulo

2001

V.1

Dedicatória:

A João Batista, por todos os  
dias;

A Claudia, Danyela, Thiago,  
sempre;

Ao meu netinho(a)

À Marie, onde estiver.

## Agradecimentos:

Ao meu orientador, Professor Doutor Zenir Campos Reis.

A Marco Antonio Rossi pela amizade e revisão ortográfica.

A Luciana Nascimento Silva pela ajuda na leitura e reordenação dos diários.

Ao Museu Histórico “Padre Carlos Weiss”

À família Surjus

Aos meus amigos.

À minha família, por tudo.

Banca examinadora

---

---

---

---

---

## RESUMO

Este trabalho pretende mostrar, a partir de registros em diários, um inventário histórico, geográfico, cultural e literário da região norte do Paraná e sobretudo de sua cidade pólo: Londrina.

Esses registros, feitos pelo imigrante francês Ludovic Surjus, reproduzem um cotidiano de 41 anos de trabalho e de escrita; falam de experiências que resultam não apenas em desbravar terras de um novo Eldorado, mas revelam traços culturais, históricos e literários em completa conexão. Ludovic Surjus, um homem em trânsito, parece ter se encontrado, nesse trabalho, com a alma brasileira.

## PALAVRAS-CHAVE

Diário pessoal, história, literatura, cultura brasileira, linguagem

## RESUMÉ

L'intention de ce travail est de montrer, à partir de registres inscrits dans des journaux intimes, un inventaire historique, géographique, culturel et littéraire de la région nord du Paraná et surtout de son pôle: la ville de Londrina.

Ces registres, tenus par cet immigrant français Ludovic Surjus, impriment une routine de quarante-et-un ans de travail et de manuscrits; narrent des expériences issues non seulement de la conquête des terres d'un nouvel Eldorado, mais révèlent en une parfaite synchronisation des traits culturels, historiques et littéraires. Dans ce travail, Ludovic Surjus, un homme de passage, semble être aller à la rencontre de l'âme brésilienne.

## MOTS CLÉFS

Journal intime, Histoire, Littérature, Culture brésilienne, Langage

## SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I	
a) LS: o desbravador aprendiz	11
b) LS: História, histórias	41
c) O diário no contexto das teorias	54
Capítulo II	
a) Cotidiano e trabalho	80
b) Cotidiano e família	139
Capítulo III	
a) O Paradigma do Eldorado	150
b) Marginália	161
À guisa de conclusão	182
Bibliografia	189
Apêndice I : O acervo do Museu Histórico “Padre Carlos Weiss”	196
Apêndice II: A Companhia de Terras Norte do Paraná C.T.N.P.	202
Apêndice III: Entrevistas	206
Anexos	

“Le débordement diaristique-intimiste n’est pas un phénomène secondaire. Il exprime la dynamique de toute description centrée sur ce qui se passe dans l’acte de recherche entendu comme pratique sociale éminemment questionnante, problématique. Débordement, risque de contamination. Par quoi? Par les rapports sociaux très concrets qui organisent (et sont organisés par) l’acte de recherche? le fonctionnement réel de l’intelligentsia? les petites faiblesses des ‘savants’? leur corps? leur passion d’écrire, de publier, d’être admirés, d’exister sur le marché culturel ou idéologique? leur penchant souvent inavoué pour l’écriture, la création, l’esthétique, la littérature?” René LOURAU — *Le journal de recherche: matériaux d’une théorie de l’implication*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988

“(…)Ninguém trabalhou hoje, passei o dia limpando a ferramenta do Jeep. Lendo e escrevendo. Aqui tudo quieto, não se sabe de nada. No Brasil todo um reboliço tremendo com toda a certeza. Mas aqui nada sabemos, é como se fôssemos sós no mundo civilizado. A única coisa que lembra este mundo é um avião que passa diariamente por cima das nuvens e que vai descer em Cascavel e Foz de Iguaçu. O tempo está ameaçando chuva.(…)” Ludovic SURJUS, 4 de setembro de 1955.

## INTRODUÇÃO

*“Não é possível entender-nos se se esquecer de que somos um capítulo da história das utopias européias (Octavio Paz. In: Sousa, Celeste R. – Retratos do Brasil : hetero- imagens literárias alemãs. São Paulo: Arte & Cultura, 1996. Coleção Universidade Aberta, v.16).”*

Este trabalho pretende, através dos registros pessoais de um imigrante francês que chegou à região norte do Paraná, na década de 1920 como agrimensor da Companhia de Terras Norte do Paraná (C.T.N.P.), verificar, entender, ler através do imaginário de Ludovic Surjus (LS) esse novo mundo, a região e a cidade de Londrina e como se deu a colonização à época .

Tentarei estabelecer, a partir dos relatos fornecidos nos diários, uma articulação que esclareça a “experiência” e os “valores” franco-brasileiros presentes na escrita de LS.

As experiências se dão no momento em que o contato com outro mundo, outros valores e o trabalho árduo representam para o agrimensor um movimento em direção à aquisição de uma compreensão maior desse novo mundo e dessa nova cultura, chegando, dessa forma, a um resultado positivo ao final de sua luta. Os valores e as mudanças de valores estarão presentes em todo o tempo em que escreve: o cuidado com o dinheiro, a aquisição da cultura, a integração social ao novo meio.

Ao mesmo tempo, importa traçar um delinear histórico: a história de Londrina faz-se presente na observação do olhar europeu de LS, enquanto esse mesmo olhar mantém intacta a memória da Europa e da França em particular.



Na verdade o testemunho vivido implica na recuperação de identidade ou do medo de perdê-la. LS constrói a sua história pessoal defendendo algumas idéias e valores de um cidadão em trânsito: o trabalho, a produção do conhecimento, o enriquecimento, o ser francês e o viver no Brasil.

A questão do trabalho é fundamental nos seus relatos; ele dignifica a sua existência pelo trabalho. Surjus tenta ainda mudar o seu cotidiano “embrutecedor” mesclando-o a uma atividade literária, quase impossível de imaginar na época e nas condições dadas: lê, escreve. Mas não lê tão-somente: lê e anota; lê e estuda; lê e observa.

Seu diário é escrito dentro de uma lógica de descobertas, de um espírito de crítica e de humor, e rigidamente cartesiano; anota as dívidas que são contraídas por ele mesmo, pelos seus empregados e até por membros de sua família e as cobra pontualmente. Critica a atitude perdulária dos brasileiros em relação ao dinheiro e ao trabalho. Acredita firmemente que o trabalho constrói, promove o enriquecimento.

O que escreve é eco, reflexo ideológico de sua vida cotidiana. O que pensa, imagina e acredita como parte de sua atividade tem ligações com o mundo do capital, com a “lógica” da acumulação, conseqüentemente com o sucesso pessoal.

Mas esse sucesso se completará também com o enriquecimento cultural que ele persegue avidamente.

Historicamente o homem sempre procurou satisfazer suas necessidades básicas, mesmo que a cada momento novas aspirações apareçam. O estudo e a análise da escrita nos diários de LS nos levam à compreensão de seu testemunho histórico.

O entrecruzamento de duas culturas, presentes no discurso do agrimensor, mostra, segundo ele, dois momentos: quanto a cultura européia é rígida, enquanto a brasileira é “frouxa”.

Segundo Orlandi<sup>1</sup>, os europeus tentam absorver as diferenças entre as duas culturas, projetando-as como cópias em seu imaginário.

Vovelle<sup>2</sup>, trabalhando a questão das mentalidades, nos descreve uma história em que ocorre uma mediação e uma relação dialética entre as condições objetivas da vida do homem e a maneira como eles se colocam no mundo das idéias e nos conflitos do dia-a-dia. A narrativa de Surjus pode se inscrever nessa conceituação.

Surjus delimita bem o espaço no qual é sujeito - o colonizador, também da cultura - quando contrapõe cultura francesa positiva e os valores do capitalismo, tais quais diligência, frugalidade, disciplina, espírito empreendedor, entre outros, à cultura brasileira, na qual esses elementos aparentemente não existem ou ao menos não se apresentam como criativos.

A sua história está articulada com a história da região, tem ligação com a “abertura” de terras da região norte do Paraná. E funciona como um testemunho, que ele nos fornece através de seus diários<sup>3</sup>. A função do diário é, pois, registrar a reiteração do eu, da identidade pessoal e cultural. O estudo e a análise dos seus escritos podem levar à compreensão desse testemunho histórico. Como o burguês descrito por Darnton<sup>4</sup>, o texto de Surjus contém senso de lugar e de suas relações com o global, o

---

<sup>1</sup> ORLANDI: 1990.

<sup>2</sup> VOVELLE: 1987.

<sup>3</sup> LE GOFF: 1980.

<sup>4</sup> DARNTON: 1986.

que interessa para a sua organização como imigrante e trabalhador e para a sua capacidade de análise.

O agrimensor escrevia sobre os seus empregados e sobre o seu empregador, e quando se refere aos empregados que tentavam lograr o patrão - estes realizavam o trabalho de forma descuidada, abandonando-o por farras e acumulando dívidas sem pensar em poupar -, o faz de modo veemente. São aqueles que não se adaptam à sociedade. Na sua fala tem-se uma compreensão maior da região que se formava historicamente. Esta era a sua pretensão: configurar melhor a história que começava a ser escrita para os pósteros.

LS reconta o mundo e, nesse recontar, mostra como e o que constrói nas suas experiências do dia-a-dia. Sua escrita representa o desejo de preservar o saber, produzir a cultura, conservar uma identidade aberta à compreensão do novo mundo.

O seu cotidiano possuía uma organização que privilegiava o trabalho, a vida familiar, a educação pessoal, a vida nos acampamentos, enfim, a vida social.

Os diários de Surjus têm como valor muito mais recontar e verificar a questão do trabalho, da cultura e da identidade de um imigrante do que contar a sua história pessoal. Não se trata de traçar cronologicamente uma experiência individual, mas de mostrar como um indivíduo reage às normas, padrões de comportamento e demais valores sócio-individuais que lhe são impostos por uma sociedade diferente da sua de origem.

O diálogo que Surjus realiza consigo mesmo nesse diário, que é produtor de sentido, pode levar a essa valorização transformando o seu autor em ser ideal, um desbravador herói.

O diário Surjus mostra-se como um documento do seu tempo. É pessoal, é espontâneo e pode ser estudado como modo de conhecer uma determinada sociedade, em um determinado período de tempo.<sup>5</sup>

Frederick Krantz<sup>6</sup> enfatiza que muitas vezes a opinião pública pode ser desvendada, bem como também esclarecida, através de documentos devidamente analisados. Nesses seus registros, Surjus nos desvenda alguns momentos da colonização da região Norte do Paraná, da presença do capital inglês na região e dos investimentos aqui realizados. Não é meu propósito percorrer os caminhos que são apontados pelo agrimensor francês; minha investigação fornece algumas pistas e sem dúvida outras análises surgirão.

Este estudo não serve somente para conhecer a história pessoal de Surjus, mas para acompanhar alguns aspectos da estruturação espacial da nova região, conhecer a paisagem local, hidrografia, clima, fauna e flora e as mentalidades da época, configurando toda a relação do Homem transformando a natureza, criando o seu habitat.

Sua narrativa pretendeu ser fiel, o que confirma o seu papel de construtor da história; não esquecendo o perigo que essa fonte representa pois corre-se o risco de acreditar na total veracidade dos relatos.

Surjus descreveu com cuidado e riqueza de detalhes, dado o seu contato corriqueiro com as famílias, todo um ritual cheio de simbologias que envolvia casamentos, nascimentos, mortes, separações não só dos empregados, como de outros com quem mantinha contato próximo, observando os comportamentos, a capacidade de aprendizagem, os eventuais fracassos do trabalho, os cuidados com a higiene, a economia, etc.

---

<sup>5</sup> POIRIER: 1980.

<sup>6</sup> KRANTZ: 1990.

As queixas também fazem parte do relato: as longas distâncias de uma povoação à outra, além do cansaço e as poucas condições de trabalho, que por vezes o tempo e o espaço do mato não correspondiam ao tempo e ao espaço de outros mundos que trazia na cabeça. É que nem sempre podia contar com 16, 18 horas de trabalho realizado. Daí a crítica aos costumes brasileiros, a idealização da França.

Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>7</sup> afirma que a identidade cultural forma-se via identidade nacional. Para os estudiosos, a identidade cultural que nos foi imposta era a branca, educada, reprimida. Mário de Andrade defendeu a “brasilidade” através da miscigenação – o negro, o índio e o branco -, isto é, da multiplicidade das culturas e raças. Oswald de Andrade trabalhou a idéia da “antropofagia” - fusão de elementos culturais díspares - “devoramos” uma civilização construindo uma nova . A região Sudeste, onde esses dois movimentos surgiram, é palco de grandes transformações e questionamentos no final do século XIX com a imigração européia. Vários ensaios e obras trataram dessa questão, originando a discussão em torno da identidade e da criação de novas, que migraram para o país da cocanha. O século XX encarrega-se de revelar as novas identidades “quase-européias” que surgem junto com o orgulho de pertencer a esta ou àquela nação européia.

Surjus possuía sobre todo esse processo o senso prático do observador e narrador nato, de acordo com a classificação de Benjamin<sup>8</sup>, uma vez que sua narrativa tem um conteúdo utilitário, ensina, aconselha, critica, sugere normas de vida, repreende.

Seus relatos contidos nos diários apontam para o sucesso e a possibilidade de encontrar o Eldorado. Ele sempre deixou transparecer que o Eldorado foi

---

<sup>7</sup> QUEIROZ, 1989.

<sup>8</sup> BENJAMIN: 1987.

a busca de conhecimento e aprimoramento cultural respaldados, antes de tudo, pelo trabalho e pela honestidade.

Catani<sup>9</sup> afirma que na França do século XIX os manuscritos pessoais continham os fatos e os momentos mais significativos da vida das famílias, mesmo que fossem de circulação restrita. Enquanto os textos apologéticos eram voltados para um público maior, os manuscritos tinham a preocupação de salvaguardar a imagem, o prestígio, o status e formar admiradores.

As descrições de LS são bem construídas, detalhadas e sem muito questionamento ao sistema político-social. LS pouco o problematiza, mesmo que a ele se refira desde o início. A esse respeito suas críticas são mínimas e sempre acentua o mérito ao trabalho e ao cumprimento das normas sociais, que garantem a sobrevivência, segundo ele, em um mundo onde muitos fracassaram.

As histórias pessoais são permeadas por virtudes que são sinônimo e garantia de sucesso tais como previdência, saber economizar, honestidade, prudência e o mais importante: coragem e dedicação ao trabalho, que é o caminho para o triunfo. Os erros, os fracassos são imputados à falta de prudência. Entretanto, como conseguir acercar-se dessas virtudes dadas a todos igualmente, ele não chega a elucidar.

O discurso de Surjus foi irrepreensível e apologético ao mesmo tempo. Ele escreveu pelo prazer da escrita, mostrando o saber adquirido, para ele mais importante, talvez, que o acúmulo de riqueza.

Em seu diário a compreensão do mundo é muito rica, já que lhe permite dar sentido ao presente, decodificar, decifrar o espaço em que viveu, tornar inteligível o mundo de relações sociais, globais em que está envolvido e construir significados novos e pertinentes.

---

<sup>9</sup> CATANI: 1983.

Para Le Goff<sup>10</sup>, a mentalidade de um indivíduo é aquilo que ele tem em comum com outros indivíduos de seu tempo. Contudo, o distanciamento de Surjus em relação aos seus empregados, o que se percebe na leitura das entrelinhas, e numa certa medida em relação à sociedade em formação, dava-se no nível cultural. Percebia-se nitidamente um entendimento desigual entre ele e as pessoas com que convivia não só no nível das competências, como, e sobretudo, das práticas culturais. Com os “peões” partilhava o trabalho, mas não o significado que ele próprio atribuía ao trabalho.

Na edição dos diários tive o cuidado de respeitar a escrita do autor, conservando os espaços vazios por ele deixados na intenção de completar as informações posteriormente, como oportunamente Surjus o fez em ricos detalhes. Conservei a ortografia, somente corrigindo-a quando ocasionasse prejuízo para a leitura. Exemplos: “animaes”, “hoge”, “accidente”, “d’elle”, “amanham”, “quasi”.

No desenvolvimento da pesquisa procurei mostrar as diversas faces de LS por ele mesmo apresentadas.

No capítulo I<sup>a</sup>, que intitulei *O desbravador-aprendiz*, escrevo sobre LS trabalhador, mas ao mesmo tempo como o desbravador que foi, de acordo com a sua própria denominação.

Na condição de desbravador, armou-se para o trabalho com todos os detalhamentos que ele requeria e mergulhou conscientemente na mata a ser desbravada. Foi um desbravador com todas as características dos antigos bandeirantes (como LS fez questão de explicitar na sua fala) com um elemento a mais: escrever e detalhar na sua escrita cada passo do trabalho.

---

<sup>10</sup> CHARTIER : 1988

*“Terça-feira 19-9-44 – (...) Estou anciado para terminar e voltar a Londrina saber da família e d’aquilo que se passa na Europa. No meio de uma tremenda tragédia como a que se passa no mundo e nós vivendo há 400 anos atrás os bandeirantes sós no meio da matta com Deus.”<sup>11</sup>(...)”*

No capítulo *1b, História, histórias*, relato a vida de Surjus a partir de suas informações, dos depoimentos que gravou, entrevistas e de informações obtidas através de um de seus filhos e neta. Suas histórias ajudam a conhecê-lo melhor e revelam as suas atitudes perante a vida, o trabalho, a família, o país onde viveu. Apesar do amor ao seu país natal, nunca retornou à França (exceto quando foi convocado para a Primeira Grande Guerra) e nunca quis adotar a cidadania brasileira. Viveu e morreu como cidadão francês.

No capítulo *1c, O diário no contexto das teorias*, tento discorrer teoricamente sobre a prática de escrita de diários através de uma revisão bibliográfica de autores especializados. Procuro mostrar as diferenças entre relatos memorialísticos, autobiografias e diários, embora em muitos momentos o diário de Surjus seja um depósito de memórias ao qual ele não se furta de recorrer.

No capítulo *2a, Cotidiano e trabalho*, analiso a questão do dia-a-dia no trabalho do agrimensor francês, no qual pode-se ver a sua completa adesão ao que fez e às responsabilidades que carregava sobre si. LS trabalhou duramente como muitos que vieram para cá e o trabalho representou para ele compromisso moral. Na sua fala perpassava o enaltecimento ao trabalho e a estranheza demonstrada àqueles que não o vêem da mesma forma.

---

<sup>11</sup> Grifos da autora.



O capítulo *2b, Cotidiano e família*, revela Surjus chefe e pai de família com toda a preocupação voltada à saúde, à educação e ao trabalho dos filhos, incentivo à busca de profissões e orgulho daqueles que conseguiram situação de destaque profissionalmente.

Mantinha controle sobre a família mesmo à distância e quando reencontrava os filhos e netos fazia absoluta questão de ordem, disciplina. Uma de suas netas revelou, em entrevista, que no mato Surjus comia em latas de aveia, mas, chegando em casa, exigia mesa posta com toalha branca, copos para cada tipo de bebida, louça e talheres apresentáveis.

No capítulo *3ª Paradigma do Eldorado*, escrevo sobre o ideal da terra de riquezas que atraiu pessoas de vários estados brasileiros e países europeus. A propaganda da C.T.N.P. foi decisiva para a vinda à região. Surjus demonstra consciência da atração que a região exerceu sobre todos, mas desde o início reconhece que o Eldorado só será conquistado via trabalho.

No capítulo *3b, Marginália*, relaciono as obras lidas e anotadas por Surjus, bem como a marginália por ele deixada nos livros que leu. Essas anotações dão bem a idéia do leitor cuidadoso que Surjus foi e da preocupação dele com a fidelidade dos relatos que lia.

## Capítulo I

### a) LS: o desbravador aprendiz

*No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado. “Quem construiu Tebas das sete portas?”- perguntava o “leitor operário” de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo seu peso. Carlo GINZBURG : 1987.*

A prática antropológica e a narrativa etnográfica são aceitas de maneira cada vez mais consensual como apoio às análises dos acontecimentos históricos. Desse modo e não por acaso tive um primeiro contacto com o material da pesquisa, durante minha atividade de triagem e organização de documentos no Museu Histórico de Londrina, onde descobri, em meio a velhas revistas, livros, cadernetas de débitos e créditos, jornais e cartas, várias agendas e cadernos em que se misturavam narrativas e anotações de compra, de venda e de débitos. Coloquei de lado esse material, separando-o, após ter feito dele uma leitura superficial, a fim de melhor proceder, posteriormente, a sua organização.

A separação do material permitiu-me ver que ali encontraria material farto e significativo que poderia eleger como objeto de estudo para uma tese de

doutorado. O alto teor e o significado que percebi em relação à história de Londrina, à narrativa literária e antropológica, levou-me, à leitura e classificação de outros documentos também importantes: as cartas de um dos chamados pioneiros ingleses<sup>12</sup>, uma dentre outras das 33 nacionalidades que para cá vieram atraídas pelas propostas da Companhia de Terras Norte do Paraná (C.T.N.P.). A perspicácia dos relatos e o entusiasmo das descrições da descoberta de um novo Eldorado, nas primeiras décadas do século XX, estavam contidos em folhetos de propaganda da própria Companhia de Terras e nas falas dos seus primeiros moradores e nas cartas.<sup>13</sup>

Retomando a organização das agendas e cadernetas, verifiquei que eram diários pessoais de um agrimensor, sob a forma de notas e relatos, o que, de imediato, atraiu a minha atenção. Seu autor, um agrimensor francês, contratado pela C.T.N.P. e tendo migrado ao Brasil, dedicou toda a sua vida a desbravar novas fronteiras geográficas e culturais. É verdade que o fato de já possuir uma formação em agrimensura, profissão em alta demanda naquele momento e lugar, abriu-lhe as portas para um caminho aventureiro e cheio de desafios em mata virgem no Norte do Paraná.<sup>14</sup>

Minha proposta neste trabalho é, pois, fazer uma etnografia dos diferentes manuscritos que designarei doravante como o Diário de LS, imigrante francês que viveu a partir do final da década de 20 no Norte do Paraná. Os manuscritos que sua família doou ao Museu Histórico de Londrina<sup>15</sup>, foram escritos em uma linguagem minuciosa, detalhada, com alguns deslizes ortográficos, possivelmente resultantes de sua

---

<sup>12</sup> Essas cartas foram organizadas em um projeto de pesquisa, sob minha coordenação com o título “A colonização do norte do Paraná: organização, catalogação e análise dos documentos da coleção de George Craig Smith” (no prelo).

<sup>13</sup> O Eldorado significando dinheiro fácil, acumulação de capital.

<sup>14</sup> “Meu pai estudou agrimensura numa escola de mecânica em Marselha e aqui no Brasil ele começou aprender com os agrimensores, porque não é difícil.” (Gilberto Surjus)

<sup>15</sup> Conferir no Apêndice I.

condição de estrangeiro, mas com a preocupação de registrar nos menores detalhes os acontecimentos diários que resultaram na história da região em formação. O seu texto pode ser visto e analisado sob algumas perspectivas:

- o dia-a-dia nos acampamentos de trabalho;
- as leituras;
- as novas picadas a serem abertas;
- o trabalho;
- a família
- a nova região que se descortinava.

No meu percurso acompanhei LS em suas viagens para o epicentro de florestas inexploradas. Descritas em seus Diários, percebi um registro não apenas de sua história pessoal como agrimensor, mas ainda como europeu, desbravador e aventureiro. Existe ainda, em sua escrita e na maneira como descreve as atividades pertinentes a seu trabalho, a certeza ou o desejo de estar fazendo a história da Região e do meio ambiente. O acervo de LS compreende todas as suas anotações e registro em gravações.<sup>16</sup> Nessa documentação é possível encontrar:

- a) cartas pessoais, relatando situações familiares;
- b) biblioteca pessoal;
- c) correspondência diversa;
- d) correspondência e anotações de trabalho;
- e) cadernetas de débitos e créditos;

---

<sup>16</sup> As gravações pertencem ao acervo do Museu Histórico de Londrina.

- f) mapas de loteamentos da região em que trabalhou;
- g) memoriais;
- h) diário pessoal em vários tomos, datando de 1944 a 1985.

LS elaborou uma narrativa cuidadosa, preocupando-se em deixar no corpo do texto áreas em branco, visando posteriormente a preenchê-las com informações pertinentes (por exemplo: nomes de pessoas, de novas localidades, de rios, de ribeirões, informações do cotidiano dos acampamentos, dos acontecimentos europeus, revisando, por assim dizer, a história que se desenrolava). Entretanto, alguns desses espaços permaneceram não preenchidos. O seu senso de organização levava-o a anotar na capa de cada Agenda<sup>17</sup> utilizada para seus escritos o ano dos registros e o resumo das informações que ela conteria. Não era incomum que, ao reler antigos escritos, os modificasse, copiando-os, ou mesmo, acrescentando novas informações às já existentes. Percebi, durante toda a leitura de suas anotações, o rigor da escrita e a exatidão dos fatos. Convém ressaltar que, em alguns períodos, era capaz de passar dias e até meses sem fazer anotações em seu Diário.

Por outro lado, é um relato com uma ordem cronológica que demonstra um cuidado em ser fiel à narrativa dos acontecimentos, desde aqueles com significados pessoais até os que descreviam a região em que escolheu viver. E os seus relatos eram fiéis a tudo o que de novo lhe acontecia, fossem as brigas habituais entre os trabalhadores ou a descoberta de um louva-a-deus.

*“3ªF. 16-5-44 – (...) Tudo se passou bem apesar de uma rusga que tive com o Pedro, que a cada mudança me*

---

<sup>17</sup> Utilizo a palavra agenda para denominar os cadernos de débito e crédito, que eram utilizados para essa finalidade, mas também para as anotações diárias que formam o diário pessoal de Surjus. Vide anexos.

*aborrece com seus comentários, sobre o exagero da carga dos animaes. Creio que d'aqui por diante não continuará mais e cuidará só d'aquilo que é da sua conta."*

*6ª feira. (...) Durante a medição encontramos um bando de queixadas mas não tínhamos armas. Encontramos também Jacutingas. Na barraca estive olhando divertido um grupo de Louva a Deus recém-nascidos brincando entre-si como creanças, 3 fiuzinhos de carne com perninhas da grossura de um cabelo entretanto tem inteligência, só pode duvidar disso um cego.(...)"*

Segundo Barthes<sup>18</sup>, escrever um diário justifica-se pelos seguintes motivos: oferecer um texto poético com estilo peculiar, divulgar as marcas do dia-a-dia dentro de uma perspectiva histórica e dar a conhecer ao leitor a intimidade, a distribuição cotidiana do tempo, dos gostos e dos humores daquele que escreve. Sem dúvida, a escrita de Surjus estava voltada para o dia-a-dia, ou seja, nela havia a pretensão de registrar esse diálogo do homem que transitou entre duas culturas, do homem transformando a natureza, do cidadão do mundo construindo a sua casa, além de observar, sem tomar partido, o contexto político. O que escreve em novembro de 1947, confirma esse diálogo:

*"Sabado - 29-11-47 - (...) Peguei o bote e atravessei e fui lá no compadre. Deitados na grama estivemos*

---

<sup>18</sup> BARTHES: 1983.

*rememorando aguas passadas(...)" "(...) Cedo levantamos e o Raul me deu notícias positivas das eleições Hugo Cabral venceu em Londrina.. Pela 1ª vez desde a saída do Dr. Wily Londrina vai ter prefeito."*

Quanto à vida de LS, vale dizer que a sua biografia não se materializou num único momento de sua escrita. Os dados autobiográficos aparecem de forma esparsa, cabendo-me dar-lhes tessitura e coerência, extraídas do próprio autor em anotações paralelas. Todo o material de consulta disponível do agrimensor é composto de manuscritos e publicações feitas por ele em vida. Além das agendas que eram de sua preferência, fez registros importantes em cadernos comuns e colaborou com artigos para o *Jornal do Rotary Clube de Londrina* (do qual era membro)<sup>19</sup>. Gravou, também, entrevistas. Este material forneceu uma variedade de tópicos que relatam sua vida, seu trabalho, sua experiência ao lutar na Primeira Grande Guerra e posteriormente suas atividades no Brasil como agrimensor. Nos relatos de LS as recordações, imagens e lembranças se misturam à história do seu país, a França, e são pródiga em alusões a episódios tais como: a passagem de Aníbal e Júlio César pela região onde nasceu, a província de Roussilon, a importância do principado de Andorra, as peripécias de Carlos Magno expulsando os árabes e fundando Barcelona, a separação da Igreja e do Estado na França, etc.<sup>20</sup>

O diário é, pois, uma forma de guardar a memória, assegurando-a para reflexões posteriores, à medida que os registros são feitos quase que simultaneamente aos acontecimentos. A memória, sem dúvida, encarrega-se de

---

<sup>19</sup> V. *Jornal do Rotary* nos anexos.

<sup>20</sup> Grande parte das informações e estudos sobre a fundação e criação de Londrina, sobre a empresa colonizadora, os pioneiros e a história da região estão depositados no Museu Histórico de Londrina.

documentar, armazenar os fatos de maior relevância, isto é, daquilo que mais de perto despertou a sua sensibilidade, além de funcionar criticamente sobre o narrado. Daí a vivacidade e riqueza dos relatos. Os registros a seguir exemplificam as situações vividas:

*"6ª F. – 31-3-44 – Paulo e Lazinho chegaram no entardecer, a demora foi devido ao Paulo ter tido que voltar a Londrina ele teve um pouco de amolação mas desencumbiu-se bem do recado. A vinda d'elle mais 2 companheiros com o bom tempo que temos alegrou o acampt.(...)"*

*"6ª feira 23-11-45 - O Sebastião que tinha pedido a conta hontem por reprehendel-o por ter feito o papel que fez, teimou em sair, acertei a conta d'elle e foi embora. O rapaz não é ruim pessoa mas muito preguiçoso e os ultimos levantamentos que elle me fez são os peores que já levantei, sendo necessário mandar refazer diversas visadas além de ruim o serviço d'elle não rende nada."*

Para a presente análise delimitei o período de 1944 a 1965. A minha escolha recaiu sobre as décadas de 40, 50 e 60 por considerá-las o momento mais rico da escrita, na qual LS escreveu com mais entusiasmo e abundância sobre a região, sobre o momento histórico e o entrelaçamento das culturas, sobre os laços de convivência que se criavam, tudo isso retratado de uma forma literária e ao mesmo tempo com a preocupação do etnógrafo em ser fiel ao tempo da escrita. Entretanto, devo ressaltar que



todo o material que constitui o diário, por mim lido e editado, poderá servir como fonte para novos estudos, à disposição dos pesquisadores no Museu Histórico de Londrina.

Tendo encontrado em um Museu um veio tão rico de informações elaboradas, escolher analisar esse material sob a perspectiva etnográfica apresentou-me dois desafios. Em primeiro lugar, colocou-me ao lado - e com todas as responsabilidades que acarreta -, daqueles que já trilharam a tradição de utilização e mesmo de análise de diários, de autobiografias, de memórias, de cartas, que remontam às situações historicamente clássicas, tais como os Diários de Colombo e as Cartas de Pero Vaz de Caminha; enfim, os relatos do Novo Mundo. Nessa primeira linha encontramos também inúmeros relatos de exploradores e viajantes que nos descrevem as projeções de seus sonhos, de suas aspirações e de suas conquistas, não raro fantásticos e singulares.

Em segundo lugar, minha proposta de estudo implica a necessidade de buscar todo e qualquer tipo de material autêntico daquele momento, ou seja, do início da formação da região em estudo. Almejando reconstituir um contexto civilizatório, a quantidade de lacunas com que me defrontei, não inviabilizou o propósito, dada a abundância de conteúdo que o agrimensor francês nos legou.

Adotando a definição de Paul Shankman, posso afirmar que...

*“... fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de...”) um manuscrito – estrangeiro, rôto, cheio de lacunas, incoerências, remendos suspeitos, e comentários tendenciosos, mas escritos não por gráficos*

*convencionais de sons mas (através) de exemplos breves de comportamento construído.* ”<sup>21</sup>

No mais, Clifford Geertz <sup>22</sup>também apresenta uma abordagem etnográfica descritiva capaz de dar conta de estruturas de significado ou sistemas de relevância das pessoas, isto é, daquilo que as pessoas consideram importante para si num determinado momento e tempo. Assim, fazer etnografia consiste em atingir uma explicação interpretativa que se consegue fazendo analogias, admitindo que a vida social é organizada em termos de símbolos que devemos apreender para compreender. Uma das maneiras de fazer uma etnografia do pensamento moderno, ainda segundo Clifford Geertz, seria pela utilização de dados convergentes.

Aqui, entendo a região do Norte do Paraná e a proposta da C.T.N.P. como um núcleo em torno do qual existe um modelo de colonização e expansão feito de maneira tão intensa que acaba por agregar as pessoas em torno dessa região tida como um núcleo convergente. A análise da proposta de vida dos primeiros habitantes desta região, foi entender como foram criados e reforçados alguns elos de solidariedade comunitários.

Como eles viviam em comunidade? A bem dizer, sua vida era um jogo de "ou tudo ou nada". Acredito que os primeiros habitantes desta região foram todos náufragos do caos em que estava a própria comunidade internacional naquele momento. Entre eles existia a consciência de estar vivendo um momento único e talvez último em suas vidas; e essa consciência permitia que aceitassem viver esse desafio da melhor maneira possível, o que certamente não ocorreu com todos de uma maneira

---

<sup>21</sup> SHANKMANN: 1984

<sup>22</sup> Geertz: 1997

homogênea. Muitos são os relatos daqueles que enriqueceram e acumularam bens em detrimento de um grande número que apenas vendeu sua força de trabalho.

Esse modo de produzir e reproduzir-se, de viver em uma clareira de floresta, ou até ter que ficar a maior parte do tempo em plena mata virgem para alguns, descartava a possibilidade de questionar o desajuste social. Mais importante do que se ajustar era sobreviver. A quê? Ao selvagem, ao inédito, ao precário, ao perigo do novo, à solidão e à ausência de qualquer resquício daquilo que LS considerava cultura, encontrados em momentos esparsos na solidão do trabalho.

*“26.2.1944-(...) fiquei em Apucarana para conversar com o dr. Diment ele estava alcoolizado quando cheguei lá e passei uns momentos agradáveis em casa d’ele, tinha um alemão (Gothainer) de Lovat que estudou em Besançon e me falou da família Jose Tacola que mora em Lovat e fala francez.<sup>23</sup>(...)”*

Os habitantes viviam em pequenos povoados ou “abertos no mato”. Muitos dentre eles não podiam ser definidos como um agrupamento de “falantes da mesma língua” ou como sendo uma comunidade linguística homogênea em sua origem. No entanto, a identidade de origem dos habitantes e, com ela, a possibilidade de serem ou não falantes da mesma língua de origem sequer se colocava como problema para esses primeiros desbravadores.

---

<sup>23</sup> Grifo da autora.

*"5-12-48 Dona Amélia depois de tanto sofrimento morreu as 2H40 da tarde. Recebi horas antes a visita de Mr. Thomas e Dr. Aristides que me pediram acompanhar o Sr. Crozet um patricio recém chegado ficou tudo combinado para amanha. Contei a elles que dona Amélia estava agonisando pediram desculpas."*<sup>24</sup>

*"6-12-48 -(...) De tarde segui junto com o Sr. Crozet enviado do Conde de Vitny assim como do ministério da agricultura. Fomos pousar na fazenda do Dr. Caphan em Rolândia."*

Quanto aos imigrantes, a mudança de seus países de origem, ou seja, o berço europeu, que o início do século trouxe para suas vidas provocou tal impacto que a necessidade de sobrevivência física passou a sobrepor-se às outras exigências, inclusive aquelas comuns de adaptação e integração. Uma nova sociedade estava sendo criada e ela podia determinar quais valores seus membros iriam adotar.

Diferentes relatos de sobreviventes desse grande naufrágio do início do século, provocado pelas crises sócioeconômicas e políticas, mostram que o desafio que a nova realidade trazia era de tal porte que os laços de reforço social aumentaram em intensidade e quantidade, quando essas pessoas finalmente chegaram em terra firme. A compreensão grupal e a tolerância uniam de uma maneira indiferenciada diferentes etnias e pessoas de variadas camadas sociais na mesma tenda, a ponto de permitir que eles pudessem não apenas descansar juntos de sua longa jornada, como

---

<sup>24</sup> Arthur Thomas, foi um dos diretores da Companhia de Terras Norte do Paraná.

também reconstruir suas histórias pessoais até que conseguissem formar uma nova coletividade.

*“2ª F. 27-3-44 - Hoge cedo seguiram o Lazinho para Jandaia e o Marciliano para buscar assucar e arroz no Julio Machado. Lazinho vae encontrar com o Paulo devendo voltar 5ª feira. Fiquei o dia todo no acampt. Os outros camaradas,<sup>25</sup> José Trigo e José Bernardes foram no espigão. Sosinho no acampt. a lutar com os borrachudos e mosquito pólvora. É desesperante creio que se tivesse que ficar 2 mezes assim isolado enlouqueceria. Ficaram a mulinha e o burro este preso no cabresto, e a mulinha sumiu no matto, de tempo em quando o burro rinchava ele também sentia solidão. Depois de tratá-lo soltei-o e ele foi embora do lado de Jandaia. Pensei encontrará o Marciliano que o trará de volta. Não foi preciso daí a pouco ele apareceu e logo depois a mulinha, ficando os dois juntos. Pelas 5 horas Marciliano chegou trazendo arroz e assucar. O Sr. Julio Machado está doente, será solidão também (...)”<sup>26</sup>*

*“4ªF. 24-5-44 Chegamos no meu acampt. onde posaram o Cel. Gabriel Jorge Franco com carta do Dr Garbarino e o Dr. Dante Pazzanese medico cardiologista de*

---

<sup>25</sup> “Camarada” é a denominação que LS dava aos trabalhadores que contratava para as empreitas.

<sup>26</sup> Grifo da autora.

*fama. Tratei-os do melhor que pude. Durante a noite eles ficaram doentes e embora eles estivessem acomodados na minha barraca não dei fé quando levantaram.(...)”*

LS aponta justamente para essa formação de novas identidades, para essa nova confraria de naufragos, de cuja configuração e mapeamento cotidiano ele será artífice na busca de seu significado, na medida em que aquele que escreve se situa em um patamar de distância, proporcionando assim uma visão mais ampla da realidade circundante. A abertura do agrimensor francês para o mundo permite que ele efetive múltiplas interconexões com os mais variados grupos. De seu Diário surgem biografias inusitadas nas quais o autor fala em tom íntimo e, às vezes, comovido por diferentes dramas vividos pelos trabalhadores, pelos amigos, pelos acidentes de animais durante o trabalho, etc.. Pragmático, Surjus ao fazer uma pequena síntese de cada dia consegue entrecruzar diferentes instâncias de modo surpreendente, claro e seqüencial, não desprovido de estilo ou humor.

*“2ªFeira 12-3-45 – Cedo levantei para preparar a mudança. Os 4 foiceiros seguiram para as picadas. Antes da saída a Boneca se jogou 2 vezes no chão derrubando a carga afinal partimos, o cavalo não queria subir a ladeira do outro lado do córrego, finalmente abrindo um desvio e arrumando a carga conseguimos sair. Dali para deante tudo foi bem ou quase, a mula branca muito carregada afundou n’um buraco precisamos descarregar ela e carregar de novo. Finalmente ao subir uma ladeira íngreme ela perdeu a sobrecarga foi o*

*último incidente.(...)Este acampt. bate os recordes nas abelhas, tendo um colosso de abelhas do reino, uma se introduziu embaixo do meu véu e me mordeu no beijo estou com um beijo a fazer inveja a um Senegalez(...) “<sup>27</sup>*

Ao contrário de muitos que fizeram de suas vidas uma busca da riqueza, o agrimensor francês trocou, talvez inconscientemente, a possibilidade de ser mais rico pela arte de viver, criando e retratando realidades.

Segundo Clifford Geertz<sup>28</sup>, as estruturas de significado de uma dada comunidade podem ser apreendidas através de instrumentos conceituais, de generalizações com os dados que supõem a utilização de mitos, ficções, arquétipos, semântica e sistemas de relevâncias. Através das diferentes partes desse trabalho, pretendo demonstrar que o Diário de LS está repleto de descrições às quais esses instrumentos conceituais podem ser aplicados. O mais famoso deles, sem dúvida, é o do mito do Eldorado sempre presente, tal qual vivido pelo farmacêutico de sua citação:

*"6ª F. 22-8-47 - (...) Encontrei em Bom Sucesso um novo farmacêutico que morou muitos anos em Goiaz e que conta muito da vida de lá. Mineiro criado em São Paulo elle tem uma predileção por aquelle estado do qual elle se retirou devido sua vida correr perigo devido a encrencas politicas nas quaes elle se meteu. Pelo que elle conta aquilo lá é um paraiso terreal, vida fácil mas pouco dinheiro. É um amante*

---

<sup>27</sup> Grifo da autora.

<sup>28</sup> GEERTZ: 1997.

*exaltado do Rio Araguaya 'estar nas margens d'aquelle Rio é estar perto do ceu' é uma das suas expressões. A moral lá está ainda do mesmo modo que St. Hilario descrevia, não melhorou ou piorou muito, depende do ponto de vista de cada um."*<sup>29</sup>

A referência a um dos viajantes que visitou o Brasil (Saint Hilaire) é revelador de seus estudos, da importância dessas viagens e o situa ao lado desses exploradores, de quem conhecia o valor.

Entretanto, talvez pelo estilo que o agrimensor tornou sofisticado, ao interpretar seus relatos, a atividade humana assume a qualidade de um texto coerente e pleno de significados, no qual diferentes vozes interpretam o mesmo real, a polissemia.

*"4ª F. 3-5-44 - Sahimos hogue de Jandaia de madrugada com a carroça: João Farias, Marciliano, Sergio, Emiliano, Pedro Dias, José ? , Otilio. Também conosco vieram José Candido e mulher. De noite voltou seu Julio Machado e chegou a mulher do dono do porto Ivai onde temos que chegar com o serviço. Já dei uma vez remédios a esta senhora para uma filhinha que tinha maleita; dei mais para outro menor"*

---

<sup>29</sup> Grifo da autora.



*“5ª. Feira- 7-9-44: Em conversa com o Sr. Antonio Gonçalves Gomes, elle lembrou-me um fato quasi esquecido, o dia de Santo Antonio 13 de Junho 1929 elle veio comigo de Paraguassu Paulista com João Evangelista no caminhão do Chiquinho Deliberador viemos encalhando pelo caminho afora. O maior encalho foi nas Sete Ilhas ao pé do morro, onde assistimos a uma cena entre o italiano Matesco que mora lá e uma filha. Elle estava bêbado e acusava a filha de ter se entregue a não sei quem. Eu levava 2 automovinhos para o Alexandre e o Gilberto. É interessante 15 anos depois vir encontrar aqui no meio do matto esta recordação.”*

Essas longas citações apontam para a qualidade mais visível de LS que é a observação do mundo onde está vivendo.

A partir da análise de documentos, uma etnografia busca entender o significado da narrativa do ponto de vista do “nativo” ou do pesquisado. Isto é, quais são os conceitos importantes na constelação de seus interesses; como ele percebe ou sente as pessoas; quais são as regras defendidas por ele nesse mundo recém-criado? Enfim, como podem ser avaliados os relatos ou as descrições que ele nos legou através de seu Diário?

Assim, fazer uma explicação interpretativa significa enfocar construções sócio-culturais. Shankman afirma que a teoria interpretativa clássica falhava justamente por não ter critérios específicos para avaliar as questões culturais. Para Geertz, uma boa interpretação de “qualquer coisa” – de um poema, de uma pessoa, de uma

história, de um ritual ou de uma instituição – nos leva ao coração daquilo que é o objeto da interpretação.<sup>30</sup>

Iniciei, portanto, a pesquisa etnográfica dos documentos de LS guardados e arquivados no Museu Histórico de Londrina. As perguntas que me fiz, para iniciar a análise de suas narrativas, foram as seguintes:

1) O que Surjus pensava:

(a) dos brasileiros como um povo?

(b) da cultura brasileira;

(c) da região?

(d) do seu próprio trabalho?

(e) do país sob os diferentes ângulos?

(f) dos elementos de resistência, assimilação e aculturação nesse novo mundo?

2) Até que ponto sua percepção desse mundo estrangeiro transparece em suas narrativas – na medida em que seu ponto de vista é filtrado por suas tradições sócio-culturais e pela sua história pessoal?

3) Como se poderia descrever sua adaptação ao cotidiano e quais teriam sido os maiores problemas que ele encontrou na adaptação ao seu novo mundo?

4) De que maneira Surjus teria conseguido repensar suas dificuldades e ultrapassá-las?

---

<sup>30</sup> Ibidem, p.221.

Para responder a essas questões que nortearam o início da pesquisa, a partir desse arcabouço teórico sócio-cultural e etnográfico expresso nos documentos escritos, realizei também entrevistas com familiares, antigos pioneiros e seus descendentes<sup>31</sup>. Através desses contatos minhas informações sobre a pessoa do agrimensor francês aumentaram significativamente. Além do mais, obtive acesso aos seus documentos pessoais, correspondência e obras que não constam das doações feitas ao Museu.

Pela trajetória de vida de LS, vimos que ele viajou, conheceu outros mundos, teve a ocasião de rever seu país de origem, abriu fronteiras no país que escolheu para viver, desbravou. Seu trabalho de agrimensor lhe permitiu viver aventuras, tais como a possibilidade de ver animais selvagens, a natureza em estado virgem, o por do sol, nadar em rios e ribeirões, conviver com abelhas selvagens, etc.;

*“5-2-44 – (...) Um dos incômodos dos acampamentos são as abelhas.”*

*“4-2-44 - É raro o dia em que não somos mordidos por ellas (as abelhas) (...)”*

*“22-3-44 – (...) Hontem e hode o tempo foi bom, será que elle afirmo??O acampt onde voltamos é mais alegre e pode se nadar. Estou melhor da gripe me banhei na chegada e não me fez mal.”*

---

<sup>31</sup> V. entrevistas no Apêndice III.

*“23-8-44 – (...) Nadei um pouco de tarde na barra do Itacolomi, o rio Bom aqui tem uns 40 m. de largura e as águas são baixas devido a secca que não acaba mais.(...)”*

Em suma, sua experiência de vida como desbravador lhe agradava tanto que seu filho Gilberto chega a afirmar posteriormente que o maior amor de seu pai era o “sertão”.

Ao longo de todo seu percurso, preocupou-se em compor um Diário no qual registrava fatos de sua vida como desbravador-pioneiro. Possuindo uma educação formal como agrimensor, LS também tinha inclinações intelectuais bastante pronunciadas. O seu gosto pela prática do registro em Diário foi precedido por leituras que reforçaram, lapidaram e sofisticaram sua maneira de escrever, possibilitando-lhe, além de um domínio notável do português e das diferentes expressões populares ou jargão, uma redação própria e bem elaborada em que está presente um estilo pragmático, porém bastante personalizado. Citarei alguns dos autores - que examinarei mais atentamente em outra parte deste trabalho - que demonstram seu gosto por este estilo literário e que também lhe serviram de base teórica. São eles: Etienne Tardif, Christophe Paulin, Thomas Davatz, Fernando Ortiz Echagüe, Costa du Rels<sup>32</sup>, entre outros.

Alguns dos seus Diários receberam posteriormente tratamento especial: foram por ele recopiados, com a perspectiva, certamente, de futura utilização. Originalmente escritos a lápis, utilizou-se de caneta esferográfica para fazer a cópia final.

---

<sup>32</sup> A discussão das leituras realizadas por LS fará parte do capítulo denominado *Marginália*.

O agrimensor, quando em trabalho de campo, nos acampamentos designados pela C.T.N.P., registrava à noite os acontecimentos daquele dia. Suas agendas tinham o seguinte conteúdo:

- 1) calendário impresso;
- 2) informações sobre impostos, taxas;
- 3) compras, vendas e consignações, tabelas de câmbio;
- 4) horas, locais, dias santificados;
- 5) registros feitos à mão, a lápis ou a caneta;
- 6) impressões passadas a limpo.

Costumava transpor as anotações das agendas para alguns cadernos nos quais "corrigia", acrescentava e modificava os registros iniciais, desde que fosse necessário. Essa reescrita ocasionava algumas pequenas diferenças entre aquela feita no mato e as transcrições posteriores, realizadas na cidade. O que chama a atenção é que eram correções feitas muitas vezes anos depois da escrita original, já incluindo uma nova leitura e uma nova visão dos fatos narrados.

Seus Diários, que foram escritos no período de 1944 a 1985, possuem interrupções de até dois anos de registro. Nas entrevistas realizadas com os seus familiares, foi possível recuperar alguns deles que preenchiam lacunas importantes de sua história. Foram escritos em português, mas em alguns momentos o autor utilizou-se de sua língua natal, a francesa.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Além dos Diários, LS organizou uma biblioteca com cerca de 400 livros, que, juntamente com jornais e revistas brasileiros e franceses, formam o seu acervo pessoal doado pela família do agrimensor ao Museu Histórico Pe. Carlos Weiss de Londrina.

*“24-09-44 – J’ai resolu d’ecrire de temps en temps en Français afin de ne pas trop oublier. Qui sait si finalement je ne resoudrai pas de revenir en France ou d’aller dans une colonie.”*

Utilizei as anotações dos cadernos e das agendas, buscando fazer um cotejamento entre ambos a fim de obter melhor domínio do cotidiano vivido pelo agrimensor.

Para compreender o cotidiano de LS como funcionário da C.T.N.P., é preciso definir o papel que essa Companhia<sup>34</sup> teve como empresa expansionista na região no final da década de 20. A Companhia de Terras na medida em que difundiu e propagou a idéia de enriquecimento fácil, apresentando a região em seus folhetos de propaganda<sup>35</sup> como um lugar ideal, criou todo um mito de riqueza da terra, no qual a realização pessoal dar-se-ia sem maiores problemas. Além disso, o mito da própria Companhia foi acentuado por seus empregados e funcionários, conforme é possível verificar nas correspondências<sup>36</sup> e no noticiário da imprensa local da época.<sup>37</sup> A Companhia ainda é louvada e elogiada como empresa que trazia o desenvolvimento à região Norte do Paraná e até como a criadora da reforma agrária na região. Ela colocava-se, ao mesmo tempo, como distribuidora de oportunidades que permitiriam o almejado enriquecimento individual e como promotora do desenvolvimento da região Norte do Paraná.

---

<sup>34</sup> Conferir Apêndice II.

<sup>35</sup> Vide anexo folheto de propaganda da C.T.N.P.

<sup>36</sup> Conforme projeto de pesquisa citado anteriormente.

<sup>37</sup> Anexos jornais da época.

Esse papel da C.T.N.P. é confirmado de modo escrito e oral, por relatos deixados pelos chamados pioneiros. A promessa de riquezas que a nova terra oferecia, atraiu pessoas de quase todo o Brasil, principalmente da Região Norte e Nordeste, de Minas Gerais e São Paulo.

Nos seus Diários, LS apresenta um discurso variado. Nele, podemos encontrar o poeta, o leitor, o trabalhador, o homem de negócios, o intelectual, o político, o patriarca. Essa multiplicidade define o caráter singular ou a originalidade do imigrante francês que procurou preservar, com rigor, sua origem européia. Manter o convívio social à maneira européia constituía-se uma de suas preocupações, sobretudo quando se encontrava em Londrina com a família.

*“Domingo 18 de Junho 1944 - Festejamos simultaneamente os aniversários de Marina e Carlos. Houve um banquete e um baile, onde saíndo do sério dançei, coisa que não me acontecia a 20 anos +/- . Tinha a dona Clotilda, Aidé e Irman umas outras moças, o Sr. Walter namorado da Marina que fiquei conhecendo n’este dia e diversos outros. O baile foi animado, o Alexandre no fim levou todo mundo no cinema. A Otacilia é quem organizou a mesa que ficou um primor, a Amélia e Teresinha estavam também.”*

A leitura de seus escritos permite, dessa maneira, incursões as mais variadas que passam pelo cotidiano do homem de fronteira que ele foi no seu país natal e que continuou sendo no Brasil, até o estudioso que buscava compreender, conhecer e esmiuçar as duas culturas que nele conviviam.

Todos os seus relatos são cuidadosos, não deixando escapar nenhum detalhe. É atento na descrição dos acontecimentos sociais e daqueles que pressentia serem a história da região em formação. Narra as atribulações de um estilo de vida em que o próprio fato de estar presente em uma situação de dificuldade e possuir algum treinamento ou boa vontade abrange a possibilidade de resolver inúmeros problemas do cotidiano. A escassez de profissionais fez que ele desempenhasse, de improviso, o papel de veterinário, de farmacêutico, podendo, desse modo, resolver os contratemplos do dia-a-dia. O autor descreve a passagem seguinte com muito bom humor, utilizando até mesmo frases de duplo sentido, demonstrando estar à vontade na prática da língua portuguesa.

*“Domingo 5 Nov. 44 - Mudança! desastre com o burro Rochedo — o burro muito carregado chegou n’um trecho de picada aberto pelo irresponsável Marciliano o burro caio de costas e um toco penetrou-lhe no abdomen. Arrancamos elle do toco, tinha os intestinos de fora. Consegui introduzir de novo e costurei o buraco com cordel e faca. Soltamos o burro que disparou do lado da água.”*

*“2ª Feira 6 Nov. 44 - Fui com o Marciliano ver o burro Rochedo que encontramos morto. Em questão de cirurgia so ruim pra burro”<sup>38</sup>*

Descreve seus hábitos na solidão do mato, onde ler era uma das suas atividades preferidas.

---

<sup>38</sup> Grifo da autora.



*"Domingo 11.2.45 ... estou lendo Imitação de Cristo traduzido pelo padre Leonel Franca, espero que esta leitura prolongada e repetida me faça bem."*

A narrativa assume caminhos inusitados, próprios do autor, quando registra fatos tristes e relatos exagerados, certamente frutos do convívio entre desbravadores e peões, obrigados a acampar no meio do mato e a partilhar as mesmas condições de vida e de sociabilidade.

*"2a. feira 20.5.46 - O Chico voltou arrancou 2 dentes viu uma onça, ouviu cantar de outra que lutou com um bode que tinha um sincerro no pescoço etc., etc."*

Os relatos do dia-a-dia mostram um cotidiano em que, por questões de trabalho, o agrimensor muitas vezes dormia em acampamentos precários e improvisados, no meio das glebas que ele e seus parceiros mediam e em "picadas" abertas no meio da mata densa. Os relatos sobre animais e as constantes preocupações com a boa cozinha permeiam sua escrita, como ele mesmo afirma:

*"6a. feira 2.3.45 - O cosinheiro novo nos preparou um bonito almoço, ele é diligente e aseado. Tem uma triste historia pelo que me contou o tropeiro."*

Mas a escrita de LS demonstra ainda ser uma narrativa íntima, pessoal, sobretudo na sua descrição dos sentimentos causados pela beleza da

natureza, pela visão de animais silvestres brincando, etc. Seu tempo é medido pelo trabalho, mas o trabalho não o afasta do seu poder de contemplação, do debruçar-se sobre a totalidade da relação homem-natureza, quando tudo pára e revela-se o ser poético.

*"6a. feira 17.5.46- Faltam 20 minutos para 10 da noite o acampamento esta adormecido so se escuta a musica dos grilos e o cantarolar de uma pequena corredeira um pouco para baixo."*

*"6ª F.20 out.1944 - (...) Fiquei a beira do Rio apreciando a vida, dai a pouco saíu um bando de 5 ou 6 ariranhas, fiquei imóvel, mas o vento com certeza levou meu cheiro, eles de repente fugiram a uns 150 m. de mim, depois aparecera uma vindo Rio abaixo até chegar a 20 m. de mim, pela 1ª vez pude apreciar este bicho interessante, de perto, mergulha, para tempo dentro d'água, depois sae espirrando, tossindo, nada, para, espicha o corpo fora d'água, depois de um certo tempo, mergulhou de novo, demorou e reapareceu com um enorme peixe atravessado na goela, então saíu Rio acima barulhentamente e a toda velocidade."*

*"3ª Feira 4-9-45 - (...) temos Rio acima uma bela corredeira, tirei um instantâneo mas não sei se dará uma pálida idéia do bellissimo panorama que tenho do ponto onde eu escrevo. A noite vae cair e as abelhinhas, tão incômodas*

*foram embora, mas elas estão sendo substituídas pelos biriguis, pólvora e outros 'amigos' inseparáveis dos desbravadores do sertão."*

Além da ênfase da dimensão pessoal, existe no relato a preocupação do detalhamento na descrição, mostrando que o agrimensor, em nenhum momento esquece de se referir ao tempo histórico que está vivendo e ajudando a construir. A construção do tempo histórico será uma constante por toda a sua escrita. LS mantém-se fiel às datas dos acontecimentos (criação de novas cidades, vilarejos, "patrimônios", abertura de picadas, denominações de rios e ribeirões), mais ainda pela certeza do sucesso do empreendimento da companhia inglesa na região.

*"6ª F. 7-4-44 - Não trabalhamos hoje (sexta feira santa) como ficar no acampamento o dia todo é um suplício devido aos borrachudos, resolvi ir até o Julio Machado, são 2 léguas mas é melhor que ficar aqui. Segui, e ao chegar no abortado projeto de patrimônio do Dr. Joaquim Vicente de Castro, encontrei com um morador novo que comprou o lote do João Rosa, esperando o Julio Machado que vinha sahindo. Fomos todos à casa do dito morador e lá resamos um terço. Pouco depois fui embora chegando no acamp sem novidades de tardesinha."*

*"Nota 1968 - O Patrimônio 'gorado' é hoje sede do município de Bom Sucesso, cujo co fundador é o Sr. Julio*

*Machado o Sr. João Rosa Bueno de Itapetininga que conheci em 1912 em Iaras município de Sta. Bárbara do Rio Pardo, é um dos maiores pioneiros do Norte novo chegou a barra do Biguá em Sertanópolis em 1918 ou 19???. Plantou a maior parte do café da fazenda Paraíso em Bela Vista, e um dos fundadores de Sertanópolis. Em 24 ou 15 de Sertanópolis veio fazer uma derrubada entre as atuais Londrina e Rolândia ao Sul da divisa da Concessão Paulo e Silva divisa que em 1968 está sendo em parte transformada em avenida para dar acesso à futura Universidade de Londrina. Esta derrubada era para um cafésal que devido as dificuldades não foi plantado, ia até um ribeirão, o qual ao ser levantado pelos irmãos Palhano (Joaquim) se não me engano recebeu o nome de ribeirão do Cafésal que conservou até hoje, e alimenta a cidade de Londrina.*

*Nota 1973 - "Bom Sucesso profecia errada. No apontamento acima do dia 7-4-44 digo: Segui, e ao chegar ao abortado patrimônio do Dr. Joaquim. O "abortado" patrimônio, é hoje a cidade de Bom Sucesso. Naquele tempo tinha 2 casinhas de madeira que o Julio Machado cofundador da cidade construiu por ordem do Dr. Joaquim. Mas não tendo conseguido água nos poços que elle furou, elle foi morar n'um rancho na cabeceira do correjo mais próximo."*

LS pretende ser *autor-personagem* dessa história e acaba sendo-o, pela tenacidade com que dá continuidade às suas narrativas;

*“2ª Feira – 2 Out.1944 – Continuei o levant do rio Bom hoje e o acampmt seguiu para a barra de um ribeirão que na planta velha está marcado como sendo barra do Itacolomi, mais um erro geográfico que vae ser desfeito. Tenciono batisar este ribeirão por Rib. Dos Tangaras, caso não exista este nome lá na nomenclatura da C.T.N.P..”*

Suas descrições da vida social no pequeno núcleo urbano constituído naquele momento pela cidade de Londrina (1944-45, final da Segunda Grande Guerra) demonstra sua preocupação visível em manter-se atualizado culturalmente, numa constante identificação com o velho mundo.

*“5ª Feira – 24-8-44 - Continua o noticiário sobre a libertação de Paris que foi efetuada pelas forças do interior ajudadas pela população e terminadas pela divisão blindada do general Leclerc que está sob as ordens do general Bradley. O general Paton chegou a Troyes, Meaux foi ocupado.A Rumania declarou guerra à Alemanha, os russos chegaram ao Danúbio a Bulgária pediu armistício. Chegamos ao fim ao que parece.”*

*“23 Set. 1944- (...) Resolvi que o Pedro Dias saísse amanhã para Lovat buscar umas cousas que falta, e trazer jornaes. Sera mesmo que a guerra acabou? Como me presentiu uma carta de Gilberto? que recebi o dia 8. Estamos a 30 ou 40 km de Jandaia mas na realidade mais isolados do mundo que se estivessmos no centro da África. Espero ir em casa no fim do mez tenho saudades dos meus.”*

*“3.1.46 - Fui de noite ao cinema com Julieta assistir o filme ‘Emilio Zola’.”*

O autor combinava o trabalho intelectual com o árduo trabalho de agrimensor num momento em que essa atividade implicava percorrer florestas e descampados cheios de animais perigosos, atividade esta que o obrigava a permanecer por longos períodos distante da "civilização" e da sua família, dormindo em acampamentos desconfortáveis, convivendo com pessoas de diferente formação cultural, como também de diferentes perspectivas em relação ao trabalho;

*“Sábado 23 set. 1944 Hontem ao entardecer depois de chegar a tropa fui à estaca N 43 onde verifiquei um erro que esperava encontrar lá e que efetivamente encontrei. Foi um alivio senão tinha que levantar de novo um enorme trecho de água. Tirei hoje a meridiana sendo bem sucedido. Os foiceiros Atilio, João Marciliano e Antonio, foram de novo de empreitada são 5.30H da tarde e ainda não*

*voltaram.É bom que aproveitem o dia pois que a vadiagem foi bastante (...)"*

Em alguns momentos da escrita, podemos verificar a sua perplexidade diante do pouco senso de organização dos seus empregados. Essa "desorganização" é mais bem ressaltada quando escreve sobre o valor e a importância do trabalho, da poupança, do cuidado com as despesas e dívidas, além da boa aplicação do dinheiro conquistado. Aliás, suas dívidas, despesas e contas são anotadas, cobradas e pagas pontualmente.

*"2.01.44 - Lazinho 10 m. cigarros Neusa , 1 facão, 1 cachimbo, 2 m.fósforos, 1 vidro sabão russo, 6 pares de meia, 1 Pinga." " 8.01.44 - Ao compadre Jandral devolvido 500 mil réis."*

*"5ª feira - 28-8-47 – Comecei o levantamento no P.P. O Augusto ia na frente e o José na ré. Fui até a estaca 43 e viemos embora porque estava trovejando e alem disto é necessário refazer os desvios que mandei o Marciliano fazer hoje cedo e que não prestaram. Já de noite e chovendo como aliás chove quase todas as noites chegou um capado que encomendei ao Dorico Rosa peso 96 kilos a 170cz a arroba representa o disparate de 974cz. Por 2 kilos de toucinho enxuto. Tive uma discussão com o Ataíde que queria me largar o capado na chuva em cima do girau. Foi necessário*

*dar ajudantes a elle para recolher o capado na barraca da cosinha. Elle pediu a conta depois resolveu mandar o José em embaixada, trocaram de emprego elle vae na ré amanha e o o José vae na cosinha. O motivo é que este safado gordo e vagabundo não tem haver nenhum.”*

## **b) L S : História, histórias**

Em vários momentos da pesquisa deparei-me com esboços de biografia de LS. Ele escreveu em alguns cadernos escolares e no jornal do Rotary Club sobre sua vida, seu trabalho, a experiência na Primeira Grande Guerra e o trabalho como agrimensor. Havia uma preocupação em deixar registrada sua trajetória, seu cotidiano, suas realizações.

Ludovic Gimer Surjus nasceu em 8 de fevereiro de 1897 em Argèles-Sur-Mer, pequena cidade fortificada da Província de Roussillon, Pirineus Orientais, perto da fronteira da Espanha. Veio para o Brasil aos 14 anos, na condição de imigrante, acompanhando a família que aqui buscava melhores condições de vida. Havia nele uma preocupação em deixar registrada essa trajetória, conforme explicita nesse recorte.

*“Nasci em Argèles-sur-Mer então no departamento dos Pyrineus Orientais no dia 8 de fevereiro de 1897, filho de Severin Surjus e Marthe Gimer. Meu pae era chefe da policia local e descende da familia Surjus uma das fundadoras da*



*cidade do tempo de Carlos Magno. Minha mãe nascida também em Argèles era filha de pae vindo do depto. visinho e mãe de Argèles.”*

As informações relacionadas com a região onde nasceu e a sua família são detalhadas, cuidadosas e ao longo de sua vida foram completadas por uma de suas primas, correspondente constante e fiel que continuava residindo na França.

O testemunho de Surjus cobre sua vida escolar, iniciada em tenra idade quando estudou obrigatoriamente o francês na escola, embora falasse o catalão com seus camaradas e amigos. Começou o grupo escolar aos 6 anos, cuja duração obrigatória era de 6 horas de aula por dia. Já no segundo ano de escola afirmava conhecer toda a Geografia universal, tendo sido obrigado a aprender de cor os 89 departamentos franceses, suas capitais e subcapitais.<sup>39</sup>

Nessa época, teve as primeiras informações sobre a geografia do Brasil, o nome de sua capital, além de noções gerais de seu povo e de sua economia. No entanto, entre a infância e o início da adolescência, de acordo com seu relato, a família de Surjus, por causa das dificuldades econômicas e em busca da sobrevivência, mudava-se de cidade em cidade, como demonstra no seguinte trecho:

*“Em 1910, quando eu tinha 13 anos resolveram mudar para Toulon. Em Toulon - 1º porto de marinha de guerra da França que se acha n’uma bahia, na mesma posição que Niteroy na bahia do Rio, meus paes abriram um bar na rua d’Alger que terminava no pateo velho de Toulon,*

---

<sup>39</sup> Optei por manter a palavra departamento usada por Surjus, em lugar de “estado”.

*e mais tarde, no bairro do Pont du Lac na avenida que rumava para Marselhe. Abriram uma venda de vinho de nossa terra natal. Cerca de 13 mezes depois de nossa chegada a Toulon, mudamos para Marselhe.”*

Em Marseille, LS estudava à noite e trabalhava durante o dia com seus irmãos. O seu interesse pela leitura começou já nessa época, idéia certamente incutida por seu pai que tinha o hábito de leitura e colecionava jornais e revistas, mantendo a coleção do *Journal de Voyages*<sup>40</sup> órgão da Sociedade Geográfica de Paris, durante vinte anos. Tendo lido toda aquela coleção, LS informou-se sobre as explorações francesas no Brasil até 1902 e desse modo tomou conhecimento das viagens francesas e das explorações realizadas no Rio Araguaia às expensas do governo do Pará.

Nos escritos de LS evidenciam-se, nas marcas pessoais de seu relato, as lembranças de um forte sentimento de coesão familiar. Com a idade de 13 anos já conhecia a luta da família pela vida, pela sobrevivência e a ela se associava. E assim descreve o seu local de moradia, junto ao local de trabalho.

*“No centro de Marselhe fundada cerca de 500 anos antes de Paris por gregos vindos de ‘Focea’ hoje Libano, meus paes e familia ocupavam uma casa, em baixo. Tinham uma venda de objetos (sic) alimenticios, ocupavam um andar, alugavam outro.”*

---

<sup>40</sup> A coleção *Journal de Voyages* faz parte do acervo pessoal de LS, depositado no Museu Histórico de Londrina.

No seu discurso evidenciam-se as marcas pessoais de seu relato, as suas lembranças, o seu imaginário. No relato acima está privilegiada a memória.

A memória pode conservar certas informações psíquicas que permitem atualizar impressões, informações. Está ligada à auto-organização e conduz o relato na medida em que a informação passada substitui o evento que é a causa mesma do relato. A memória individual é vigiada por alguns mecanismos que, conscientes ou não, atuam como elemento de censura, permitindo, entretanto, que seja dado livre curso à imaginação e à fantasia, ainda que procure preservar os momentos históricos relevantes.

A decisão de imigrar por parte de sua família foi ocasionada pela decadência financeira e pelas dificuldades advindas enquanto vivia na cidade de Toulon. De início, diz ele, todos pensaram em ir para o Canadá onde lhe eram oferecidas terras em quantidade três vezes maiores do que no Brasil, além de passagens para toda a família. As condições climáticas, contudo, levaram a família a optar pelo Brasil. O relato de Surjus mostra o difícil momento de deixar o país de origem, enfrentando com a família o grande enigma do êxodo, além da travessia do mar para uma terra distante. Momentos de incerteza desde a viagem até o contato com o desconhecido. É a saga do homem, do migrante, assim descrito:

*“Meu pae trabalhava para uma agencia. Mas meus paes queriam emigrar. Meus irmãos e eu continuavam sempre estudando e também trabalhando. Finalmente meus paes resolveram emigrar. E um dia com despedida comovente de numerosos parentes, embarcamos para o Brasil n'um navio da Cia. de Transportes Maritimos. Eram*

*muitas famílias que iam para Argentina e umas poucas para o Brasil.”*

A primeira impressão que as famílias francesas tiveram dos brasileiros ao chegar, e que foi dessa maneira registrada, permanecendo durante muito tempo em sua memória, era de que os “nativos” podiam ser caracterizados como um povo extremamente gentil, cordial, alegre e efusivo, apesar do registro conter uma ponta de ironia.

*“Chegamos em Santos com banda de música nas ruas, bombas e petardos, um homem que apiou conosco disse: Mas como são gentis os brasileiros pela chegada de 1/2 dúzia de emigrantes francezes fazem um festão d'estes. Mas não era nada d'isto. É que chegamos na pequena Santos de então no dia '15 de novembro de 1911'- aniversário da proclamação da República.”*

Portanto, a família Surjus composta por cinco membros (os pais, dois filhos e uma filha) chegou ao Brasil, no porto da cidade de Santos, em 15 de novembro de 1911. A viagem da família foi paga pelo governo brasileiro dentro das modalidades comuns desde o início deste século para imigrantes europeus. A cultura do café exigia mão-de-obra e por não pretenderem utilizar os serviços dos descendentes de escravos, os cafeicultores paulistas abastados, através do governo federal, estimularam e financiaram a vinda de imigrantes; o trabalho das famílias na lavoura cafeeira pagaria as despesas com a travessia marítima.

*“Passamos 1 noite em Santos muito bem tratados pela emigração. E no dia seguinte fomos a São Paulo de trem, puxado na subida da serra por cabos.”*

*“Na emigração em São Paulo em quartos especiaes, muito bem tratados, n’aquele tempo todos os brasileiros cultos falavam francês.”*

No relato oral, pertencente ao acervo de gravações do Museu, LS conta fatos de sua vida, da importância do trabalho que realizou e passa grande parte do tempo corrigindo a pronúncia dos nomes de algumas famílias francesas que imigraram à mesma época que a sua.<sup>41</sup>

À época da chegada ao Brasil, o presidente da República era o Marechal Hermes da Fonseca e o Ministro da Agricultura, Rodolfo Miranda. Este, profundo conhecedor e admirador da língua e das manifestações culturais francesas, foi o grande incentivador da imigração francesa para o Brasil, segundo Surjus, que afirmou ainda ter a primeira imigração francesa ocorrido em 1908.

Em seguida, a família Surjus foi conduzida para a região de Cerqueira César ou Monções no interior de São Paulo, estado da imigração onde se concentrava a pujança da cultura cafeeira e ainda por ser o local que acolheu o maior número de imigrantes em dois momentos: 1. início da produção cafeeira; 2. industrialização. A família de LS, como a de outros que haviam chegado naquele momento, recebeu uma casa de 3 a 4 cômodos dentro de um lote de 10 alqueires de terras

---

<sup>41</sup> Os relatos orais estão depositados no Museu Histórico de Londrina.

naquele lugar. Os lotes eram vendidos aos recém-chegados pela quantia de três contos de réis pagáveis em um prazo de 10 anos, com 3 de carência. Tudo indica que o compromisso assumido pela família no tocante às condições de sua vinda foi honrado.

Durante toda a sua vida, no interior de São Paulo e em Londrina, o agrimensor manteve um contato muito próximo e constante com a cultura de origem, quer pela assinatura de jornais e revistas, quer pela aquisição de livros de literatura e história francesa, além de manter intensa correspondência com parentes da França. Apesar de, visivelmente, valorizar mais a cultura francesa, Surjus tinha em seu acervo pessoal livros, revistas e jornais em inglês, catalão e português, com assuntos os mais variados.

Gilberto Menck Surjus, um de seus filhos, faz a seguinte observação:

*“A família do meu avô ficou trabalhando na agricultura no núcleo Monções, hoje Iaras de 1911 a 1914. Meu pai e meu tio mais velho foram convocados pelo governo francês para a guerra. O meu pai foi ferido e em seguida ficou preso até o final da guerra”.*

Obedecendo ao recrutamento para a Primeira Grande Guerra que a França fez a seus filhos, LS e seu irmão Alexandre partiram para o "front". Alexandre foi morto em combate 15 dias antes da assinatura do Armistício. LS permaneceu três anos e meio na Europa e muito sofreu com o conflito. Além de retornar sem o irmão, foi baleado na perna e mantido preso até o final da guerra. Era uma pessoa muito tolerante, amante da paz, incapaz de violência ou atos de agressão, e ficou muito

magoado durante a guerra quando matou um soldado alemão; após o seu término, tentou localizar a família do rapaz, sem qualquer resultado.

Passado o tempo necessário para o pagamento da viagem da família ao Brasil, todos se transferiram, depois do retorno de LS da Europa, para a pequena cidade de Santa Bárbara do Rio Pardo, São Paulo, onde se estabeleceram. Segundo Gilberto Surjus<sup>42</sup>:

*“Quando a família do meu pai veio para o Brasil, vieram 20 famílias, mas 19 voltaram porque o governo não deu nenhum auxílio para a agricultura e eles não se acostumaram com a vida de nossos caboclos. Meu avô (o pai de L. Surjus) já era acostumado com serviço rudimentar, porque trabalhou na África a mando do governo francês.”*

LS trabalhou inicialmente em Santa Bárbara do Rio Pardo, onde casou com uma descendente de alemães, Julieta Menck, filha de Martinho Menck e Amelia Pffaifer, nascida em Sorocaba, São Paulo. A família Menck veio da Alemanha para trabalhar na fábrica de ferro de Ipanema, mas, não tendo sucesso com este trabalho, teve que se dedicar à lavoura e à pecuária.

Na década de 30 e 40, do século XX, a maior parte dos imigrantes que se dirigiram ao Norte do Paraná eram alemães ou seus descendentes. Tendo se casado com Julieta Menck, Surjus facilitou sua assimilação à sociedade local.

---

<sup>42</sup> Em entrevista à autora.

A sua vinda para o Norte do Paraná ocorreu em 1927, oportunidade em que – e sempre! - exerceu várias atividades. Chegando à região, morou em Sertanópolis, onde trabalhou com seu cunhado como ajudante de carpinteiro, uma vez que não havia trabalho para agrimensor. Para chegar a Sertanópolis, LS seguiu o mesmo percurso dos pioneiros da região, sobre os traços dos índios através do Rio dos Peixes. Atravessando o Rio dos Peixes chegou a um local habitado por uma figura patriarcal e quase mítica, o velho Biba, que possuía grande número de filhos espalhados por toda a parte e que se apossara de uma região a partir da qual se enxergava todo o Norte do Paraná, praticamente inabitado.

Atravessou o Rio Paranapanema de balsa e o restante do caminho foi feito a pé, visto que o caminhão no qual viajava encalhou, tendo chegado à cidade em 12 de agosto de 1927. Seu primeiro serviço como agrimensor de campo foi na cidade de Sertanópolis, onde trabalhou com alguns engenheiros, o que possibilitou o seu aperfeiçoamento como agrimensor.

Em 1928 veio a Londrina pela primeira vez, atravessando rios e matas. Acampou no lugar onde se encontra atualmente a Estação de Tratamento de Água, na avenida Juscelino Kubitschek. Sua mudança definitiva para Londrina ocorreu em 1935, quando as possibilidades de trabalho eram maiores e melhores.

A C.T.N.P. fazia o levantamento topográfico da região através da contratação de inúmeros agrimensores que, por sua vez, eram auxiliados por trabalhadores (chamados “peões”) recrutados em um sistema de empreita. Na qualidade de topógrafos ou de agrimensores, esses técnicos eram encarregados de caminhar em plena mata virgem, acompanhados pelos trabalhadores, ficando dias, semanas, às vezes até meses no local de trabalho, acampados, partilhando as dificuldades dos meios de comunicação, das estradas de difícil acesso e da própria condição de árdua subsistência



desse estilo de vida. Agrimensores, topógrafos e “peões” levavam seus bens e viveres, improvisavam cozinha e tendas em clareiras, em que um deles, de maior habilidade, era recrutado para a importante tarefa de cozinhar para todos.

*“3-2-1944 - O cosinheiro (Pulsino) amanheceu mais calmo, eu tive que chamá-lo a ordem e mais outros camaradas que a meia noite estavam jogando cartas (e dinheiro) em lugar de descansar (...)”*

*“7-2-1944 - (...) O Pulsino cosinheiro me fez uma boa: como alguma batatinha estava apodrecendo elle poz o resto da sacca ao sol e perdemos +/- uma arroba de batatinhas, n'esta altura é um desastre.”*

*“Domingo 3-9-44 - Hoge sahiu o cosinheiro que tantos prejuisos me deu e além disto se indispuz com todos os companheiros. Tive dó d'elle por ser aleijado de uma mão e elle me pagou esbanjando o meu mantimento de uma maneira estúpida. Bons ventos o levam. (...)”*

Em 1935, já instalado definitivamente em Londrina, Surjus foi convidado por Arthur Thomas, um dos diretores da C.T.N.P. a trabalhar para a companhia inglesa.

Conhecedor das regiões próximas a Londrina, LS demarcou ou, usando sua linguagem de agrimensor, "cortou" <sup>43</sup>, cerca de 1400 alqueires de terras para a companhia inglesa, recebendo parte do pagamento de seus trabalhos em lotes. Tal maneira de efetuar pagamentos por serviços prestados era a prática usual da C.T.N.P que se utilizava, dessa forma, da mão-de-obra especializada com pouco ônus. Num segundo momento, comprometia o agrimensor com a questão da terra, prendendo-o às regras da Companhia. Confidencialmente em seus Diários, LS afirma que os ingleses possuíam grandes fazendas na região Norte do Paraná, antes mesmo de receber as concessões do governo que permitiram a criação da C.T.N.P.:

*"2ª Feira - 2 Out.1944 - Continuei o levant do rio Bom hoje e o acamppt seguiu para a barra de um ribeirão que na planta velha está marcado como sendo barra do Itacolomi, mais um erro geográfico que vae ser desfeito. Tenciono batisar este ribeirão por Rib. dos Tangaras, caso não exista este nome já na nomenclatura da C.T.N.P. O dia foi muito turvo ameaçando chuva. Vi um bando de ariranha no rio mas não pude apreciar devidamente o espetáculo porque estavam longe, vi também um pato. O novo acamppt está na barra e no começo de uma ilha de grande extensão. O Pedro seguirá amanha para Jandaia buscar capado. João e Ermiliano trabalharam comigo no levantamento."*

---

<sup>43</sup> Cortar significa abrir picadas ou demarcar terras, como jargão de agrimensor.

Continuou a trabalhar como agrimensor de campo para a C.T.N.P., empresa na qual ficou até meados de 1949. Um de seus colegas de agrimensura e amigo, longamente citado no seu diário, chamado Diment, fez com ele a locação do percurso da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná até Arapongas. Surjus contratou e organizou loteamentos, criando inúmeras vilas na cidade de Londrina. A primeira foi a Vila Operária, ao lado da atual rua Guaporé, que começa na rua Araguaia e desloca-se em direção à antiga estrada de ferro. O nome não "pegou" e o local é conhecido até hoje como "Vila Nova". A segunda vila loteada por ele foi a Vila São Paulo ou Gasoni<sup>44</sup>; em seguida loteou as vilas: Zanetti, Balarotti, Mendonça, Zelina, Canadá, Nóbrega, Surjus; os parques Agari, Monteiro, Sian, Zelina, Mendonça, Penterche.<sup>45</sup> Delimitou os contornos do quinhão que deu origem ao distrito de Tamarana (atualmente município, distante 40 km de Londrina); legalizou, projetou, cortou e dotou de infra-estrutura o distrito de Lerroville<sup>46</sup>; *"Início dos trabalhos no hoje MUNICÍPIO de Santa Fé, corte de 600 datas em Área recém-derrubada. A estrada Londrina, Cambé, Rolândia, Arapongas estava intransitável por causa das chuvas."*

Surjus fez o levantamento topográfico das águas e espigões de Lobato, de Ângulo, de Flórida e de Marisa; no município de Salles de Oliveira - Distrito de Campina da Lagoa. Além dos listados, também realizou trabalhos topográficos na zona rural e em grande parte dos municípios do Norte do Paraná e alguns do Sudoeste e do Sul.

Em 1935, organizou e contratou o trabalho de medições na Fazenda Três Bocas - tratava-se de uma Medição Judicial importante na medida em que

---

<sup>44</sup> O nome correto do bairro é Vila Casoni, embora seja popularmente conhecido como Gasoni.

<sup>45</sup> Informação escrita de Gilberto Menck Surjus.

<sup>46</sup> O distrito de Lerroville (distante 25 km de Londrina) recebeu esse nome em homenagem ao médico Nicolao Lerro, amigo pessoal de LS.

2/3 da área já era ocupada pela cidade de Londrina e pertencia à área reclamada pelos proprietários da referida fazenda.

LS é, pois, esse personagem múltiplo que vive num mundo de trabalho rude, duro, distante do chamado mundo civilizado, mas consegue sair desse mundo concreto e entrar no seu mundo interior, do qual fazem parte a contemplação da natureza, as leituras, a reflexão e as queixas.

*“5ª F -8- 2-45 -Segui para Apucarana para ter notícias. O camarada Francisco Batista estava na estação de ônibus, ele não pode embarcar hontem, por gente demais na estação, a não poder embarcar a bagagem. O outro camarada contratado para tropeiro estava também ali. Durante o dia na fila 2h esperando a Jardineira. Choveu muito do lado de Londrina, finalmente quando não esperava mais a jardineira chegou e nos levou. Muita gente ficou em Apucarana perdendo a condução por não saber da chegada do ônibus. Veio comigo o Sr.Hildebrando o negociante de Jandaia, cujo filhinho estava muito doente. Morreu de noite tinha 1 mez +/- . Hoge de madrugada era para sair a creança do Sr. Joaquim o farmacêutico mas deu um ataque de asma ao mais velho que ia acompanhá-lo e por ultimo não seguiram. Hoge completei 48 anos podia ter ido em casa, mas sai tão aborrecido, que não tenho saudades; se não fosse as creanças... !!! ”*

Em 1977, anotou em seu Diário no dia 15 de abril:

*“No ler as poesias de Manoel Bandeira um durex que prendia a dobra da capa, caíram 4 notas de 50 cruzeiros novinhas em folha que guardei lá quando, isto é que não sei. Talvez dois ou três anos atrás. Agradei Bandeira e Irene. Eu queria lembrar o poeminha dos mais lindos que conheço:  
Irene preta; Irene boa  
Irene sempre de bom humor  
Imagino Irene entrando no céu  
Licença, meu Branco! E São Pedro, bonachão:  
Entre Irene, você não precisa pedir licença!”*

O agrimensor francês faleceu em Londrina, aos 89 anos de idade, tendo recebido o título de cidadão honorário da cidade no ano de sua morte.

### **c) O diário no contexto das teorias**

Mesmo não constituindo tradição na Literatura Brasileira, o diarismo apresenta-se como uma possibilidade metodológica, sobretudo no caso em estudo, pelo fato de mostrar-se não só como depositário de confidências, de aspirações e desejos, registro de trabalho arduamente realizado, mas, e principalmente, como suporte para o registro da história da região que nascia, escrito numa prosa cuidadosa.

*“4ª Feira 21-2-45 - Levantamos cedo preparando a saída de Astorga que por enquanto é só um nome teria sido assim denominado pelo Dr. Alexandre Rasgulaeff. Astorga consta de uma derrubada já em capoeira e um pequeno grupo de ranchos pertencendo ao Sr. Herculano que morou um tempo na vila Gasoni e que eu conhecia de vista ele nos forneceu jantar e café com mistura hoje de manhã, assim como um rancho assoalhado porém sem cobertura e que nós cobrimos com a barraca (...)”<sup>47</sup>*

*“2 de setembro de 1951 – domingo - Hoje churrasco aniversário de 2º ano do início do serviço. Por um acaso chegou o Albino Machonsky que com Gilberto e eu completamos 3 da turma inicial. Quanto caminho percorrido e quantos dissabores nestes 2 anos, mas seja lá como for temos milhares de alqueires vendidos, centenas de km de picadas abertas estradas uma cidade começada com farmácia, 2 hotéis, 5 negociantes uma serraria funcionando, outra em construção tudo isto apesar da fenomenal incompetência dos donos d'isto, incompreensão que raia pela sabotagem. Assistiram ao churrasco centenas de pessoas de Londrina vieram, além do meu pessoal o pessoal*

---

<sup>47</sup> Alexandre Rasgulaeff era funcionário da C.T.N.P. e foi um dos primeiros a chegar a Londrina, tendo fincado o marco de criação da cidade.

*do escritório, o Sr. João Simões, o Waldemar sobrinho de Luiz Deliberador a família do Sr. Affonso Junqueira e o João Junqueira, e outros mais. O Alexandre conseguiu levar o João Simões a sos e conversou demoradamente com elle. O trator iniciou a Avenida São Paulo.”*

As histórias de vida, os testemunhos, as narrativas, a memória são para o pesquisador uma fonte de trabalho constantemente renovada, além de constituírem um permanente desafio. Com efeito, a partir de relatos pessoais, torna-se possível estabelecer trajetórias percorridas em busca de uma reconstituição histórica. Contudo essa reconstituição pode trazer situações difíceis, visto que uma história de vida pressupõe ambigüidades de opinião, escolha de episódios considerados mais significativos, invenção permanente e freqüente de lembranças.

Já na escrita de um diário esses riscos são menos prováveis, visto que as lembranças são recentes e os registros estão mais próximos do acontecimento. A expressão “journal intime” é recente e só aparece no século XIX para representar a ação de registrar no dia-a-dia pensamentos, eventos, sentimentos e impressões pessoais de ordem privada e íntima.<sup>48</sup>

Surjus preocupou-se em compor um diário pessoal em que registrava fatos de sua vida como desbravador. As anotações eram feitas à mão em agendas, cadernos, cadernetas e blocos de notas, tendo utilizado lápis ou esferográfica. Alguns desses diários receberam tratamento especial, como salientei anteriormente.

---

<sup>48</sup> BILENKI: 1992

*"6ª Feira - 23-11-45 - O Sebastião que tinha pedido a conta hontem por reprehendel-o por ter feito o papel que fez, teimou em sahir, acertei a conta d'elle e foi embora. O rapaz não é ruim pessoa, mas muito preguiçoso e os últimos levantamentos que ele me fez são os peores que já levantei, tendo necessário mandar refazer diversas visadas além de ruim o serviço d'elle não rende nada. O meu receio é que indo embora elle me arrastasse o irmão que é um sofrível cosinheiro mas felizmente elle ficou. Fiquei no acamp não tendo serviço ligado a levantar, aborrecido com a discussão com aquelle idiota do Bastião. De tarde chegou o João Sobota com o Gilberto mais 2 camaradas, trazendo boas noticias de casa. Trouxe mais 3 burros bem arreados. A coisa esta melhorando a saída do Bastião não atrapalhou."*

Mas o diário é também uma narrativa íntima, pessoal, comprovando a existência de dois textos, interagindo entre si, não ficando a parte pessoal descartada do texto histórico nem dos relatos da vida cotidiana, isto é, sem nenhuma demarcação visível entre os vários momentos vividos.

*"17.1.48 - Geraldo bebedo foi se meter a desmanchar um baile da elite do lugar e tomou uma sova de ripas da qual elle nao se esquecera tao cedo."*



*"4.3.48 - Hoge cedo o Benedito pediu para ir a Londrina se tratar que elle esta doente doença pegada na rua Rio Grande."*

*"Domingo 1 de Out. 1944 - Hoge fiquei no acamp calculando tirei a meridiana pelo sol auxiliado pelo Ermiliano. O João Farias que foi na foice voltou muito cansado queixando de caimbras pelo corpo todo. Nadei cerca de 1 km hoge é muito pra quem não tem treino. Os animaes dentro d'água n'um ponto onde o rio é baixo formavam um lindo quadro. O dia vae caindo os mosquitos pólvora e biriguis vão chegar, as abelha que me atormetaram de dia estão se despedindo. O sabiá que canta às 5H ½ da manhan está cantando novamente. E mais um dia passou no sertão."*

Os diários de LS permitem a abordagem de várias questões, que poderão ser utilizadas pelos pesquisadores:

- cotidiano e história pessoal do desbravador;*
- informação histórica da região desbravada;*
- construção da identidade e da cultura;*
- articulação de experiências e valores franco-brasileiros ou o olhar europeu sobre o Brasil.*

Surjus produziu uma escrita que confirma a tese de René Lourau,<sup>49</sup> quando considera que o diarismo representa um suporte de experimentação sobre a escrita, sobretudo quando é usada a linguagem afetiva.

*“6ª Feira - 19 de Out. 44 - (...) Ai percebemos que a mulinha devido a uma estrepada no peito estava enchada, mandei descarregar-a e a turma seguiu ficando eu esperando a volta do Marciliano com um animal para levar a carga da mulinha que ficou.*

Seu diário, também utilizado como caderno de débitos e créditos, registro do trabalho realizado e a ser realizado, até mesmo possui um co-autor, seu filho Gilberto, que fez os registros durante um curto período em que o pai esteve doente.

*“31 de março de 1950 - sexta-feira - Snr. LSo foi atrás de uma condução para levar os camaradas. Durante o dia ouvimos duas vezes o barulho dum avião, e foi a segunda vez muito perto. Não tem dúvida de que ele voou sobre o Lontras.”*

*“24 de novembro de 1950 - sexta-feira - Os compradores do Snr. Toledo 1988 não (sont pas venus) vieram e por isso perdemos o dia.(...) Julio foi buscar as roupas d'elle na reta Lunardelli.”*

---

<sup>49</sup> LOURAU : 1988.

Considerado gênero literário menor e de interesse restrito, o diário tem atraído a atenção de antropólogos, historiadores e ficcionistas pelas inúmeras possibilidades de análise que oferece. Situado no limite da autobiografia e, às vezes, confundido com esta por representar histórias de vida, narrativas centradas no dia-a-dia, o diário tem, contudo, aspectos que o diferenciam: é uma narrativa do cotidiano elaborada à medida que os fatos acontecem, mas afasta-se da autobiografia em que o fator memória é de grande importância e a ela recorre-se constantemente.

O diário Surjus assume atribuições de diário de campo, largamente utilizado pelos antropólogos. Existe uma integração entre ele e os eventos observados e registrados cuidadosamente. E como ele privilegiou todo o tempo as relações de trabalho na sociedade em que viveu, sua observação-participante demonstra total familiaridade com o objeto de seus registros, do seu trabalho, do que viveu, enfim.

O relato de experiências pessoais remonta à Antiguidade e as denominações variam segundo cada país. A tradição, entretanto, acata a expressão francesa *memoires* que servia indiscriminadamente para anotações pessoais até recordações, estas autobiográficas.<sup>50</sup>

Na verdade memória e autobiografia poderiam ser sinônimos por significarem ambos relatos de vida objetivos (ou, ao menos, pretensamente objetivos) em que fatos são recontados enfatizando-se sobretudo a (re)construção de uma existência. Contudo a idéia de “recontar” e “reconstruir” dão a exata dimensão da fragilidade da autobiografia. No “recontar” privilegia-se a noção de passado com todas as implicações que o recurso à memória acarreta.

Historiadores e antropólogos sempre se mostraram atraídos pela riqueza dos destinos individuais, resultando disso uma constante recorrência às

---

<sup>50</sup> INÁCIO : 1990.

autobiografias, apesar das restrições feitas ao uso da memória como componente fiel da investigação.

Giovanni Levi<sup>51</sup> esboça uma tipologia que pretende explicar algumas questões concernentes à biografia. Delas a que melhor expressa o interesse sugerido pelos diários Surjus é a que se denomina *biografia e casos-limite*, em que o estudo de caso tem como objetivo esclarecer o contexto, isto é, o estudo de uma personagem singular pode remeter à compreensão de um determinado contexto histórico que se pretenda analisar. Um exemplo seria **O queijo e os vermes**, de Carlo Guinzburg. O diário de LS também pode se enquadrar nessa categoria.

Nos relatos de vida o testemunho possui um lugar privilegiado, uma vez que pretende reconstruir identidades, informar historicamente, guardar a memória. *“Os hábitos de uma pessoa dão origem a todas as manifestações que permitam identificá-la, reconhecê-la entre todas as outras”* <sup>52</sup>

O processo de trabalho utilizado por Surjus é igual ao da maioria dos "diaristas": anota todas as noites o observado durante o dia, não só aquilo que diz respeito ao seu trabalho, mas, e sobretudo, tudo o que vê no ambiente no qual se encontra e a relação de e com o trabalho dos seus subordinados.

Surjus escreve muito mais durante a semana, quando está abrindo "picadas". Nos finais de semana, raramente retoma o diário, sobretudo quando está com a família em Londrina.

O período de escrita mais intensa ocorreu nos primeiros anos de "desbravamento" da região, na década de 1940. Na pesquisa verificou-se que seus escritos começaram muito antes, não tendo sido possível saber o destino dessas notas. No

---

<sup>51</sup> LEVI: 1989.

<sup>52</sup> POLLAK: 1986.

final da vida, mantém o diário mas escreve pouco. Alguns exemplos do que escreveu servirão para precisar a natureza de suas preocupações e interesses.

*“Domingo 10 de Junho 1945 - Chegamos ao acampamento. Sahimos cedo da vendinha sem tomar café, comemos queijo. Chegados ao 1º morador mandei fazer um café e dei milho aos animaes. O Sr. Antonio tinha ido adeante por outro caminho buscar um capado no Nhosinho. Depois de tomar café segui a frente e fui no Junqueira a quem dei 1 conto de reis sobre o burro. Convidei os visitantes d'ele a irem n'um antigo acampt meu onde me encontraria com eles para caçar. Entretanto o Sr. Antonio me alcançou com o capado, seguimos junto me tendo cedido ele a mula baia, ele veio a pé. Alcancei a turma no Pirapó, ele tinham desareiado nós também paramos, comemos carne assada. Segui depois na frente com o Marciliano e o Russo-Brasileiro; Valdomiro, a fim de organizar o acampt. Eu ia pensando se durante a minha ausência não me tinha saqueado o acampt, cheguei sosinho ao anoitecer, tendo deixado os dois pelo caminho. Encontrei no caminho uma vaca moribunda 45' depois da minha chegada, os dois me alcançaram no acampt que eu tinha encontrado em ordem, dando fervorosas graças a Deus. Quando não esperava mais chegou a tropa com meus dois queridos filhos (Alexandre e*

*Gilberto) e finalmente por último João de Oliveira e João Sobrinho.”*

Percebe-se, desse modo, o valor do relato histórico do agrimensor que, colocado no seu contexto, permitirá deduzir a importância daquilo que foi escrito e as circunstâncias históricas que valorizam e endossam o testemunho, embora todo relato passe por um sistema interiorizado de sanções e censuras.

*“5ª Feira 8-11-45 - Amanheceu chovendo e perdemos o dia. Alexandre ontem me contou que Getulio Vargas foi forçado a renunciar ao cargo. Trouxe jornais li o dia todo, o grande corruptor brasileiro finalmente mordeu o pó, derrubado pelo General Goes Monteiro isto é pelo próprio amigo.”*

No diário revela-se a intimidade do narrador, as suas relações sociais:

*“2ª Feira - 1º Maio/ 1944 - De passagem em Apucarana fui em casa do Dr. Diment (Daim) cuja Sra. está doente.”*

*“Nota 1968 - O Dr. Diment (Daim) morreu em 196(?), em Maringá do qual ele abriu todas as ruas e praças, a esposa d'ele morreu bem antes, era alcoólica, filha do Sr.*

*Rosenberg e irmã do Dr. Rosenberg engenheiro da C.T.N.P. a quem Londrina muito deve. Ela falava diversas línguas, inclusive chinês, tendo passado muitos anos da sua mocidade em Tiensin. Era luxemburguesa, deixou-se dominar pelo álcool, morreu em São Paulo.? “(figado).”*

É um diário interno, pessoal, mas por ser um verdadeiro banco de dados históricos sobre a região desbravada, revela o desejo do seu autor de torná-lo público.

O diário é crônica de época, traduz a vida política, econômica, social. Os grandes acontecimentos estimulam o diarismo.

*“24/09/44 – (...) Depuis que le Brésil est entre les mains de ‘Jacobinos’ l’air est devenu irrespirable ici. La fameux revolution de 30 n’a en pour resultat que l’instalation au pouvoir d’un mediocre homme d’etat qui se maintien au pouvoir au moyen de concessions onereuses en faveur de l’armée e de la Marine. Concessions absolument hors de proportions avec les moyens du pays.”*

Interessante notar que esses são seus primeiros escritos em francês e, curiosamente, quando fala de política nacional. Sem dúvida sentia-se mais protegido, visto que, ao comentar a queda de Getúlio (8-11-45), o faz em português.

O diário é, pois, uma forma que suplanta a memória (embora a guarde para reflexões posteriores), na medida em que os registros são feitos quase que

simultaneamente aos acontecimentos. A memória, por outro lado, encarrega-se de selecionar fatos de maior relevância, funcionando criticamente sobre os relatos.

*“3ª Feira - 20/2/45 - (...) O campinho ou o local onde estive em 1928 (17 anos antes), com o chamado D. Pereira ficando 3 dias por causa de 2 burros perdidos. (...) agora quasi 17 anos depois vim ter no mesmo lugar. Tanto tempo passado e pouco consegui. Este ano espero recuperar muito tempo perdido.”*

O diarismo, como forma de acumular dados, é capaz de mudar as ciências humanas, já que permite a exposição e a análise da contradição e da ambivalência; é a crônica dos fatos cotidianos.

*“2ª Feira 26/2/45 - (...) O tropeiro seguiu hoje para Arapongas a procura de um cosinheiro porque este que eu tenho não dá fogo. Hoje o feijão estava azedo, o cosinheiro além de desesperadamente lerdo não é bem aseado. O peor é que tendo feito trato comigo, quer se aproveitar que de estarmos no matto para impor condições diferentes e eu não aceito isto.”*



Ferrarotti conta que relatos de vida contém um saber da “experiência humana do vivido cotidiano”.<sup>53</sup> Reconta o mundo quem nele está engajado. Surjus estava inteiramente engajado na vida brasileira, na batalha do desbravamento, embora em alguns momentos demonstre sua estranheza diante de trabalhadores que não enxergam o trabalho e a vida no mato com a mesma visão com que ele os vê.

*“Sábado - 10/3/45 - (...) Os novos camaradas não parecem gente que sirvam andam armados até os dentes dentro do acampamento. E parece que o Pedro é muito convencido e melindroso além d’isto muito tapado.”*

O relato de vida possui caráter sintético, singular e caracteriza uma prática humana única, embora a composição diarística seja marcada pelo mergulho no interior, pela auto-análise. O homem reflete a si e a suas ações. O comportamento humano se permite um fim, um olhar e valoriza o sentido de suas decisões.

*“Domingo - 11 de Março 1945 - (...) disseram que o Pedro o novato se gabou que tratou comigo a 15 cz. por dia e que ia pedir-me para não gritar com ele, etc.etc.(...) E isto que este cidadão achou que era gritar com ele. Para que ele não me obriga mais a gritar-lhe ordens, vou despachal-o amanha cedo com o seu irmão. (...) Bons ventos o levam. Caboclos assim não servem são acostumados a vadiar a*

---

<sup>53</sup> FERRAROTTI : 1990

*metade do ano, e o nosso serviço requer teimosia e força de vontade.”*

A singularidade do diário está sobretudo na sua contemporaneidade, na sua relação com o exterior.

*“6ªF 22 set.44 - Cheguei de volta na barra do Itacolomi a 1h30 da tarde +/- tendo saído às 8h20. vim montado no burro Rochedo. Achei o acamp. isto é minha barraca que tinha deixado o dia 17 em ordem assim como o mantimento que deixei dentro. Quem também poderia vir n'um sertão d'estes onde só existe a picada aberta por minha turma?*

Nele também se encontra a intimidade do narrador, mas diferente daquela da narrativa confessional, que também sugere o exemplo. Existe uma relação significativa entre narrativa e história. Alguns historiadores consideram que a história tem dedicado todo o seu tempo a contar os feitos e as glórias dos grandes e poderosos, privilegiando uma metodologia que pouca margem deixa à narrativa. Na verdade, a narrativa sempre foi considerada privilégio do romancista. Para o historiador, a documentação é essencial à análise e à interpretação dos fatos. A ausência de uma boa documentação implica dificuldades significativas, resultando em distorções que limitam a interpretação.

Mais recentemente os historiadores passaram a valorizar outras fontes de documentação, antes preteridas. Essas fontes, que sempre constituíram um rico material para o romancista, são os diários, as biografias e as autobiografias.

Segundo Giovanni Levi...

*"... liberada dos entraves de documentação, a literatura se utiliza de uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram grandemente os historiadores."*<sup>54</sup>

A literatura, ao contrário da história, recorre, pois, a modelos variados sem receio de ferir os rígidos esquemas científicos. O testemunho autobiográfico tem como objetivo reconstruir a identidade, informar historicamente e preservar a memória. No testemunho, a riqueza de informações, informa o que os documentos de arquivo silenciam e permite o estudo, em detalhes, das diferentes experiências vividas pelo indivíduo estudado.

O relato autobiográfico é eco da vida do homem. O que ele pensa, acredita e representa parte de sua atividade, de sua ligação com o mundo material, reitera o seu testemunho. Claro que o testemunho de um indivíduo não é uma história isolada; possui ligações, elos, no interior de um contexto dado e de uma determinada sociedade.

Para Le Goff a história é excludente: nela vão coexistir as sociedades passíveis de transformação, a história "oficial" e os povos com maior facilidade de "evolução".

---

<sup>54</sup> LEVI: 1989.

O diário, como registro, testemunho de uma época, de uma realidade, possui voz singular e torna o observável possível de ser compreendido, a partir do olhar do estrangeiro que é, ao mesmo tempo parte integrante dessa realidade, ainda que de acordo com Jacques Meunier: *“o estrangeiro só vê o que sabe.”*

O testemunho obtido através do diário pessoal permite várias leituras e, além de expor contradições, constitui crônica de época. Anotar à noite todos os acontecimentos do dia valoriza o vivido, preserva a memória do acontecido. Ademais, é própria da natureza humana a necessidade de narrar, contar histórias.

Para Lawrence Stone:

*“Narrativa significa a organização do material em ordem seqüencial, cronológica, e o enfoque do conteúdo dentro de uma história única e coerente, embora com subenredos.”<sup>55</sup>*

Os historiadores, preocupados mais em explicar o “quê” e o “como” do que o “porquê”, voltaram sua atenção para a análise minuciosa dos textos, o exame da documentação, a fim de produzirem a chamada história científica. O enfoque, dirigido antes às sociedades que ao homem, determinava a “natureza” da pesquisa, que privilegiou o modo analítico em detrimento do narrativo.

A “Escola dos Annales” inaugura uma nova forma de escrever a história a partir da década de 1920 e, ao retomar a narrativa, passa a enxergar o indivíduo como agente de transformação, tão importante quanto as questões econômicas. As estruturas sociais sofrem transformações não só econômicas e demográficas, mas de

---

<sup>55</sup> STONE : 1979

organização, de decisões políticas, de cultura. Na verdade, estudar o indivíduo e/ou o evento pode decifrar todo um conjunto de valores sociais e históricos, desde que a análise não abandone o contexto. Nos 41 anos de diário que escreveu, fica clara a pretensão de Surjus de registrar historicamente o desbravamento, o interesse que o seu diário teria para a posteridade, mas o enfoque principal, que não escapa a qualquer análise mais criteriosa, é a constante preocupação com a busca do saber, do conhecimento, da cultura, que o persegue desde os primeiros escritos.

*“28-2-44 - Passei uma tarde agradável com a família José Tacola que fala bem o francez. Assim como seu guarda-livros um suíço de Vevey.”*

*“6ª Feira - 1 de Setembro 1944 - (...) li um pouco, traduzi um pouco de inglês.”*

*“4ª Feira - 25 Out. 1944 - (...) Iniciei estudos de inglês com Habib (...)”*

Narrativas de viagens, diários de bordo, de campo, cartas, relatórios, diários pessoais sempre foram utilizados pelo homem. Marco Polo, Américo Vespúcio, Cortez, Colombo tiveram uma constante preocupação em anotar seus sucessos, suas descobertas e conquistas. Toda essa preocupação está fundamentada na necessidade de informar historicamente, ao mesmo tempo em que se realiza uma prestação de contas do observado, do vivido, do realizado.

Recorre-se à narrativa porque “quem viaja tem muito que contar”, diz Benjamin<sup>56</sup> e a experiência do viajante constitui a essência da narrativa. Surjus percorre quilômetros e mais quilômetros de novas picadas e novas cidades a serem abertas, qual novo Colombo. E, no narrar, as histórias se sucedem com a idéia do Eldorado sempre presente.

O desenvolvimento do diarismo no Ocidente é marcado pela incerteza que surge no final do século XVIII: a atomização do indivíduo em face do Estado.

*Eu sou oficialmente livre perante o Estado, contudo a instituição, o poder econômico político, as opressões estão sempre aí. Então quem sou eu ,onde estou, quando estou? Na minha vida privada ou na vida pública?”<sup>57</sup>*

O diário funciona ainda como reiteração do eu, da identidade, tanto pessoal quanto cultural. O estudo e a compreensão dos signos nele inscritos podem remeter à compreensão do testemunho histórico, desde que sejam devidamente interpretados. Esse testemunho está presente nas anotações do dia-a-dia de Surjus e até nas correções que faz posteriormente.

*“Sábado 18-5-46 - Hoge acabei de levantar o resto da estrada boiadeira que faltava para ligar os Ribeirões Maracaju e Cacilda, depois terminei o levantamento do Rib.*

---

<sup>56</sup> BENJAMIN : 1987.

<sup>57</sup> LOURAU : 1988 .

*Cacilda, na barra até o acampamento dos caçadores onde o Alexandre posou esta noite. Almoçei ahi dentro de uma canoa enquanto almoçava desciam duas canoas a segunda era pilotada pelo Alexandre que trazia um veado que elle mesmo tinha matado. Acabei de levantar quasi todo o serviço do Benedito no Pirapó não encontramos vau vou ligar passando com canoa. Parei às 4H cançado o tempo está pezado. Vim embora, no caminho encontrei na boiadeira um cavaleiro que me perguntou da distância da venda do Junqueira. Informei-o vinha de Paranavaí, sertão, não encontrou nada no caminho a venda é o alvo para elle ir dormir d'aqui alguns anos todo este matto terá desaparecido. Na barra da água os caçadores acampados mataram 6 veados e deram para os cachorros comer, e tanta gente passando fome por este mundo afora. Os caçadores foram embora levando a metade do veado do Alexandre(...)"*

O homem, personagem histórico, valoriza e dá sentido às suas decisões. A história de vida permite a exploração do humano, conseqüentemente abre perspectivas para o estudo do cotidiano, daqueles *"grupos humanos destinados a ficar desconhecidos, mas que constituem no seu conjunto a substância viva, real do processo histórico."*<sup>58</sup>

A história de vida possui um caráter sintético, refere-se a um destino singular, único, irredutível. Cumpre dar-lhe sentido ligando-a ao contexto histórico

---

<sup>58</sup> FERRAROTTI: 1990.

datado e vivido. Ela assume o papel de narrativa autobiográfica à medida que reconta uma prática humana e privilegia a produção de idéias.

Daniel Bertaux<sup>59</sup>, no seu estudo **L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités**, faz um balanço crítico dos estudos realizados a partir de “histórias de vida”, “relatos de vida”. De início ele apresenta a diferença entre as duas expressões e entre os estudos dos pesquisadores franceses e dos norte-americanos. A história de vida compreende um estudo sobre uma pessoa determinada, não só a partir de seu relato pessoal, mas de quaisquer outros documentos que possam complementar as informações sobre a pessoa estudada. Já os relatos de vida vão se fixar sobre a própria narrativa, sem nenhum interesse por outros testemunhos ou informações.

As narrativas pessoais interessam ao pesquisador não como histórias individuais, mas como pretexto para observar e compreender um universo desconhecido. Através do narrador é possível enxergar esse universo, uma vez que é pela multiplicidade de experiências “que um ser humano aprende a compreender o mundo que o cerca”<sup>60</sup>. A leitura de uma narrativa conduzirá o pesquisador ou o leitor comum à compreensão de outros mundos, outras culturas, determinando assim um conhecimento histórico mais profundo.

Cumprir lembrar que as narrativas em primeira pessoa representam o esforço de construção de uma identidade e os relatos de vida constituem, antes de tudo, relatos de práticas.

---

<sup>59</sup> BERTAUX: 1989.

<sup>60</sup> Idem: 1989.



LS é o homem comum, aquele que confirma a tese dos historiadores dos *Annales* que examinam a história à luz dos “costumes”, das leis, da moral, dos sistemas de valores, construindo dessa forma uma história sócio-cultural.<sup>61</sup>

O agrimensor era autodidata, lia, estudava e anotava, demonstrando grande interesse pela cultura brasileira, privilegiando, contudo, a cultura francesa em particular e a européia em geral, numa busca incessante de conhecimento.

*“2ª Feira 5 de novembro 1945 - (...) Um desses dias intermináveis como se passa no matto quando não se tem o que fazer. Fiquei tarde na cama lendo “Le lys rouge” de Anatole France et (sic) também Gil Braz na tradução em portuguez.”*

Combinava o trabalho intelectual com o árduo trabalho de agrimensor, trabalho este que o obrigava a permanecer longos períodos distante da família e da “civilização”, o que o fazia esquecer os momentos importantes de sua existência.

*“6ª Feira 8-2-46 - Dia do meu aniversário. Era para mim estar em casa e em seu lugar vae uma carta levada pelo Benedito. Nem me lembrei que era hoje.”*

A singularidade dos relatos diários de LS está exatamente no modo como é apresentado o mundo onde viveu, o trabalho que realizou sob um rígido esquema cartesiano de completa adesão ao que fez, a excessiva preocupação na prestação

---

<sup>61</sup> CHARTIER : 1988.

de contas ao empregador do trabalho realizado, aos empregados que manteve para a realização das empreitas, tudo isso expresso na sua fala.

*“21-3-44 - João Farias, o Bernardes e o Paulo sahiram conforme determinei hontem. O Farias embora muito abatido, estava melhor que hontem Deus queira que não seja nada, ficamos reduzidos ao Lazinho, Marciliano, Pedro, José Trigo e eu. O acampt. fica triste com estas defecções será que a chuva para, meu Deus, mais de um mez que isto dura e para mim foi um desastre. O segundo rez, só farei 30 a 35 kilometros. Hoge acabei o levant. amanha voltaremos rasto atraz até a barra do Barbacena para levantar o espigão.”*

*“Nota 1968: Comecei levantando o Pombal e continuei passando a confluência com o Barbacena, sempre pensando que abaixo da confluência seria o Pombal, mas depois do serviço todo desenhado viu-se que o rio principal era o Barbacena e por conseguinte ficou este nome até a barra do rio Ivaí, ficando o pombal como afluente. Mas penso que até hoge muitos continuam chamando o rio de Pombal.”*

*“5ª F - 23-4-44 - (...) Marciliano foi buscar o resto da mudança ... E eu fui pondo meu serviço em dia, para mandar minha caderneta domingo sem falta.”*

A organização do trabalho, a prestação de contas, os estudos, a leitura e a própria escrita diária não representam obstáculo para outras obrigações que vão surgindo no cotidiano do agrimensor, muitas delas de caráter inusitado.

*“5ª F - 4 de maio 44 - Sahimos hoje para o serviço. (...) Encontrei um vidro com um bilhete do Paulo dando a data da sahida anterior do acampt., completei os dados e puz n'um outro vidro e deixei lá.”*

*“Nota 1968: Quem será que achou o vidro? e quanto tempo depois???”<sup>62</sup>*

*“3ª Feira 26-8-47 - (...) apareceu logo um mocinho que veio com a canoa, eu achava o geito de elle andar exquisito, a explicação era que o mocinho era uma mocinha filha do Zico Rosa.”*

Giovanni Levi considera que “liberada dos entraves de documentação, a literatura se utiliza de uma infinidade de modelos e esquemas biográficos que influenciaram grandemente os historiadores(...)”<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Grifo da autora.

No testemunho, a riqueza de informações aponta o que os documentos de arquivo silenciam e permite o estudo, em detalhes, das diferentes experiências vividas por aquele que testemunha.

*“3ª Feira 4-9-45 - (...) temos rio acima uma bela corredeira, tirei um instantâneo mas não sei se dará uma pálida idéia do belíssimo panorama que tenho do ponto onde eu escrevo. A noite vai cair e as abelhinhas, tão incômodas foram embora, mas elas estão sendo substituídas pelos biriguis, pólvora e outros “amigos” inseparáveis dos desbravadores do sertão.”*

Para Philippe Lejeune, o pacto autobiográfico possui dois pontos de igual importância: 1. o autor; 2. as circunstâncias históricas que valorizam o testemunho. O testemunho autobiográfico é eco da vida do homem. O que ele pensa, acredita e representa parte de sua atividade, de sua ligação com o mundo material, reitera o seu testemunho, como já se disse anteriormente neste trabalho.

Em alguns momentos de sua escrita pode-se verificar que Surjus sente-se perplexo diante do pouco senso de organização dos seus empregados e confronta essa perplexidade naquilo que escreve sobre o valor e a importância do trabalho, da poupança, do cuidado com as despesas, dívidas, etc. Para validar novas passagens de seu diário dispostas a seguir, reafirma-se acima uma preocupação de Surjus já exposta em momento anterior destes meus escritos.

---

<sup>63</sup> LEVI: 1989.

*“3ª Feira 14-5-46 - (...) O Osvaldo deu parte de maleita=preguiça.”*

*“2ª Feira 24-6-46 - (...) De tarde o Alexandre chegou dizendo a turma dos vadios que é cada vez peor. Resolvi mandar buscar-os amanha e dar a conta ao Chico, Osvaldo e Pedro Vilesky. Realmente não valem nada.”*

*“23-1-49 - Domingo - O Antonio foi terminar a empreita. Nós guardamos o dia. O Geraldo queria 500\$ emprestado. Dei 250 soube que era para jogar na corrida de cavalos sujeitinho ordinário.”*

*“20-3-48 - O Marciliano amanheceu enfezado tem trabalhado todos esses dias com uma má vontade incrível (...).”*

Para Surjus a obtenção de cultura esteve sempre presente nos escritos, nas leituras, nos contatos com “pessoas cultas”, mesmo internado no mato e vivendo distante da “civilização”. A busca de identidade e o forte sentimento de ser europeu, são constantemente acentuados quando mostra a diferença entre o seu processo de organização e o de outras pessoas, entre o seu trabalho e aquele realizado pelos peões, quando escreve em francês (apesar de dominar perfeitamente o português, visto ter imigrado aos 14 anos) e quando encontra pessoas de nível cultural mais elevado que o dos trabalhadores que abrem as novas cidades.

LS administrava com igual eficiência o tempo do relógio e o tempo interior.<sup>64</sup> Como trabalhador, chefe de turmas de empreita, o controle do tempo de trabalho é feito rigidamente.

*“7-02-1944 - Levantamos hoje um correço na margem esquerda do Pombal-Barbacena ao qual dei o nome de Iraiba, a ligação no espigão foi errada e foram cair n'um afluente grande que necessitava picada de cargueiro.*

*“7 de março - terça-feira Hoge deu um dia ótimo trabalhamos todos na futura cidade 'Barbosa Ferraz' o primeiro piquete definitivo foi implantado na esquina da avenida São Paulo com a Avenida cuja nome será dado mais tarde a turma trabalhou tudo lá 2 avenidas ficaram traçadas no comprimento de 8 quarteirões +/-.”*

Compondo sua história, Surjus constrói a história da região da qual foi um dos desbravadores, sobretudo a história de Londrina, que de pequeno vilarejo passa, em curto espaço de tempo, à condição de segunda cidade mais importante do estado. É como se o caminho de todos os trabalhadores que construíram a cidade determinasse aquilo que ela se tornaria em pleno fim do século XX: cidade rica e poderosa, com belas ruas, amplas avenidas, imponentes e sucessivas construções, riqueza convivendo com um elevado índice de pobreza que se instala na periferia formando um contraste chocante para aqueles que a vêem pela primeira vez.

---

<sup>64</sup> BOSI : 1993.

Os diários LS possuem um discurso múltiplo e variado. Nele podemos encontrar o poeta, o trabalhador, o homem de negócios, o intelectual, o político. Essa multiplicidade define bem o caráter singular do imigrante francês que procurou conservar, de forma nítida, sua origem européia. A leitura de seus escritos permite, dessa maneira, incursões as mais variadas, as quais passam pelo cotidiano do homem de fronteira, que ele foi no seu país natal e que continuou sendo no Brasil, até o estudioso que buscava compreender, conhecer e destrinchar as duas culturas que nele existiam.

## Capítulo 2

### a) Cotidiano e trabalho

*“A vida, dentro da mataria espessa, parecia igual à idade da pedra, entre o infraglacial e o pós-glacial, quando o homem vivia nômade de caverna em caverna, alimentando-se de caça e pesca e de frutas silvestres. Os nossos “picadeiros”, em falta de cavernas, dormiam embaixo das árvores, tendo como companhia e conforto uma fogueira e como música, o rugido da onça, vagante na obscuridade da noite, no meio da solidão da floresta milenária.”, Bruno GIOVANETTI:1944.*

O século XIX é também o século de valorização do trabalho, daí a especificidade dos registros do patrimônio das famílias.

LS tem o trabalho como princípio norteador do homem e a todo o momento busca reafirmar essa convicção.

*“Sábado 18-5-46 – hoje acabei de levantar o resto da estrada boiadeira que faltava para ligar os Ribeirões Maracaju e Cacilda, depois terminei o levantamento do Rib.Cacilda, na barra até o acampamento dos caçadores onde o Alexandre posou esta noite. Almocei ahi dentro de uma canoa enquanto almoçava desciam duas canoas a Segunda era pilotada pelo Alexandre que trazia um veado que elle mesmo tinha matado. Acabei de levantar todo o serviço do Benedito no Pirapó não encontramos vau vou ligar passando com canoa. Parei às 4H cansado o tempo está pezado. Vim embora, no caminho encontrei na boiadeira um cavaleiro que me perguntou da distância da venda do Junqueira. Informei-o vinha de Paranavai, sertão, não encontrou nada no caminho a venda e o alvo para elle ir dormir d'aqui alguns anos todo este matto terá desaparecido.”*

O diário Surjus é revelador da mentalidade da época em que a região foi desbravada, sobretudo naquilo que traduz o espirito empreendedor do europeu que buscava o país das riquezas: o trabalho.

Sem dúvida perpassava pela cabeça dos imigrantes a idéia do enriquecimento rápido, mas não chegava a se descartar a importância do trabalho como realização desse sonho, ou seja, trabalha-se duramente, mas sempre tem-se a recompensa.



Aquele que escreve necessita de uma fronteira interior. LS com sua visão de homem de fronteira, de desbravador, registra, dentro das fronteiras impostas pelo calendário, um tempo que é ao mesmo tempo social, cultural e histórico: tempo do trabalho.

Cada noite sentar-se à mesa, lembrar os acontecimentos do dia, avaliar os progressos obtidos, renovar cotidianamente o presente, confirma a assertiva de que após a utilização do diário, como documento, nem a vida privada, nem a vida pública serão as mesmas. Na narrativa do cotidiano vê-se uma profunda identificação com o trabalho de desbravamento, com a terra, mas é uma narrativa que marca também a diferença.

Podemos imaginar, à maneira de Léfèbvre, o que acontecia com esse imigrante francês, trabalhador de uma companhia colonizadora inglesa, o que o levou a registrar suas impressões do cotidiano: *“Não deixemos passar sem um exame cuidadoso essa irrupção do cotidiano na literatura. Não seria ela, exatamente, a entrada do cotidiano no pensamento e na consciência, pela via literária, ou seja, pela linguagem e pela escrita? Teria ela o aspecto estrondoso que assume para nós, tantos anos depois do desaparecimento do autor, depois da publicação do livro, depois de contada a história? Essa irrupção da cotidianidade já não fora anunciada desde Balzac, Flaubert, Zola e tantos outros?”*<sup>65</sup>

Os seus registros compreendem desde a história da região, presente no olhar europeu de Surjus, passando pelo cotidiano, pela construção da identidade e da cultura, até os valores europeus, sobretudo franceses, zelosamente conservados pelo agrimensor em forma de diário.

---

<sup>65</sup> LEFEBVRE : 1991.

*“Sábado 8-9-1945 - Levantei hoje as 75 estacas medidas ontem e voltamos ao Acamp pelo atalho que o Marciliano abriu e que já estava transformado em picada de cargueiro. O Sebastião que tinha ido fazer a ligação, nos deu muito cuidado, pois que era noite e ele não aparecia. Finalmente quando me preparava para ir atrás d’ele, ele apareceu alegando que quiz ligar e efetivamente ligou. Finalmente estamos na última etapa d’este estafante serviço. Temos ainda café sem assucar, sal, feijão e toucinho o resto acabou tudo, depois de amanha poderemos ir com destino a estrada boiadeira, se amanha terminarem a estrada de cargueiro. Penúltima etapa, sendo a última na estrada de Paranaíba.”*

*“2ª Feira - 12-11-45 - (...) O Albino ficou no acamp com “perebas”estou medicando elle com tiazamida. O Alexandre ficou no acampamento foi caçar e matou um macaco. Escutamos tiros na direcção do espigão, pensamos que fosse o Alexandre. Será caçadores? Na volta do serviço que fiz com João — Romão e Gilberto o Romão foi novamente mordido por bespas... é amor de mais.”*

Escreve dentro de um espírito de humor, mas rigidamente cartesiano. Anota todos os acontecimentos do seu dia-a-dia, a observação da natureza, as

dívidas contraídas pelos seus empregados e até por membros de sua família e as cobra pontualmente.

*“2.01.44 - Lazinho 10 m. cigarros Neusa - 1 facão- 1 cachimbo - 2 m. fósforos - 1 vidro sabão russo - 6 pares de meia - 1 Binga.”*

*“8.01.44 - Ao compadre Jandral devolvido 500 mil-réis.”*

As anotações são minuciosas e revelam um tipo de organização e de cuidado de quem se sente construtor da história. Tudo terá sua importância algum dia, nada pode ficar para trás: débitos, créditos, compras, além da rigidez no trato com as responsabilidades.

*“3ª Feira 20-2-45 - Viagem até Astorga. Finalmente saímos hoje, menos um tal João que se apresentou como ex/cabo do exército no corpo de engenharia, etc. etc. do qual eu desconfiava muito, e que ontem de noite repreendido fugiu de madrugada me lesando em 25 cruzeiros em dinheiro, uma calça e quatro diárias de hotel. Segui na carroça de frente puxada por 2 animaes, a outra com 4 animaes vinha atrás. O cavalo branco estava na de traz no varal. Amanhan não acontecerá o mesmo, eu queria que elle fosse posto na carroça mais leve. Os oito primeiros km*

*fizemos em terra roxa e a estrada era um lamaçal, mas depois começou a terra arenosa e a estrada melhorou (...)*

A narrativa segue uma ordem cronológica, um cuidado em ser fiel aos acontecimentos que registrava, com significado pessoal ou para a cidade que escolheu viver. Sem dúvida sua escrita estava voltada para o futuro.

*“Sábado – 29-11-47 – (...) peguei o bote e atravessei e fui lá no compadre. Deitados na grama estivemos rememorando águas passadas (...) Cedo levantamos e o Raul me deu notícias positivas das eleições Hugo Cabral venceu em Londrina. Pela 1ª vez desde a saída do Dr. Wily Londrina vai ter prefeito.”*

*“4ª feira 21-2-45 – Levantamos cedo preparando a saída de Astorga que por enquanto é só um nome teria sido assim denominado pelo Dr. Alexandre Rasgulaeff. Astorga consta de uma derrubada já em capoeira (...)*

Indiscriminadamente todos os relatos da época utilizam a palavra "picada" para referir-se a novas aberturas ou mesmo àquelas já existentes na região. O significado que o Dicionário Houaiss nos fornece é o seguinte:

*(1789) Atalho aberto na mata a golpes de facção ou de foice para a passagem de pessoas, pequenos veículos etc.*

Acredita-se, dessa maneira, que existam vários significados para essa palavra. Por exemplo, encontrei no material pesquisado as seguintes menções: "picada transitável por muares", "picadão".

*"5-2-44- Cedo segui para o acampamento do Dr. Diment onde cheguei as 10H mais ou menos. Ele estava naturalmente na picada onde alcancei-o, tendo encontrado com o Jose Ramirez (Argentino). Depois de conversar sobre aquilo que era preciso voltei ao meu acampamento chegando as 9H50 da noite encontrando tudo em ordem."*

*"Nota de 1968. O Dr. Diment estava levantando o rib. Cambará e seus afluentes, eu levantava o Pombal – Barbacena e seus afluentes encontramos os nossos serviços no espigão Cambará. Pombal foi picada aberta em 1935 por João Trigo e seus companheiros, transformada em picadão por João Rosa Bueno e outros, o picadão foi levantado pelo Dr. Diment e serviu de base para a estrada Bom Sucesso-São Paulo do Ivaí e balsa da barra do Corumbateí."*

A palavra estrada já continha um significado de civilização que aqui se desconhecia na maior parte do tempo. Transitar com carro em uma picada implicava saber que recém-cortados troncos de árvores poderiam danificar o chassi.

*“26-2-48 – Sahimos hogue de Arapongas e conseguimos chegar em Astorga. Na viagem enguiçou outra vez a bomba de gasolina. Justamente quando um guarda do trânsito me fez parar e me encontrou sem nenhum documento, falei francamente a elle qual era o meu caso e dei meu cartão a elle. Não me multou. Mas deu-me azar. Quando fui dar partida enguiçou o carro. Um rapaz que ia a Astorga com o Chico ex Chauffeur da C.T.N.P. nos livrou de embaraço e chegamos em Astorga sem mais novidades. Havia na sahida de Astorga um trecho horrível mas varei com Galhardia. Passando n’um lugar onde um caminhão possantissimo tinha encalhado. Mas fiz a moda antiga soltei a 1ª a toda ou vae ou racha.”*

Seus diários foram escritos em português, à mão, e Surjus utilizou lápis ou caneta; em alguns momentos privilegiou a língua francesa. No primeiro diário que escreve, anota na capa:

*“1944 – Meus primeiros serviços pra Companhia de Terras Norte do Paraná – C.T.N.P. – no rio Ivaí – Pombal – Keller – Kaloré – Rio Bom.”*

É o testemunho de suas próprias experiências, e os registros são rigorosos.

Os acontecimentos narrados possibilitam que se chegue à compreensão da mentalidade do pioneiro que é também um desbravador. Sua narrativa sugere várias possibilidades como normas de vida, conselhos, sabedoria. Assemelha-se àquela dos primeiros viajantes e conquistadores, descrevendo tudo aquilo que considera importante. É uma narrativa com pretensão histórica, norteadas por temas que privilegiam o trabalho, o lazer, a vida familiar, a sociedade e o comportamento humano.

*“3 f. 9-5-44 - Hoge levantei parte do Pombal da estaca 593 em diante no começo o serviço feito pelo Marciliano e Atilio Davanca era bem feito, mas depois era tão ruim que deixei o instrumento e fui atraz d’elles para decidir o caso. Porem o serviço começado hoga estava melhor e depois da devida reprehensão creio que elles tomarão definitivamente o rumo certo.”<sup>66</sup>*

Além disso, a narrativa objetiva a manutenção das imagens, dos símbolos, dos mitos: apologia e exemplos do passado. Surjus é o narrador que exercita o seu talento de contador de histórias e o seu discurso mostra a consciência de que estava fazendo história.

*“3ª feira 23.10.45 - Mudamos hoga para o ribeirão Jumara que não sei porque cargas d’água ficou mudado para Tumara, é assim que se escreve a história. Batisei o rib. por Jumara em louvor a um colirio que milagrosamente*

---

<sup>66</sup> Grifo da autora.

*curou o olho de Marciliano, e no escritório virou Tumara, os pósteros quebrarão a cabeça para saber a origem desse nome.”*<sup>67</sup>

Ao longo da narrativa, que abrange as cansativas aberturas de picadas, metragem de lotes e terrenos, verdadeiro trabalho de bandeirante, LS trabalha, lê, retrata a paisagem, o contato com a natureza, o direcionamento do trabalho e o progresso chegando à região.

*“23-4-49 – Sábado – Inaugurassão da sede do Banco Brasileiro para a América do Sul (...)”*

*“5ª Feira - 7-2-46 - Hoge fez um mez que foi iniciado o serviço e apesar da chuva consegui de 95 a 100 km. (...) Fui levantar a reta Barbacena Keller às 3H a chuva nos atropelou. O Oswaldo que tinha ido acompanhar o Benedito até a estrada de Rodagem soffreu o diabo na estrada com a tempestade mas voltou são. O Pereira chegou ao Ivaí — sem o levantamento.”*

A linguagem foi para ele a expressão maior do seu mundo, naquilo que havia de mais significativo, além de saber utilizá-la com requinte e conhecimento da linguagem popular. Através dela, pôde vencer a barreira cultural que o

---

<sup>67</sup> Idem.



distanciava da civilização por ele desejada e ansiada; permitiu, ainda, o seu ingresso na história de uma região de fronteiras, a fim de decifrá-la, conquistá-la mesmo.

*“6ª F. 9-2-44 - (...) Na hora da saída o Marciliano quiz montar na Boneca que não estando pelos autos largou elle de costas no meio da rua.”<sup>68</sup>*

*“5ª F. 23-3-44 - Esta noite foi fria e eu sem as m/ cobertas, será que o João Bernardes me as trara (esqueci-as em Jandaia). Me cobri com o acolchoado que me serve para forar a cama. Passei o dia sosinho no acamp. Marciliano foi buscar o resto da mudança, e voltará tarde os outros três foram na picada. E eu fui pondo meu serviço em dia, para mandar minha caderneta domingo sem falta. Agora espero o Lazinho que voltará mais cedo para fazer o jantar. Dia esplendido de sol, sequei tudo os trens meus e dos camaradas. Viva o sol. Hoge fazem 2 mezes que os camaradas deram as 1ª s. foiçadas parece dia feliz.”<sup>69</sup>*

No cotidiano do trabalho acontecimentos aparentemente comuns apresentam significados tão especiais que provocam reflexões inesperadas.

---

<sup>68</sup> Idem, ibidem.

<sup>69</sup> Idem, ibidem.

*“23-1-44 – A mula branca derrubou a carga e espantou o burro que eu ia levando o qual me derrubou, e machuquei o dedo anular esquerdo. Eu lembrei a horrível dor que sentiu meu filhinho com a mão moída no engenho.”*

O tempo é ritmado, marcado pelos acontecimentos diários, mas o agrimensor não perde de vista o que acontece no mundo, e a Europa é a referência sempre presente.

*“Terça feira 19-9-44 - Estou anciado para terminar e voltar a Londrina saber da familia e d'aquilo que se passa na Europa (...)*

Aqui podemos encontrar de modo nítido a relação espaço-tempo que os teóricos da modernidade, hoje, tentam apreender. Para LS a Europa era o modelo do moderno, do ideal, da aspiração de vida plena que ele carregava dentro de si. Por outro lado, o lugar onde ele vivia e sobrevivia lhe impunha limites concretos, de tal modo que lhe afluavam à mente momentos de comparação aos antigos desbravadores, estes também pioneiros no Novo Mundo. Explicita-se, desse modo, o espaço do conflito como uma das características da modernidade. Há, pois, em Surjus, um homem que se aproxima e se distancia da realidade vivida: o saudosismo, a tradição e, ao mesmo tempo, um presente que em si mesmo é a única possibilidade de futuro que se lhe avizinha. Um homem europeu e brasileiro - desbravador, sertanista - num único corpo, num único espírito eminentemente conflituoso.

*“5ª Feira 24-8-44 - Continua o noticiário sobre a libertação de Paris que foi efetuada pelas forças do interior ajudadas pela população e terminadas pela divisão blindada do general Leclerc que está sob as ordens do general Bradley. O general Paton chegou a Troyes, Meaux foi ocupado. A Rumania declarou guerra à Alemanha, os russos chegaram ao Danubio, a Bulgária pediu armistício. Chegamos ao fim ao que parece.*”

*“Domingo - 27-8-44 - Fiquei em casa ouvindo rádio e lendo o dia todo. Notícias da guerra boas, a minha saúde pouco melhorou.”*

Em época de guerra a escassez de alimentos exigia economia nas menores coisas. Essa economia, contudo, não era compreendida nem seguida pelos empregados e gerava aborrecimentos. Tendo conhecido de perto a situação precária ocasionada pela Primeira Guerra Mundial, da qual participou como combatente, a noção de cuidados com a economia estava sempre presente e tinha um sentido muito forte para ele.

*“17.03.44 - Repreendi o Pereira por fazer chá para levar no matto, pediu a conta e saíu debaixo de chuva. Voltou um pouco depois tinha esquecido seus documentos levou 50 cruzeiros e uma passagem de volta a Londrina no valor de 13 cruzeiros. Boa viagem.”*

*“Nota 1968 - A propósito do chá: o assucar era escasso no final da guerra, era preciso economisá-lo no bem de todos.”*

O seu tempo, não obstante seja efetivamente medido pelo trabalho, não o afasta do ser que é capaz de sonhar, envolver-se com o mundo à sua volta.

*“Dom. 2-4-44 - (...) fiquei 4h. sosinho no espigão secando m/botas ao sol, interessando-me pelos vae vem de umas moscas e borboletas. Estas ultimas tão mansas que eu pegava e soltava a vontade. Vi uma mosca com um carrapatinho micuim guardado no abdômem.”*

*“14-3-48 - Domingo - De noite esfriou bastante o dia amanheceu claro e limpo o céu vae dar um dia bom. Terminei finalmente a metade do Patrimônio retificando a divisa de cima.”*

Surjus é um personagem que vive num mundo de trabalho rude, duro, distante do chamado mundo civilizado, mas consegue, como num passe de mágica, sair desse mundo concreto e entrar no seu mundo interior, do qual fazem parte a contemplação da natureza, as leituras, a reflexão e as queixas.

*“5ª F 8-2-45 - Hoge completei 48 anos podia ter ido em casa, mas saí tão aborrecido, que não tenho saudades; se não fosse as creanças... !!!*

Numa narrativa em diário que pressupõe história de vida, corre-se o risco de escutar banalidades sobre a vida de ontem e de hoje, as idéias tomam caminhos inesperados e não impõem limites nem à fantasia, nem à imaginação.<sup>70</sup>

Suas histórias são intercaladas por comentários jocosos sobre as pessoas que encontra nas pequenas cidades que estão começando a se formar.

*“1-1-48 - Chegamos, eu o Axel e o Emilio, da fazenda do Dr. Ferraz onde tínhamos ido debulhar milho, e onde passamos o ano Novo, aliaz uma passagem nada agradável, pois que tivemos de nos contentar com uma cama nada agradável, pois que se compunha de: chão batido (estrada) 2 um pano ralo para foro, 3 um cobertor, 4 uma fogueira e além disso um belo sereno que nos agraciava com sua molhadura, mas como estávamos muitos cansados dormimos como uns anjos e somente o Etevíno (cosinheiro) ouviu a passagem de ano anunciado por tiros de espingarda, dados pelos caboclos. Após acordarmos, nos dirigimos a casa de um dos colonos que nos convidou a tomar café e nos serviu de bolinhos aliaz gostoso. Dei a ele 5 cruzeiros para presentear o caçula, e após isso nos dirigimos a pé para*

---

<sup>70</sup> PENEFF : 1990.

*Ibiporã, mas após caminhar uns 9 kls um caminhão nos alcançou nos levando até Ibiporã nos cobrando 1 cz. Lá chegando encontramos o Alexandre, papai e Carlos que iam a nossa procura. Terminamos finalmente a viagem encontrando em Londrina todos bons. Que este ano nos seja feliz, é o que desejo.”<sup>71</sup>*

Desse modo os relatos de vida encontram seu lugar no vasto campo da literatura oral e da lingüística, além da história, evidentemente. A noção de passado é revivida de modo mítico, chegando mesmo a uma redimensão dos valores sacralizados, aproximando-se, sem dúvida, do passado fabuloso do conto: “Era uma vez...”  
”Naquela época...”

*“6ª Feira - 17-5-46 - O tempo amanheceu brusco porém o dia passou sem chuva. Fui levantar o espigão entre os Rib. Maracaju e Cacilda e levantei o Rib. Cacilda até a estrada Boiadeira, levei o Gilberto, Marciliano, Benedito Lemes e Osvaldo. O Alexandre foi caçar com os caçadores que estão acampados na barra do Rib. Cacilda. De tardesinha encontrei-o que ia levando suas cobertas para posar lá junto com os caçadores elle trouxe um meio veado*

---

<sup>71</sup> Nota da pesquisa: Diário encontrado no decorrer da pesquisa; encontrava-se em poder do filho Gilberto, o qual fez uma série de anotações complementares às realizadas por LS. Essas notas serão registradas, desde que do interesse do trabalho.

*para o acampamento. O Benedito Lemes matou um macuco. O Alziro e o Chico agraram uma água que talvez deságua no Pirapó. Faltam 20 minutos para 10 da noite o acampamento está adormecido só se escuta a música dos grilos e o cantarolar de uma pequena corredeira um pouco para baixo. O tempo está coberto e morno é possível que chova ainda. Hoge levantei cerca de 5 km de picada o que representa um bom serviço. Visto que cedo fui dar uma partida antes de começar a 2 km d'aqui. Vou tomar um merecido descanso, uns 15 minutos de leitura, um pensar aos meus que estão com certeza todos dormindo, uma prece a Deus e o sonno. Até amanhan às 4H da madrugada hora de chamar o Etevlino."*

Entretanto, no relato do dia-a-dia no acampamento improvisado, o que conta é a organização do trabalho, é a ligação estreita do agrimensor com o mundo do capital, da atividade material e do estudo como prática de conservação do saber, da cultura.

*"Terça feira 19-9-44 - Pela meridiana ficou confirmado que estou com um erro que deverei procurar na minha volta no Itacolomi. Amanhan farei a ultima mudança desta parte do rio Bom acima."*

*"4ª Feira 28/2/45 - (...) Recomecei a decifrar o inglez hoge depois de 2 meses de pausa e quasi não esqueci nada."*

As histórias não seguem, necessariamente, uma direção estrita, mas existe uma seqüência e seu relato é coerente, possui método. LS tem diante de si um leitor desconhecido e por isso ele escolhe os episódios mais significativos do dia para registrar. Sua escrita deixa antever as articulações entre as diversas experiências pelas quais ele passa.

Seu diário possui um tom pessoal, as lembranças são capitalizadas, o que o torna uma referência concreta. LS conta a sua própria história, narra o seu cotidiano, enquanto relata a história de Londrina e região.

*"25-1-44 – Revi a bússola com a qual levantei secções de Rolândia e Arapongas em 1935 e que estava com o Melo, este último é Ucraino e com certeza seu nome se grafa de outra forma."*

*"21-3-48 - Domingo - Comecei este serviço um Domingo dia 20 de fevereiro e terminei hoje, depois de um dia exaustivo terminei tudo inclusive colocação de tabuletas com nome de ruas. Engraçado estas tabuletas Avenida Paraná, rua Ivaí, etc..etc.. no meio da matta virgem. Bem veremos d'aqui um anno o que dará Santa Fé?(...)"*

Os relatos minuciosos do passar dos dias, do trabalho de desbravamento, da vida rude no matam, são informações que podem ser lidas por todos; as expressões de sentimentos íntimos são raras (mas ocorrem), o que contraria um dos



conceitos de diário como aquilo que se escreve para permanecer em segredo. São escritos cheios de lembranças que poderiam ter sido esquecidas, relegadas. Ao mesmo tempo servem para ritmar o tempo, registrar a solidão da vida no mato.

*“2ª F. 27-3-44 - (...) Sosinho no acampt. a lutar com os borrachudos e mosquito polvora. É desesperante creio que se tivesse que ficar 2 mezes assim isolado enlouqueceria (...) de tempo em quando o burro rinchava ele também sentia solidão. (...) O sr. Julio Machado está doente, será solidão também?”*

Em alguns momentos, sua narrativa é pontilhada de humor, mesmo que o acontecimento seja um tanto quanto dramático.

*“2ª Feira 12-3-45 - (...) Este acampt. bate os recordes nas abelhas, tendo um colosso de abelhas do reino, uma se introduziu embaixo do meu veu e me mordeu no beijo, estou com um beijo a fazer inveja a um Senegalez.”*

Os diários Surjus possuem um discurso múltiplo e variado. Nele encontramos o poeta, o trabalhador, o homem de negócios, o intelectual, o político, o escritor com gosto para a narrativa folhetinesca. Essa multiplicidade define o caráter singular do imigrante francês que procurou conservar, de modo nítido, sua origem européia, guardada de modo orgulhoso e cuidadoso, articulando os valores franco-brasileiros, presentes em sua escrita.

*"4ª F - 27 Set. 1944 - (...) A guerra não terminou mas a Bélgica, o Luxemburgo e parte da Holanda estão livres. A França está livre menos a Alsácia e a Lorena e alguns portos do Atlântico."*

*"16-2-48 - 2 - Fomos hoje ao campo d'aviação assistir a chegada do Presidente Dutra. Tinha uma quantidade enorme de caminhões e autos. Fomos com a camionette com Alexandre, Gilberto, Carlos, Otacilia, Teresinha. 1º chegou inesperadamente Ademar de Barros depois o Presidente com o Lupion."*

O encontro com pessoas de sua mesma origem suscita longas explicações, preocupação de quem pretende manter fidelidade aos registros históricos deixando-os para a posteridade.

*"Sábado 17-2-45 - (...) O Dr Suplicy me contou por que forma tem sangue francez; um dos avôs dele no século passado, correndo o sul do Paraná vendendo jóias portou em casa de um fazendeiro. E lá vendeu algumas jóias e segundo os costumes patriarcaes d'aquele tempo parou lá uns dias contando suas aventuras. Entre as filhas do fazendeiro tinha uma de treze anos que chamou a atenção do jovem francez de tal modo que 2 anos depois, o fazendeiro ficou surprhendido*

*recebendo de Paris uma carta do vendedor de jóias pedindo a filha em casamento. E tempos depois fez-se o casamento que deu origem aos Suplicy do Paraná.”*

Apesar da escrita cuidadosa, a qual me referi anteriormente, muitas vezes LS volta à escrita francesa em alguns trechos, traduz do francês para o português, ou utiliza algumas expressões na língua materna.

*“17-3-48 - (...) O Genésio cada vez mais cheio de suficiencia me irritou ao extremo.”<sup>72</sup>*

*“18-3-48 - (...) De volta no acampamento vi na capoeira um d’aquelles passarinhos que parecem dizer ‘que frio terrible (...)’<sup>73</sup>*

*“7 jan.1950 – (...) parada em Apucarana onde Trigo comeu feijão com caldo a primeira comida quente que elle poz no estomac desde dia 1º (...)”<sup>74</sup>*

O rigor das anotações é enfatizado pelas notas que acrescenta anos depois na releitura dos diários, percebendo-se aí o compromisso com a historicidade. Seus relatos confirmam as transformações, as mudanças históricas que ocorrem na região.

---

<sup>72</sup> Grifo da autora.

<sup>73</sup> Grifo da autora.

<sup>74</sup> Grifo da autora.

*“20-1-44 - (...) Passei em Jandaia encontrando a turma em ordem, segui para Lovat (Mandaguari) visitei (Luiza e Wilson) que vão numa vida regular”.*

*“Nota de 1968 - Luiza era filha do compadre Jacomo eu e Julieta eramos padrinhos do casamento (Luiza morreu - Wilson foi muito mais tarde prefeito de Cianorte).”<sup>75</sup>*

A vida no mato era dura, cansativa. Além do trabalho de desbravar e medir as picadas, havia que organizar as tarefas no acampamento, o trabalho da turma, a alimentação, o cuidado com os animais de transporte, a saúde, as dívidas.

*“22-1-44- (...) A turma partiu para o matto. Devo ao Sr. Jose d’Aliança a quantia de 260 CRS sendo 80 de condução. Na farmácia (Sr.Joaquim) fiquei devendo 50+50. Na venda 49,00. Chegamos em casa do Sr. Julio Machado às 3h40 da tarde nada de importante tendo acontecido na viagem, tanto na tropa como na carroça. Na sahida a mula branca pulou e derrubou a carga. Mas durante a viagem foram bem espero ter feito uma boa compra.*

*“Nota de 1968 - (Tinha comprado alguns animaes do Mr. Thomas). Comprei do Julio Machado (fundador do Bom*

---

<sup>75</sup> Grifo da autora.

*Sucesso com o Dr. Joaquim Vicente de Castro) um capado de 82 Kg a 48.00 CR arroba = 262 CRS.(...)"*

As anotações diárias de acontecimentos como esses nos dão conta da importância e do valor concedidos ao trabalho. Mas em meio às atribuições do dia-a-dia, LS ainda encontra tempo e humor suficientes para marcar essas situações, que, mesmo ocasionando atrasos e contratemplos, são de certa maneira pitorescos.

*"2ªF. 22-5-44 – Acabei de levantar o espigão, encontramos onças no caminho, o caso se passou com o Ermilindo Britto, ele ia na frente puxando a corrente, e viu um vulto pardo, pensando que era um veado foi para chuzar com a balisa. Mas quando o bicho ergueu a cabeça e deu um urro, elle viu que era uma parda. Ella pulou no matto e elle deu uns gritos. O difficil é saber quem levou o susto maior, o Ermilindo ou a parda. O Paulo não parava mais de rir."*

Nas regiões solitárias e semi-selvagens que estão sendo desbravadas, contudo, o assunto não é só trabalho. Contatos com pessoas residentes nas pequenas cidades próximas aos acampamentos resgatam as boas conversas, permitindo a compreensão do seu testemunho. Ao mesmo tempo em que trabalha arduamente, LS procura cercar-se de pessoas interessantes, minimizando assim as condições precárias da existência no mato.

*“22.01.44 - O Dr. Diment (Daim) chegou de tarde e posou na minha cama, o Paulo Indígena do Brasil me cedeu a d’ele. Tarde agradável em conversas com pessoa educada.”*

*“23.01.44 - Sertanejo inteligente e serviçal o sr. Julio Machado gaúcho dos bons é um velho de 65 anos, firme e disposto.”*

A organização do trabalho, a prestação de contas, os estudos, a leitura e a própria escrita diária não representam obstáculo para outras obrigações que vão surgindo no cotidiano do agrimensor.

*“29-2-48 - Domingo - Vamos hoje iniciar o serviço da loteação do Patrimônio de Santa Fé, o dia é impróprio mas depois de levar 6 dias em viagem para aqui chegar Deus a de perdoar que aproveitamos o dia de hoje. Finalmente não choveu durante o dia o Gilberto ficou no acampamento auxiliar o Albino para acabar de lidar com o capado e buscar duas latas para por a carne. Deixei o serviço as 4 horas depois de ter aberto um lado da Avenida Paraná de fora a fora, e ter retificado o instrumento. Quando cheguei no acampamento, o Gilberto chegou também trazendo 2 latas que elle foi buscar na fazenda do Gustavo Ribas.”*

Os “peões” são contratados para o trabalho em sistema de empreita. Despertam em Surjus, trabalhador da C.T.N.P., o olhar europeu que valoriza e confere seriedade ao trabalho.

*“24.01.44 - José Trigo amanheceu doente, porem de tarde já estava melhor. Com seus 58 anos aquele que foi um dos reis do picadeiro está ainda firme no serviço e vale tanto como muitos moços de hoje. Não fosse o alcool e ele não precisaria mais trabalhar há muito tempo.”<sup>76</sup>*

As recordações de trabalhos realizados anos antes demonstram a organização de Surjus. Nas suas caminhadas pelas picadas sempre é possível encontrar outro imigrante.

*“6ª Feira - 16-2-45 - (...) fui hospedar-me no hotel Rio Branco com os camaradas. Travei conhecimento com o Dr. Suplicy de Lacerda e de um companheiro d'ele.”*

As jornadas de trabalho demandam organização e é preciso pulso firme para lidar com as desavenças dos camaradas, a fim de que o serviço saia a contento.

---

<sup>76</sup> Picadeiro: aquele que tem como função abrir picadas.

Nota da pesquisa: José Trigo é citado entre outros, como um dos mais competentes picaderos na obra Esboço histórico da Alta Sorocabana, de Bruno Giovanetti e merece uma nota marginal de Surjus: “José Trigo toma conta do meu sitio em Salles de Oliveira”.

*"6ª F. 2-3-45 - Mandei o Manoel seguir com a corrente e o João Batista medir até a barra (corrego N 1). ½ hora depois seguiu com o tropeiro Antonio, concertando a picada com enxadão nos pontos necessários. Qual não foi minha surpresa ao encontrar os medidores de ver que tinham medido apenas 2 visadas. O Valdemar me disse que elle esperou o João mais ou menos 1 hora, realmente este sujeito não vale nada, resolvi voltar atraz com o tropeiro para elle ir a Sabaudia procurar um rapaz que se ofereceu para vir trabalhar. Porém chegando ao acampamento resolvemos que elle sahiria amanha cedo. O cosinheiro novo nos preparou um bonito almoço, elle é diligente e asseado. Tem uma triste história pelo que me contou o tropeiro. Os foiceiros foram pegar o corrego N 2 afluente de N 1. Antes das 3 horas o Hilário voltou com uma história mal contada e sem ter feito nada."*

*"Sábado 10-3-45- (...) Os novos camaradas não parecem gente que sirvam, andam armados até os dentes dentro do acampamento. E parece que o Pedro é muito convencido e melindroso além d'isto muito tapado."*

O cuidado com os trabalhadores não se limita a uma mera questão de suprir as necessidades de alimentação ou harmonia. Há uma preocupação constante com o descanso e com o bom uso do dinheiro, revelando como reage às normas



que lhe são impostas por uma sociedade diferente. Para Surjus não importa tão somente o trabalho, mas sobretudo o bom uso que se faz do dinheiro ganho. A bebida e a falta de previsão são, para ele, males insuportáveis.

*“3.2.44 - O cosinheiro (Pulsino) amanheceu mais calmo, eu tive que chamá-lo a ordem e mais outros camaradas que a meia-noite estavam jogando cartas (e dinheiro) em lugar de descansar (...)”*

A responsabilidade com o andamento do trabalho vai se refletir nas observações feitas sobre empregados que não cumprem suas funções nem se interessam em poupar o que ganham.

*“23.02.44 - Em lugar de ir a Jataí, o José Trigo bebeu tudo o que recebeu. Apareceu cedo mentindo-me que vinha de Jataí e precisava de mais 100 Cr\$ para negocio d'ele. Dei-os. De tarde encontrei-o bebado e mal criado como sempre que ele está n'este estado. E soube que ele não tinha ido a Jataí. Gastou tudo estupidamente como sempre.”*

O diário ocupa-se ainda de registrar as façanhas dos trabalhadores.

*“3.2.44 -(...) O José Trigo é um calendário vivo, pode em qualquer dia perguntar-se-lhe o dia, o mez, ele*

*responde sempre certo indicando ainda a lua, sem errar, prevê o tempo quasi sem erro, além d'isto sae de tempos em quando com umas piadas únicas (casos) ele os sabe sem conta de modos que teria dito melhor: é um almanaque em lugar de dizer um calendário (...)*"

Apesar de valorizar os detalhes do trabalho realizado, não concordando, a maioria das vezes, com o modo de trabalhar dos seus contratados, o agrimensor procurava ser tolerante para com eles, sempre os medicando. Essa era uma de suas características, preocupação com a saúde das pessoas em geral.

*"20-3-44 – Hoge quando voltei no acampt encontrei o João Farias mal, elle é muito corajoso curou aqui no acampt fleymon na perna. Mas agora o caso parece mais sério, talvez fosse devido a 2 pilulas de Escenofele que elle tomou e cujo efeito fosse contraproducente. O fato é que o Lazinho esteve em ponto de querer vir me chamar na picada. Resolvi que elle sahiria amanha montado no burro, acompanhado pelo Paulo que iria com elle a Londrina e pelo João Bernardes que irá até Jandaia e de lá voltará."*

*"4ª F. 12-4-44 – Marciliano amanheceu doente o Pedro o substituiu".*

Mas nem tudo é pitoresco nos acampamentos. Saber administrar um bom convívio com os companheiros de trabalho, reconhecidamente inteligentes, mas na maior parte do tempo insubordinados, é tão importante quanto suportar os insetos.

*"3.2.44 -(...) Um dos incômodos dos acampamentos são as abelhas."*

*"4.2.44 - É raro o dia em que não somos mordidos por elas (as abelhas) (...)"*

As doenças, os acidentes de trabalho, a desorganização dos empregados são motivo de preocupação para o agrimensor. Afinal o trabalho deve seguir harmoniosamente, os embaraços diminuem o seu ritmo.

*"6.2.44 - O dedo do José Trigo arruinou, ele teve que parar de trabalhar."*

*"7.2.1944 - O Pulsino cosinheiro me fez uma boa: como alguma batata estava apodrecendo ele poz o resto da sacca ao sol e perdemos +/- uma arroba de batatinhas, n'esta altura é um desastre."*

A economia para quem trabalha abrindo novas terras, patrimônios, distritos e picadas é essencial a fim de que não seja comprometido o

abastecimento de alimentos ou de munição. Os mantimentos eram trazidos das cidades mais próximas e, na falta, apelava-se para a caça ou a pesca. Entretanto, mesmo para caçar, cumpria seguir algumas regras básicas de economia: para certos tipos de caça economizava-se munição. LS demonstra surpresa e desagrado no longo registro que faz.

*“10-2-44 - Escutamos um tiroteio de carabina, era o Paulo que estava na frente. Como tinha sido combinado que não se atirava mais em jacutinga com carabina, julgamos todos que ele tivesse encontrado um bando de queixadas. Qual não foi a minha surpresa no encontrar o Paulo de saber que todo aquele desperdício de munição foi para matar 1 jacutinga. Infringiu para isto ordem dada, falseou sua palavra e deu péssimo exemplo aos demais. Originou-se d'isto uma discussão com ele.”*

Os valores defendidos por LS estarão presentes em toda a sua escrita: o cuidado e a preocupação com o dinheiro, o bom desempenho no trabalho.

Nos primeiros anos de desbravamento, o contato diário do agrimensor é feito com os "camaradas" que suscitam do agrimensor reiterados comentários, seja sobre a inadaptação deles ao trabalho motivada por preguiça, seja sobre o caráter deles.

*“3ª Feira – 20/2/45 – (...) Finalmente saímos hoje, menos um tal João que se apresentou como ex/cabo do exército no corpo de engenharia, etc.etc. do qual eu*

*desconfiava muito, é que hontem de noite repreendido fugiu de madrugada me lesando em 25 cruzeiros em dinheiro, uma calça e quatro diárias de hotel (...)*

A sua escrita revela o curioso contraste existente entre ele e os peões: ele é também um trabalhador, que além de organizar o ritmo do trabalho, as despesas, o pagamento, ainda encontra tempo e disposição para ler, escrever o diário, estudar uma língua estrangeira.

Nesse contraste revela-se a perplexidade com o pouco devotamento ao trabalho por parte dos camaradas, que não pressentem estarem construindo a história. Daí os vários rompantes de que é acometido e que dá margem a comentários que percorrem todo o seu texto, sobretudo nos anos iniciais do trabalho de agrimensura.

*“4ª feira – 7/3/1945 – (...) Todos os camaradas (...) foram de empreitada o unico que falhou foi o João (...) Perdi a paciência com elle e o resultado foi que elle ficou no acampt., chocando e perdendo o dia ao passo que Hilário e Valdemar vão tirar 70cz. cada um pelo menos.”*

A diversidade dos relatos revela um cidadão envolvido com todos os problemas e preocupações inerentes ao trabalho que realiza, o cansaço, a falta de alimentos, a descoberta de capelas perdidas em lugares distantes que lhe despertam comentários anos depois, no cuidado de fazer a história nos seus menores detalhes.

*“Sábado 8-9-1945 - Levantei hoje as 75 estacas medidas ontem e voltamos ao Acamp pelo atalho que o Marciliano abriu e que já estava transformado em picada de cargueiro. (...) Finalmente estamos na última etapa d’este estafante serviço. Temos ainda café sem assucar, sal, feijão e toucinho o resto acabou tudo, depois de amanha poderemos ir com destino a estrada boiadeira, se amanha terminarem a estrada de cargueiro.”*

*“5ª Feira - 21 de Junho 1945 - Tendo acabado o arroz e só temos feijão resolvi madrugar e ir a Capelinha pensando que tivesse lá algum morador (...) Quando sai do acamp o tropeiro foi procurar os animais, a 1 km de distância escutei o sincerro do cavalo branco, voltei avisar o tropeiro e segui para a Capelinha, viagem perdida, lá tem só uma tosca capelinha coberta de zinco construída em 1926. Orei e voltei.”*

*“Nota 1969 - A Capelinha acima citada foi erguida em 1926 pelo conductor da estrada chamada Inglesa que de Presidente Prudente terminava aí com mais ou menos 200 Km. No interior tinha um cartão pregado escrito pelo Dr. Rottman, no qual ele dizia que no dia tal ele esteve de novo na dita Capelinha 12 anos depois isto é em 1938, d’esta vez naturalmente, fechou um perímetro levantando o espigão de*

*Apucarana — Jandaia — Maringá — Mandaguaçu, Nova Esperança isto é Capelinha. Cito estas cidades para fixar o itinerário do Dr. Rottman, mas das cidades acima só tinham começado Apucarana, Jandaia e em 1945 já tinha um hotelsinho em Maringa no chamado Maringa velho.”*

As experiências vividas por Surjus possibilitam-lhe lançar o olhar sobre um cotidiano que, enfaticamente, revela surpresas, testemunhas de uma história muitas vezes oculta ou silenciada, pertencente à esfera das observações cotidianas, tantas vezes julgadas displicentes, soltas ao vento...

*“3ª Feira 4-9-45 – (...) temos rio acima uma bela corredeira, tirei um instantâneo mas não sei se dará uma pálida idéia do bellissimo panorama que tenho do ponto onde escrevo. A noite vae cair e as abelhinhas, tão incômodas foram embora, mas elas estão sendo substituidas pelos biriguis, pólvora e outros ‘amigos’ inseparáveis dos desbravadores do sertão.”*

Entretanto as preocupações com o andamento do trabalho e com a ordem entre os trabalhadores não são a única coisa a povoar a mente de LS. As visitas à família em Londrina muitas vezes são motivo de inquietação para ele.

*“21.02.1944 - Em Apucarana soube que Alexandre estava com tifo. Cheguei em casa onde encontrei o Axel são e*

*o Alexandre na cama, a forma de doença d'ele parece benigna, espero que a imprudência d'ele em não querer ser vacinado não lhe custe muito caro."*

Mesmo inquieto com a saúde do filho, LS não deixa de expressar, na intimidade do diário, o descontentamento com a falta de cuidados que observa na família.

Longe da família e dos amigos o agrimensor não deixa de fazer novas amizades nas cidades circunvizinhas ao acampamento.

*"26.02.1944 - ... fiquei a Apucarana para conversar com o Dr. Diment ele estava alcoolizado quando cheguei lá e passei uns momentos agradáveis em casa d'ele, tinha um alemão (Gothainer) de Lovat que estudou em Besançon e me falou na família José Tácola que mora em Lovat e fala francez."*

Vê-se que o seu diário assume um tom despreocupado e no meio de regiões inóspitas sempre é possível manter boas palestras, conservar o espírito lúcido, falar francês.

Relendo seus diários, Surjus refaz antigas notas, com novas informações, dando notícias sobre pessoas com quem manteve relações de amizade e de negócio. São informações que demonstram o cuidado do etnólogo em registrar os acontecimentos de modo correto, bem como revelam a certeza de que essas notas serão, sem dúvida, valiosas e bem aproveitadas no resgate histórico dos novos horizontes que estavam sendo criados.



Algumas informações poderão ser pertinentes para compreender o que significa o trabalho de agrimensura em grandes glebas, segundo informações de seu filho Gilberto Menck Surjus. Para realizar o trabalho a contento eram necessários equipamentos e víveres, além dos animais. A descrição desse material de apoio é feita por Gilberto:

- 1 - teodolito com tripé; balisas (3 ou 4); mira falante;
- 2 - trena de 20 ou + metros; fichas de ferro para medição opcional;
- 3 - bolsa a tiracolo; cadernetas para levantamentos topográficos;
- 4 - lente para leitura do teodolito; lápis e borracha;
- 5 - machado, enxadões, foices, lima de amolar e esmeril, facões com bainha;
- 6 - lonas: 6mX6m = tenda dos camaradas; 3mX4m = tenda da cozinha; 3mX4m = tenda do agrimensor;
- 7 - remédios<sup>77</sup>, espingarda de cartuchos, 1 carabina, anzóis, farolete, fósforo, isqueiro, velas, lampião comum e querosene;
- 8 - sacos plásticos leves para proteger o teodolito e cadernetas da chuva;
- 9 - mantimentos: arroz, feijão, carne-seca, sal, açúcar, café, macarrão, batatas, alho, cebola;
- 10 - cinco animais de tração, 1 cavalo ou uma égua mansos (madrinha e quatro burros de tamanho médio: devem ser animais criados em capoeiras, nunca no campo aberto. Itens completos para montaria deveriam acompanhar o lote).

Assim munido, LS recebia solicitações de trabalho de particulares ou da C.T.N.P., e é esta quem lhe sugere nomes. LS anota-os em sua agenda-Diário e serve de agenciador de terras para a Companhia.

---

<sup>77</sup> LS levava: quinino ou antimalárico-xarope, analgésicos, sôro anti-ofídicos, seringas, agulha, iodo, gaze, esparadrapo, mercúrio cromo, algodão, etc.

*"5 jan.1944 - Nomes indígenas fornecidos pelo escritório da C.T.N.P. para denominar afluentes do Rio Ivaí na região do Bom Sucesso (com o significado em Portuguez) (Abibe = ave) (Abeto = Pinheiro) (Barabu = Arvore) (Iraiba = Palmeira) (Igapó = Brejo) (...)"*

*"5ª Feira- 3-8-44 - Fui ao escritório recebi 2000 Cz. e entrei em relação com o Sr. Arthur de Castro Cunha e seu sobrinho Francisco Bernardes Ferreira que queriam comprar terras na C.T.N.P no Kalore. Fiquei para mostra-la."*

*"6ª Feira - 4-8-44 - Fomos ver as terras do Pombal depois de almoçar em Lovat. Na ida recebi uma batida no olho na volta encalhamos duas vezes mas chegamos, posamos em Lovat, depois de jantar lá (com Arthur de Castro Cunha)."*

*"Sábado - 5-8-44 - Fomos no Kalore nas terras encontrei o Pedro que vinha entregar a espingarda que vendi ao Portuguez (fui com Castro Cunha e sobrinho). Voltamos a noite em Londrina. O Sr. Castro Cunha pretende comprar 3000 alq"*

Nessa etapa, o agrimensor montava sua equipe que deveria ter os seguintes componentes:

- a) agrimensor;
- b) 3 picadeiros: vão à frente, abrindo as picadas; o mais hábil é denominado de 1ª foice;
- c) 1 balisa-avante: vai medindo à frente, crava piquetes, dá balisa, enumera a estaca na qual escreve, a lápis, a medida;
- d) 1 correnteiro: ajuda a medir; é um auxiliar do balisa-avante;
- e) 1 balisa-ré e porta-mira;
- f) 1 cozinheiro: levanta às 4:00h. O café e o almoço devem estar prontos às 6:00h. da manhã;
- g) 1 tropeiro que é eventual caçador e pescador.

Um dos “picadeiros” de Surjus, José Trigo, é citado entre outros como um dos mais competentes. Na rara obra que Bruno Giovannetti<sup>78</sup> fez sobre essa região, ele merece uma nota marginal de LS: “*José Trigo toma conta do meu sitio em Salles de Oliveira.*” Gilberto Menck Surjus completa essa nota afirmando que...

*“(…) Picadeiros eram homens que abriam as “picadas”, mas, além disso, eram os guias, os orientadores dos agrimensores na execução dos trabalhos topográficos ou geodésicos. Os engenheiros que vinham da cidade desconheciam completamente a floresta virgem, não possuíam o sentido de orientação e não conheciam os*

---

<sup>78</sup> GIOVANETTI:1943 .

*mistérios da natureza selvagem. Após a abertura das picadas, os engenheiros transitavam para efetivar o serviço de agrimensura.*<sup>79</sup>

Ao longo de suas anotações, Surjus menciona outros nomes e outras funções para as equipes em agrimensura, tais como foiceiro, explorador de espigão (que localiza o divisor de águas dentro da mata virgem, geralmente onde se constituirão as futuras estradas) e picadeiro tropeiro.<sup>80</sup>

Surjus chamava seus auxiliares de "*camaradas*", herança do exército francês, admitindo, entretanto, que: um acampamento de agrimensor é como um navio, precisa de comando firme. A sua equipe em 1948 era formada por José Trigo, Etelvino, Albino, Benedito, Marciliano, Bertolino, Genésio, Augusto, e seu filho Gilberto Menck Surjus, naquele momento com 21 anos. Pelos relatos do Diário, apesar de excelentes auxiliares, José Trigo e Albino eram alcoólatras e Marciliano era viciado em jogo.

Um dos principais problemas enfrentados pelos desbravadores dizia respeito, principalmente, à quantidade de vezes em que eram obrigados a parar porque encalhavam, especialmente em dias de chuva. Isso porque o estado das primeiras estradas obrigava os primeiros viajantes a dotar-se de muita paciência. O percurso de Londrina a Arapongas requeria um dia de viagem. A estrada era permeada de buracos causados pela chuva e, em dias de sol, coberta por uma densa camada de terra que rapidamente se transformava num véu vermelho de poeira, impedindo qualquer

---

<sup>79</sup> Entrevista feita à autora em 1993.

<sup>80</sup> Cada membro da equipe deveria ter seu próprio enxoval, constando calças, camisas, toalhas, cuecas, meias, botas, sacos de viagem, escova de dentes, sabonetes, espelho, canivete, cigarros, etc.

visibilidade. Manobras arriscadas e rápidas eram exigidas pelos desvios, mas, apesar de todo o cuidado, muitas vezes os carros quebravam.

Para pequenos percursos os desbravadores faziam uso de cavalo, carroça e, quando o carro quebrava, era comum tomarem de empréstimo um cavalo de fazendeiro conhecido ou não das cercanias. Um recurso também freqüente daquela época seria o do pernoite no meio do caminho. Com bom humor, Surjus descrevia percursos em que era possível encalhar e quebrar o carro pelo menos duas vezes ao dia.

*“24-2-48 - 3 - Sahimos finalmente para St. Ji. Encalhe no Rib. Três Boccas. 2 encalhe definitivo às 9H. da noite além do Patrimônio do Bukle (perto de Arapongas). Pousa na estrada. O carro enguiçou para lá da ponta das 3 Boccas. Antes na descida tive que jogar o carro no barranco quando percebi que estava sem break e o carro estava em 2ª. Uma roda subiu no barranco mas o carro não tombou, parou. Depois desci em 1ª. O enguiço do outro lado foi devido a bomba tive que ir a Fazenda do Álvaro Godoi. O chauffeur d'elle me tirou de embaraço. Mas às 9H da noite encalhei e posei a 14 km de Arapongas. O dia 25 de manhan um Jeep acabou de me safar do buraco e as 9 cheguei em Arapongas.”*

*“25-2-48 - 4 - Chegamos em Arapongas as 9H mais ou menos e estrada está incrível. Posamos aqui devido ao desarranjo do motor. O Benedito voltou de Astorga para*

*saber de nós, mandei elle voltar para traz com a mercadoria.”*

*“27-2-48 - 6 - Sahimos hogue de Astorga com a carroça e fomos posar na Fazenda conhecida por Gustavo Ribas.”*

Levar todos os apetrechos necessários para o local onde iriam trabalhar, demorando na maioria das vezes mais de dois dias de viagem para chegar, era apenas a primeira etapa do trabalho da equipe. Independentemente do horário em que chegavam, eram obrigados a montar suas tendas, guardar as provisões, organizando-se e preparando-se para começar aquela empreita.

*“Sábado - 23-8-47 - Sahimos finalmente hogue de Bom Sucesso, e depois de uma marcha um tanto cansativa chegamos no fim da estrada de rodagem Marisa no ponto em que a gente do João Rosa abriu um picadão até o Ivaí na posse que elles tem em terras do estado. Como era tarde demais e chovia resolvi acampar lá e posar. Não encontramos o João Pereira que sahiu a frente com certeza elle extraviou-se onde será que elle foi ? Estendi uma barraca na estrada para recolher água. Mas a chuva era pouca e não se juntou a água, a reta aberta por mim o anno passado era tão suja que não pude encontrá-la. Quasi noite escutei uns gritos vindo do picadão pensei que fosse o José*

*Pereira, mas não era. Eram um filho do Zico Rosa e um caboclo que iam para o patrimônio levar um capado para o Noel Rosa. A vinda delles foi providencial porque estava chovendo, e estamos sem água elles me indicaram uma nascente ahi perto onde fui com 2 camaradas levando vasilhas encontramos uma água lodosa e escassa. Assim mesmo foi com ela que cosinhamos e fizemos café. Armadas as barracas, tomemos um descanso merecido. Os animaes pousaram amarrados comendo coqueiro.”*

A cada três ou, no máximo, quatro dias, eram obrigados a mudar o lugar do acampamento, na medida em que avançavam com a mensuração. Dentro do mato, a distância de um acampamento ao outro era, na média, de 6 km.

*“23-1-44 - Cedo sahi em companhia do Dr. Diment e Sr. Julio e os camaradas no Km 30 dei primeira do meu serviço na C.T.N.P. deixei trabalhando João Trigo, João Pereira, João Farias e Pedro Dias — Voltei cuidar da mudança, que chegou no último pouso do Dr. Diment, quasi sem accidente. A mula branca derrubou a carga e espantou o burro que eu ia levando o qual me derrubou, e machuquei o dedo anular esquerdo. Chegamos às 5h e tive que voltar com um cargueiro buscar o resto da bagagem dos camaradas, e a carne e toucinho cheguei às 9h. da noite apenas o burro*

*derrubou dois “buchos” dos camaradas porém o burro depois de correr um pouco esperou calmamente.”*

*“24-8-47 - Domingo: Choveu quasi a noite inteira o pessoal creio que dormiu um sono só a canseira foi muito grande. O Pereira, o Albino e o Marciliano foram no espigão. Achamos água na cabeceira de um afluente do Caroa suficiente para a turma, mas está a 500 mts do acampamento.”*

*“2ª Feira 25-8-47 - Levantei as secções do Patrimônio, o Augusto foi buscar a tropa do lado do Pasto para mudarmos amanha. A tropa pousou amarrada comendo coqueiro.”*

Mudando sempre, permaneciam acampados próximos ao local que estavam medindo, andando em média até 35 km por dia. As mudanças permitiam longas narrativas e explicações, além de encontros com velhos conhecidos, o que afastava o agrimensor e seus trabalhadores dos dias rotineiros em acampamentos fixos.

*“3ª Feira 26-8-47 - Mudamos. De madrugada choveu bastante com vento, a minha barraca armada muito alto pouco me abrigou no fim cobri a cabeça e deixei ventar a vontade. Felizmente a chuva terminou antes de amanhecer de modos que cedo pude terminar o levantamento do patrimonio*



*e depois seguir com a mudança. O Marciliano, Albino e João Pereira foram terminar o dia no espigão, enquanto eu com o restante da turma fizemos a mudança. O Picadão dos Rosas está em boas condições. Chegamos ao porto quasi sem perceber, o rio Ivaí está tão calmo que chegemos a elle e ver o aviso da chegada foi um canto de galo do outro lado do Rio. Chegando a beira do rio mandei gritar pois que eu estava rouco e não podia fazel-o. Apareceu logo um mocinho que veio com a canoa, eu achava o geito de elle andar exquisito, a explicação era que o mocinho era uma mocinha filha do Zico Rosa, elle me atravessou; nada caipira, creado em Assis, a Sra. do Zico Rosa não me reconheceu (pudera 16 anos de differença ella chamou o Zico que veio com José Franco amigos velhos). Passemos umas horas agradáveis rememorando fatos passados. Comprei 2 surubinas.”*

*“4ª Feira 27-8-47 - Fui começar a medir o espigão com José e o Augusto. Medimos até a estaca 56 e parei porque ali é preciso fazer um desvio. Viemos embora para o acampamento o que representa ida e volta uma pernada de 18 km. De tardesinha João Franco e o Zico Rosa vieram nos visitar.”*

Segundo Surjus, excetuando os dias de chuva, a quantidade de 95 a 100 km de trabalho de medida em um mês era considerada boa para esse tipo de trabalho.

*“5ª Feira - 7-2-46 - Hoge fez um mez que foi iniciado o serviço e apesar da chuva consegui de 95 a 100 km. O Benedito sahiu para se tratar está sofrendo de uma gonorrea e em lugar de avisar elle ia sofrendo sem se tratar. Fui levantar a reta Barbacena Keller às 3H a chuva nos atropelou. O Oswaldo que tinha ido acompanhar o Benedito até a estrada de Rodagem soffreu o diabo na estrada com a tempestade mas voltou são. O Pereira chegou ao Ivaí — cem o levantamento. O Alexandre (febre alta) graças a Deus está melhor creio que foi um forte ataque de grippe.”*

Entre um e outro acampamento, um pouco de desentendimento entre os camaradas.

*“3ª Feira - 11-6-46 - (...) Na hora quasi da sahida o Alziro recusou um serviço que o Alexandre mandou fazer então ofereci a elle a alternativa de atender ou pedir a conta. Elle mandou tirar a conta como estava toda a mudança pronta combinei com elle para nos acompanhar e acertar as contas delle no acampamento novo elle accedeu ao meu*

*pedido. De noite depois de uma marcha estafante de 35 km a pé depois de jantar acertei a conta delle (Alziro não saiu)."*

A falta de viveres e a precariedade de utensílios também ocorriam. Na maior parte dos relatos, as equipes de Surjus conseguiram fartura na mesa devido à abundância da caça e da pesca, naquele momento em que ainda havia abundância nas matas da região. Entretanto, seu Diário registra algumas ocasiões em que houve falta de açúcar, de sal e mesmo de carne, especialmente no final das empreitas, quando, possivelmente, tendo-se prolongado mais do que haviam planejado, os viveres começavam a faltar.

*"6ª Feira - 1 de Setembro 1944 - Posemos hontem no acampt N da estaca N 66, hoge cedo chegemos no acampt na barra do Pirajá. O Pedro e o Marciliano seguiram, ficando eu sosinho, a minha barraca estava ahi, que o Pedro a tinha trazido. O mantimento ficou comigo, mas não tinha sal nem vasilha. Ficou-me um pão de 500 reis. Cosinhei um pouco de macarrão sem sal n'uma latinha de Quaker. E agora são 5H.30 da tarde, estou cosinhando com assucar. Li um pouco, traduzi um pouco de inglez. As 4H. choveu um pouco e está trovejando. O Pedro e o Marciliano foram buscar a turma a 30 km d'aqui por picadas. Chegarão amanha."*

*“2ª Feira 17-11-47 - Levantei o Espigão Marilu com Albino e Augusto. Gilberto e Marciliano foram com o Salvador Brecho ver mantimento no porto de Vila Rica não acharam quasi nada. Mas trouxeram pinga o Albino bebeu quasi um litro sosinho sem ninguém perceber e de noite aprontou um banzel não deixando ninguém dormir.”*

*“6ª Feira – “7-9-45 (...) O assucar acabou hogue e se não encontrarmos mel vamos ter que tomar café a moda dos Árabes do Yemen: amargoso. O arroz está diminuindo a olhos vistos. (...) Voltei ao Acamp o Alexandre e Orlando estão pescando, o Orlando já pegou 5 pias grandes. Em todas as refeições temos peixe e Jacutingas. Voltaram o Marciliano e o Sebastião ao anoitecer, finalmente o Marciliano trouxe a noticia tão esperada! pegou o serviço hogue na picada velha aberta pelo Manoel Fausto em Março e no qual vamos fechar o perimetro. Mas não pode ligar com o serviço do Sebastião faltando 600 metros. Amanhan o Sebastião vae terminar. O Marciliano vae tocar a picada de cargueiro. O Sebastião levará o machado e o ancorete pois que acharam um mel que veio a ponto pois que o assucar acabou hogue. Espero o dia 11 estar na estrada boiadeira. Deus que me attende. A pesca miraculosa terminou. O Orlando pegou 13 e o Alexandre 1 seja 14 peixes que em Londrina valeriam uns 40 cruzeiros.*

Amante de culinária e de vinho, o prazer de estar no mato era interrompido somente quando o cozinheiro não estava à altura das expectativas. Frustrado por não conseguir um bom cozinheiro no acampamento, Surjus perde sua costumeira paciência no relato e mostra indignação pelo cozinheiro do acampamento que não deu conta do recado.

*"17-2-44 - (...) Na saída discuti com o Pulsino que não tinha nada pronto alegando elle a chuva de hontem, como se isto fosse impecilho para cosinhar tendo elle lenha seca em abundância. Ficou resolvido a sahida d'elle na m/ volta, trarei outro cosinheiro. Ninguém gostou d'elle por ser muito ranzinsa e não ter asseio."*

*"2ª Feira 26/2/45 - (...) O tropeiro seguiu hogue para Arapongas a procura de um cosinheiro porque este que eu tenho não dá fogo. Hogue o feijão estava azedo, o cosinheiro além de desesperadamente lerdo não é bem asseado. O peor é que tendo feito trato comigo, quer se aproveitar que de estarmos no matto para impor condições diferentes e eu não aceito isto."*

*"Sábado 30-8-47. Ananias me contou que o dia que elle voltou de Bom Sucesso e que elle me ofereceu uma Jacutinga esta foi recusada pelo meu cosinheiro, o Ataide*

*alegando que não tinha tempo de dispenal-a. Ora a mim elle tinha dito que o homem não entregou nada a elle, este sujeito tem tudo quanto é qualidade: vadio, sem educação... e além disto mentiroso. Só mandando embora mesmo.”*

Paciente com as festas, paternal nas doenças, porém sempre meticoloso, Surjus repreende seus camaradas quando julga apropriado.

*“20-3-48 - O Marciliano amanheceu enfezado tem trabalhado todos esses dias com uma má vontade incrível (...)”*

*“10-4-44 – O toucinho passou a noite na chuva o Sr. Marciliano o culpado, além disto ficou também o arroz. O peor é que o sujeito está cada vez mais mandão. Fui ao Julio Machado tomei emprestado d’elle 50 Cr., disposto a mandar embora o rapaz, mas na minha volta o encontrei trabalhando. Fiquei quieto por estes dias estará todo prompto então agirei.”*

Surjus mostrava-se pessoalmente preocupado pela maneira como os trabalhadores de sua equipe administravam o seu salário. Bebida, mulheres (da zona) e jogo eram as maneiras que os peões encontravam para dissipar seu dinheiro, tão duramente conquistado. Surjus convivia de perto com todas conseqüências que advinham desses comportamentos.

*"23-2-1944 - Em lugar de ir a Jatã, o José Trigo bebeu tudo o que recebeu. Apareceu cedo mentindo-me que vinha de Jatã e precisava mais 100 cr. para negócio dele. Dei-os De tarde encontrei-o bêbado e mal criado como sempre que elle esta n'este estado. E soube que elle não tinha ido a Jatã. Gastou tudo estupidamente como sempre."*

*"25.02.1944 - Era para sair hoje porem a bebedeira do Jose Trigo obstou a minha saida."*

Os "peões" despertam em LS, trabalhador da C.T.N.P., meticoloso nos empreendimentos e gastos, o olhar europeu que valoriza e confere seriedade ao trabalho.

*"24-1-1944 - (...) De tarde choveu torrencialmente Paulo que tinha ido na picada voltou molhado como um pinto, assim como os outros, que voltaram da picada pouco tempo depois. De tarde chegaram o Lazinho e o João Bernardes inteirar a turma. Choveu uma parte da noite. Tendo tomado chá dormi um sono descansado. As altas horas da madrugada do dia 25 o burro passou a cerca o Marciliano levantou e cercou-o fazendo o voltar no outro lado do correjo onde estamos acampados."*

*“Sábado 30-8-47 - Segui às 7 horas para levantar o resto do Espigão com o Marciliano, Augusto, Ataíde e o Ananias o mesmo que trouxe o capado ante hontem e que se chama Ananias, ao chegar a estaca 80 pontos final de hontem a chuva nos pegou fizemos umas cobertas de palmito em forma de guarda chuva. Depois de ficar de cócoras uma hora e de ter ouvido a história do Ananias, o tempo amainou, o Ananias é separado da mulher que mora com outro Rio acima no Porto de Vila Rica. E por falar em Vila Rica o porto lá conforme soube é do compadre João Mineiro este também dá voltas de todos os lados. Passado a chuva começamos o serviço mas formou outro temporal e antes que a chuva viesse vim para o acampamento. Mais tarde como a chuva não viesse, levantei mais umas 14 estacas e a chuva veio mesmo e tivemos que ir embora (...)”*

Mas havia uma preocupação constante com a saúde, o que implicaria em atraso no trabalho.

*“3ª F. 9-5-44 - Hoge levantei parte do Pombal da estaca 593 em diante. O Marciliano machucou-se n'uma vista, pinguei no olho d'elle um colírio de nome Jumara. Choveu de tardesinha e está chovendo agora de noite os animaes que estavam sumidos apareceram.”*



*“Nota 1968 - Dei o nome de 'Jumara' do colírio providencial que curou o Marciliano, a um correço por falta de outro, deve ser um nome indígena.”*

Surjus também é acometido pela maleita, em 1944.

*“4ª Feira - 8 Nov. 44 - Fui levantar água e fiquei doente — Comigo estavam no vante o João na ré o Ermiliano. Antonio e Marciliano ligaram com o Dr. Diment.*

*“5ª F.- 9 Nov. 44 - Sahi doente para Jandaia — dia 10 cheguei em casa de noite febre — dia 11 não tive febre. Domingo 12 Nov. 44 - Assisti cinema, de noite febre. Dia 13 o Dr. Goes mandou examinar meu sangue (maleita) 1ª injeccção de Paludan — dia 14 — 2ª injeccção — dia 15 — 3ª injeccção — dia 16 — 4ª injeccção — dia 17 Nov. 44 — 5ª injeccção quasi me mata, paramos. Notas: Este mez de Novembro foi péssimo pra mim me morreu um burro. Peguei Maleita com o Marciliano e João. Felizmente sarei logo e creio sem mais consequências. O serviço durante minha ausência só pode render: despesas.”*

Bruno Giovanetti<sup>81</sup> faz um merecido elogio aos primeiros picadeiros, dos quais a maior parte participa da equipe de LS:

*“A nossa zona por longos anos hospedou centenas e centenas de trabalhadores do mato. Alguns se tornaram célebres. Pedro de Alcântara, vulgo Pedro Anastácio, foi um verdadeiro pioneiro. Em 1908, fez parte da Comissão Geográfica e Geológica na exploração do Rio do Peixe. Foi muito apreciado pelos seus chefes. Tornou-se, mais tarde, o braço direito dos primeiros engenheiros que residiam na então Comarca de Campos Novos. Tendo o so, como bússola, discriminava os imóveis, com segurança e exatidão. José Trigo, Marcolino Antonio, José Rodrigues, José Ferreira, Antonio Canguçu, João Hipólito, Joaquim Pimenta, Manoel Machado Rodrigues, José Fidélis, Antonio Nascimento, etc. foram os mais destemidos picadeiros que pisaram nossas florestas e cujos nomes lembramos para prestar uma homenagem aos obscuros trabalhadores, que tão grandes e valiosos serviços prestaram à geografia regional.”*<sup>82</sup>

Gilberto Surjus afirma que o trabalhador de agrimensura tem o seguinte perfil:

---

<sup>81</sup> GIOVANETTI: 1943.

<sup>82</sup> Ibidem, p.15

- não tem família: os que a constituem, vivem mal ou abandonam a profissão;
- trabalham sempre sós; são corajosos e calados - o tipo de trabalho requer concentração que a conversa atrapalha, especialmente os picadeiros;
- são solidários: se alguém não volta, todos saem em sua busca; assim, qualquer demora irresponsável é tida como desrespeito ao grupo;
- obedientes e cautelosos: não questionam as ordens do agrimensor que dá as diretrizes do trabalho;
- lazer preferido: álcool, jogo e mulheres; podendo gastar em uma semana o resultado de 3 a 4 meses de trabalho. Pedem adiantamento para comprar roupas e cigarros antes de cada empreita.

LS faz questão de mostrar esse lado dos seus empregados:

*“2ª Feira 1-9-47 - O mez começou com chuva os foiceiros foram no matto e eu fui continuar o levantamento do Espigão da estaca 100 para o fim quando faltavam 3 estacas a chuva nos obrigou de bater em retirada. O José Franco veio visitar-me e ofereceu-me pinga elle me contou que tinha uma garrafa escondida a pé de um pau perto da minha barraca. Elle costuma fazer assim para que dura, tendo que atravessar o rio para mattar o bicho fica dias e dias guardada. Levando em casa elle o Zico e o Ananias em pouco tempo acabam com uma garrafa e ficam sem ella. Sistema bom para se auto-segurar.”*

*“4-3-48 5ª feira – Hoge o Benedito pediu para ir a Londrina se tratar que elle está doente doença pegada na rua Rio Grande<sup>83</sup>. Providenciei a sahiada d'elle junto com o carroceiro que sahiu hoge cedo para voltar segunda feira. Pedi ao Benedito trazer na volta o Etevíno e o Trigo e de volta do serviço eu soube que elle levou toda a sua tralha não sei se elle não está com uma idéia má elle está me devendo cerca de 1.500 cruzeiros. Espero que elle não vá me dar este prejuizo.”*

As chuvas atrapalham o serviço, trazem momentos de solidão, ocasionam doenças entre os trabalhadores, que precisam ir à cidade para tratamento, mas suscitam momentos de companheirismo e confidências;

*“Sábado 30-8-47 - Segui às 7 horas para levantar o resto do Espigão com o Marciliano, Augusto, Ataíde e o Ananias o mesmo que trouxe o capado ante hontem e que se chama Ananias, ao chegar a estaca 80 pontos final de hontem a chuva nos pegou fizemos umas cobertas de palmito em forma de guarda chuva. Depois de ficar de cócoras uma hora e de ter ouvido a história do Ananias, o tempo amainou, o Ananias é separado da mulher que mora com outro Rio acima no Porto de Vila Rica. E por falar em Vila Rica o*

---

<sup>83</sup> Nota de Gilberto Surjus: “doença pegada na Rua Rio Grande do Sul: gonorréia, esta doença antes da chegada da penicilina era o martírio de quem freqüentava a ‘zona’”.

*porto lá conforme soube é do compadre João Mineiro este também dá voltas de todos os lados. Passado a chuva começamos o serviço mas formou outro temporal e antes que a chuva viesse vim para o acampamento. Mais tarde como a chuva não viesse, levantei mais umas 14 estacas e a chuva veio mesmo e tivemos que ir embora.”*

Enquanto convive com outras pessoas a maior parte do seu tempo, o agrimensor narra histórias de vida paralelas, tais como as que ouve ou ainda outras que lhe interessam, na medida em que são histórias de vida das pessoas com as quais trabalha e com quem compartilha os seus dias no mato. Se o alcoolismo atingia Albino e José Trigo, Marciliano era acometido por um outro problema - o jogo - com o qual comprometia seus amigos e o próprio casamento.

*“11-3-48 - 5 - Amanheceu chovendo e ficamos um dia interminável no acampamento. Antes de dia a chuva parou; recebemos a visita do Marcolino que ia atraz o Paulo, elle chegou de tarde hontem e pousou em casa do José Ribeiro. O Paulo quando passou aqui me contou que Marciliano estava com casamento marcado e que um pouco antes de prazo elle sucumbiu mais uma vez ao vício do jogo e além de perder todo o dinheiro que elle tinha para se casar, perdeu também um dinheiro que Edmur Arantes (Muca) lhe tinha dado para pagar uma empreita. Agora naturalmente vae ganhar outro. É realmente pena porque é certamente o melhor picadeiro do*

*norte do Paraná além de um rapaz que leva o serviço e a vida no acampamento a sério. São 4 horas da tarde e só caiu duas pequenas chuvas creio que amanhã o tempo será bom.”*

*“19-3-44 - Hoje cedo pedi ao Cardoso para fazer o almoço não me atendeu depois ao Pedro que se levantou e fez o serviço. Depois de me levantar o Pedro declarou-me que resolveu ir embora. Nisto Cardoso também pediu a conta. Insisti com o Pedro (Dias) para ficar pois que é bom camarada elle me atendeu, o Cardoso não quiz continuar e o cosinheiro também resolveu sair para se tratar. Puz o Lazinho na cosinha. Achei o acampamento alegre a comida do Lazinho é melhor, elle lavou toda a sacaria. O João Farias melhorou.”*

Na qualidade de agrimensor, desbravador de uma região pioneira, Surjus foi responsável pela medição de lotes destinados a ser núcleos urbanos, de acordo com o planejamento da C.T.N.P.. Nessa linha estão os municípios de Astorga, Lerroville, Santa Fé, Rolândia, Arapongas e outras localidades. Vale ressaltar que várias passagens aqui expostas anteriormente já conotavam esse trabalho de demarcação das terras sob ímpeto da C.T.N.P.:

*“(…) O Salto do Apucarantina foi medido por meu pae (com muita dificuldade) em 1938. A Empresa Elétrica*

*não se interessou pelo salto pois estava ultimando a Usina Três Bocas, dois anos deram-se início aos trabalhos, pois Londrina já estava as escuras e sem água.”<sup>84</sup>*

Entretanto, as preocupações com o andamento do trabalho e com a ordem entre os peões não são a única coisa a povoar sua mente. Nas idas às cidades próximas registra o encontro com os amigos, a busca de jornais para manter em dia suas informações. As notícias da família o alcançam no acampamento.

*“2ª F. 15-5-1944 - Hoge seguiu para levantar o resto do Rib. Jumara até o espigão, e ver se podia também levantar o afluente. Mas só pude chegar no espigão onde liguei o serviço do Dr. Diment. A volta foi penosa era longe e era tarde. Durante o dia me alimentei com um cantil de chocolate e foi suficiente. Melhorei bem. Cheguei no acampamento de noite onde me esperava uma surpresa: no envólucro em que vieram os doces e que só estava aberto de um lado o Albino a procura de um barbante, achou uma carta, 1 jornal e fotografias de quase todos de casa. O Carlos é que está engraçadinho.”*

Chefiando turmas de empreitada, media o controle do tempo de trabalho rigorosamente:

---

<sup>84</sup> Gilbert Menck Surjus: 5.11.1986.

*"7-02-1944 - Levantamos hoje um correço na margem esquerda do Pombal-Barbacena ao qual dei o nome de Iraiba, a ligação no espigão foi errada e foram cair n'um afluente grande que necessitava picada de cargueiro.*

*"4-4-44 - Hoje fiquei no acamp. com o Paulo, pondo em dia a caderneta, reduzi as distâncias ao horizonte e calculei as diferenças de nível, amanha acabarei de somar."*

Em alguns trabalhos, Surjus partilhava com outra equipe os trabalhos de mensuração e, em determinados momentos, os chefes das duas equipes se encontravam. O relato a seguir descreve as dificuldades que o agrimensor francês enfrentou, a cavalo e de noite, na busca do outro acampamento e a possibilidade de uma queda em um abismo de 20 metros de profundidade no escuro da noite.

*"2ª Feira - 16-9-46 - Sahi do Miguelsinho com 1 rapaz que me acompanhará até aonde está o Alexandre, viajamos uns 18 kls. pela reta N.S. Sul e encontramos um largo picadão com umas flechas indicando. Mas sabedor de que elles estavam na reta E.W. tocamos em frente. Entramos pela reta E.W. e no kls. 4 encontramos parte do acampamento. Fiquei alegre pensando logo encontrar o pessoal toquei até o kls. 9 donde partiu uma reta rumo ao Bandeirante que seguimos, depois de andar uns 5 kls. vi vestígios recents que indicavam estar o pessoal acampado*



ali, mas quando chegamos somente achei as estacas onde elles tiveram acampados .Não sabendo para que lado seguir, toquei Bandeirante abaixo vi logo adiante 3 catetus, e no atravessar 1 aguinha 1 bellissimo viado correu bem a nossa frente, tocamos mais uns 8 kls. quando me convenci que o pessoal não estava deste lado, e me convenci também que era muito descuidado pois que esqueci o meu paletó para traz. Achei o paletó. Seguimos até o acampamento que tinhamos deixado a pouco. Procuramos caminho água acima mas não achamos resolvi voltar para o Tião e tocar água abaixo novamente. Andamos uns 5 kls. e escutamos 1 tiro que nos animou. Está escurecendo. Depois de estar a 600 mts. do acampamento voltamos 8 kls. para traz e tivemos que retornar de noite. Deixei a mula seguir a vontade em dado momento a mula parou, acendi a luz para ver o que era e deparei aos pés da mula 1 barranco de uns 20 mts. de fundura,<sup>85</sup> não confiei mais na mula e prossegui com a lâmpada acesa numa exhaustiva caminhada pelos barrancos afora, atrás de mim o meu companheiro Benedito cantava uma canção de amor fiquei com vontade de dar nelle. Após 1 hora de viagem chegamos até o acampamento mais mortos que vivos.”<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> Grifo da autora.

<sup>86</sup> Grifo da autora.

## b) Cotidiano e família

*“O século XIX, assim, esboçaria uma idade de ouro do privado, onde as palavras e as coisas se precisam e as noções se refinam. Entre a sociedade civil, o privado, o íntimo e o individual traçam-se círculos idealmente concêntricos e efetivamente entrecruzados.” Michelle Perrot:1991.*

Lejeune afirma que, durante o século XIX, o povo francês vive a instabilidade política, conflitos sociais que levam ao surgimento dos escritos autobiográficos e que a partir de 1869 existe uma preocupação em editar livros de razão, contas, diários, memórias da vida privada, ligados ao modo de vida burguês.<sup>87</sup> Os textos circulam de acordo com a sua atribuição específica: assim os livros de Razão são Diários passados de pai a filho, sobre o patrimônio da família, o que deverá assegurar a história da família às gerações seguintes.

Os discursos morais e as preocupações sociais estão centrados na família. Como os arquivos públicos não se interessam pela vida privada, o interesse dirige-se aos arquivos particulares, pessoais – diários, autobiografias, memórias – embora não sejam considerados fontes fidedignas por serem de difícil conservação e de mais difícil acesso, seja para consulta, seja para a reconstituição histórica. Há atualmente, uma grande tendência à valorização desses documentos, não obstante apresentarem

---

<sup>87</sup> LEJEUNE : 1980.

deficiências como documentação: uma carta tanto pode revelar quanto ocultar e isso podemos aplicar aos diários, às autobiografias, às memórias.

Após a Revolução Francesa, a família assume uma grande importância como instância reguladora da sociedade. Garante a moralidade e funda-se no casamento monogâmico. *"(...) O melhor casamento é o casamento 'arranjado' ao qual se sucede a feição e não vice-versa."*<sup>88</sup>

O casamento entre Julieta Menck e Ludovic Surjus foi formalmente "arranjado" entre as famílias, sem que a noiva conhecesse seu futuro esposo, tendo-o visto apenas uma vez antes do casamento. De acordo com a neta Magali, sua avó não tinha inclinações intelectuais; era uma mulher de hábitos simples, mãe e esposa prestimosa, preocupada com o bem-estar dos familiares. E, ainda nas palavras de Magali, seu avô *"...valorizava muito o estudo, mas não o estudo formal, era um autodidata. A profissão tinha uma função na vida e a leitura era para o bom desempenho dessa função. Os dois filhos mais velhos fizeram o primário e logo cedo acompanharam o meu avô na abertura de picadas. Ensinou a profissão de agrimensor aos mais velhos. O mais novo estudou medicina e foi motivo de muito orgulho para meu avô."*<sup>89</sup>

LS preocupa-se com o andamento do trabalho, da abertura de novas picadas e povoados, com a ordem entre os trabalhadores, mas a família ocupa um lugar entre essas preocupações.

As visitas à família em Londrina são, muitas vezes, motivo de inquietação para ele, até porque os poderes do pai não se restringem ao âmbito do trabalho. O controle do pai também se estende ao mundo doméstico. Mesmo inquieto com a saúde do filho, Alexandre, que contrairá tifo e levava uma vida de sucessivos

---

<sup>88</sup> PERROT: 1991 .

<sup>89</sup> Entrevista à autora.

comportamentos imprudentes, LS não deixa de expressar, na intimidade do diário, o descontentamento com a falta de cuidados que observa na família. Chegando em casa - além do mais -, analisa o comportamento das pessoas com as quais se encontrou socialmente, em Londrina.

*“6ª feira- 16/2/45 - (...) De tarde e de noite estive em casa do Dr. Odilon Borges de Carvalho, dona Stanilda está boa, tomou 6 injeções de penicilina 200 cz cada uma. Ela rescende a penicilina que tem um cheiro desagradavel. Ela desculpou-se com espirito.”*

Em seu Diário, as histórias adquirem, algumas vezes, um tom queixoso quando o assunto é a família e o casamento. A mesma impaciência que demonstra com os seus empregados por não entenderem as relações de trabalho da mesma forma que ele, também se registra quando se reporta às situações familiares. Por outro lado ainda que aparentemente o poder feminino seja exercido no âmbito do lar, a sua idéia de como dirigir uma família se manifesta. Após relatar os acontecimentos de um domingo, os quais incluíam compromissos sociais, assim se expressa:

*“18/2/45 - (...) E eu tenho uma mulher que só sabe ir a missa, me impedindo de ter boas relações e amizades com muita gente. Além de fazer levar os meus a vida mais estúpida que imaginar se posse. Minha filha está em idade de casar-se nem siquer sabe o que é um baile. O Luiz*

*Deliberador com mais de 50 anos et <sup>90</sup>depois de duas experiencias conseguiu na 3ª achar uma companheira (japonesa que soube lhe fazer uma vida feliz... se durar.”*

Do contínuo de seus escritos podemos deduzir o quanto ele era formal e exigente em relação aos seus compromissos em geral, o que o fazia ressentir-se por estar ausente do cotidiano familiar, por causa do trabalho em acampamentos prolongados, no meio do mato. Evidencia-se, desse modo, o denodo e a postura firme de Julieta, que, dadas as circunstâncias, enfrentou, na maioria das vezes, sozinha todas as dificuldades inerentes à criação, educação, e orientação de seus filhos. LS e sua mulher certamente tiveram suas diferenças, mas ele esforçava-se por ser um marido e chefe de família cumpridor de seus deveres procurando garantir o bom desempenho dos seus.

*“4ª Feira - 28-11-45 - Hoge é dia do aniversário de Julieta creio que pela 1ª vez desde que casamos não estou em casa e não tenho meios de mandar nem uma carta nem um presente. Será para a minha volta.”*

*“2ª F. 15-5-1944 - Hoge seguiu para levantar o resto do Rib. Jumara até o espigão, e ver se podia também levantar o afluente. Mas só pude chegar no espigão onde liguei o serviço do Dr. Diment. A volta foi penosa era longe e era tarde, deixei o teodolito na barra do correjo que não pude levantar, para mandar o Paulo fazer o serviço o dia*

---

<sup>90</sup> Grifo de autora.

*seguinte. Durante o dia me alimentei com um cantil de chocolate e foi suficiente. Melhorei bem. Cheguei no acampamento de noite onde me esperava uma surpresa: no envólucro em que vieram os doces e que só estava aberto de um lado o Albino a procura de um barbante, achou uma carta, 1 jornal e fotografias de quasi todos de casa. O Carlos é que está engraçadinho.”*

Era um pai dedicado e amoroso que nomeava rios, ribeirões, divisas, homenageando seus filhos, como nos exemplos a seguir: Ribeirão Marisa; Ribeirão Carlos, Ribeirão Axel:

*“31-10-45 - Levantei hoje o Ribeirão Carlos até a estaca 102.”*

*“Nota de 5ª Feira - 18-Set-1969 - Dei o nome de Carlos ao rib. em honra ao meu filho caçula que em dezembro deste ano 1969 se forma Dr. em medicina se Deus quizer. O ribeirão Carlos está a margem direita do rio Ivaí abaixo da barra do rio Barbacena”*

Na ocasião em que uma de suas filhas se casou, Surjus registrou:

*“Sábado 22-7-46 – A Marina casou-se hoje. Cedo o Juiz veio fazer o casamento civil que foi rápido. De tarde às 5 horas fomos a igreja com uns 5 automóveis. De tarde o Domingos inventou uma série de divertimentos que tiveram muito sucesso (...). Depois que ela foi embora a festa continuou até perto da meia-noite. Espero que minha filha seja feliz ella o merece foi uma boa filha. Que Deus a abençoe.”*

E ainda quando nasceu a primeira neta:

*“6-2-48 - 6 - Cheguei em Londrina onde encontrei a notícia do parto relativamente feliz da minha filha Marina que deu luz a minha primeira neta Sandra-Maria. Ella deu luz em casa onde ficou com o Walter até terminar a dieta mais ou menos. O Dr. Goes foi o parteiro e tudo correu bem tendo-se a Marina comportado com inecceidível coragem. A criança parece não se ter ressentido em nada da Meningite que Marina sofreu, bendita Penicilina. Foram preciso 3 pontos. Quem me deu noticia do nascimento foi seu Zico desta vez foi melhor noticia que quando me participou da meningite da Marina. A viagem de Eldorado aqui foi feita via São Roque e Manecar com Alexandre, Trigo e Genesisio.”*

No seu Diário, além do valor conferido ao trabalho, às leituras e ao estudo, LS demonstra cuidado em preparar os filhos para uma carreira, estimulando aqueles que aparentam tendência para a sua própria profissão, incitando-os a trabalhar sempre mais e melhor. Seus filhos Gilberto e Alexandre seguiram sua profissão e trabalharam com ele.

*"7-4-45 - O Alexandre, meu filho veio para ficar. A S.I.A.M está indo a falência então ele saiu."*

A vida social da época não se restringia aos limites de Londrina.

*"25-1-48 - Domingo - Hoge domingo o tempo amanheceu chuvoso resolvemos descançar de tarde resolvemos ir a São Roque hoga Tamarana onde segundo informações ia ter uma festinha em honra ao Sr. Hugo Cabral <sup>91</sup> Lá encontramos com elle, o Amadeo (Ebiner), Vitorio (Francovig) e uma porção de amigos velhos. Houve um pequeno baile de manhan tinha havido um banquete mas chegamos muito depois. Depois do baile viemos embora às 9H. o sanfonista seu Ivo guarda livros do Sguario veio comnosco assim como o seu Casimiro que pronunciou um discurso meio besta. Não choveu durante o dia."*

---

<sup>91</sup> Hugo Cabral: Prefeito de Londrina, melhor prefeito do Brasil à época. Gastou 10% com funcionário e 90% com obras. Amadeo Ebiner: 1 torrefação de café; 1 peixaria (Rua Duque de Caxias); bar da Associação Comercial; Loteamento de praia "Piçaras" em Santa Catharina; fazendeiro em Tamarana; falecido. Nota de Gilberto Menck Surjus; em 5-11-86.



A narrativa de Surjus, enfocando principalmente as relações de trabalho existentes naquela sociedade, naquele momento e lugar está centrada no dia-a-dia. A própria relação do autor como “chefe de turma” em um ambiente de trabalho inóspito é alvo de seus comentários escritos, em uma postura de observador-participante em total familiaridade com o meio ambiente que é, simultaneamente, objeto de seus registros, do seu trabalho e de suas experiências de vida.

*"5ª F - 6/4/44 -Hoge fui com Paulo no espigão medi da estaca 143 a 183 não fiquei satisfeito com o serviço efetuado, não rende e é mal feito ainda por cima. Encontrei os 3 apóstolos J. Bernardes, Pedro e Trigo de volta era apenas 2H45 alegando sede, e o ancorote ficando virgem no acamp. indecente. Isto mudará tomarei providencias no sábado."*

*"Domingo - 11 de Março 1945 - (...) disseram que o Pedro o novato se gabou que tratou comigo a 15 cz. por dia e que ia pedir-me para não gritar com ele, etc.etc....(...) Para que ele não me obriga mais a gritar-lhe ordens, vou despachal-o amanha cedo com o seu irmão. (...) Bons ventos o levam. Caboclos assim não servem, são acostumados a vadiar a metade do ano, e o nosso serviço requer teimosia e força de vontade."*

*“14-3-48 - Domingo - De noite esfriou bastante o dia amanheceu claro e limpo o céu vae dar um dia bom. Terminei finalmente a metade do Patrimônio retificando a divisa de cima.”*

Suas anotações demonstram que era possível contar com a hospitalidade das famílias que residiam em fazendas ao longo dos percursos.

*“28-2-48 - Sabado - Chegamos ao acampamento na água da Igreja às 9H da manhan +/- . Acampeei na beira da água, mandei fazer um almoço no João, que mora ali a poucos dias tomando conta do lote pertencendo ao Sr. Guerra. Contratei um porco com elle e matamo-lo as 3H da tarde. O João foi buscar uma balança na fazenda Ribas para pesar o capado. Mas de tardesinha desabou uma tremenda tempestade e chuva, mandei salgar tudo o capado. O homem voltou com a balança falei a elle que aceitava o peso de 90 k. que elle me tinha falado, elle concordou mas d'ahi a pouco elle voltou acredito que a senhora d'elle não concordou, queria pezar o capado porque o dia seguinte sendo domingo elle não trabalhava. Pesaram o porco deu 107 k. com o sal e o Jaca o que vae dar 95k. É interessante o modo de pensar destes ex-católicos que “viraram” protestantes não trabalham o Domingo, nem negociam nem fazem favor. Exemplo este mesmo cidadão encarregou-se tempos atraz de*

*levar a bagagem de meu filho Alexandre mas como era Domingo deixou os 5 cristões passar uma noite inteira no relento sem barracas e sem cobertores só levando a bagagem na segunda-feira. Isto é que se chama de ser discípulo de Cristo, o qual aconselhava em 1º lugar a caridade.”*

Como já se fez elucidar neste trabalho, Surjus escreve muito mais durante a semana, quando está abrindo "picadas". Nos finais de semana, nos intervalos do trabalho, apetece-se da família e do descanso. Sublima, pois, sua solidão pelo hábito de escrever.

*"6ª F 22 set.44 - Cheguei de volta na barra do Itacolomi a 1h30 da tarde + - tendo saído às 8h20. vim muntado no burro Rochedo. Achei o acamp. isto é minha barraca que tinha deixado o dia 17 em ordem assim como o mantimento que deixei dentro. Quem também poderia vir n'um sertão d'estes onde só existe a picada aberta por minha turma?"*

*"6ª Feira 29 set.1944 – Fui levantar o começo do espigão 1.400 m. A mudança seguiu com Marciliano, Pedro e o novo cosinheiro que parece boa alma. Depois de levantar o espigão desci Rio Bom abaixo da barra do Itacolomi (...) a picada de cargueiros era ruim em certos pontos, meus burros são de circo para se agüentarem n'esta picada. O rio*

*Bom no novo acamp. Merece o nome de rio. Estive agora mesmo a beira d'elle a lua a plumo e quase cheia, tudo quieto, dois urutangos se correspondiam, dando ao ambiente uma tristesa infinita. O Sertão às vezes é belo. Que calmo e que saudades... O novo acamp, é bem situado 7h20 O Pedro e o Marciliano cantam uma canção triste... triste... ”*

As preocupações familiares o acompanham e são registradas no mesmo nível de importância que confere ao trabalho. A morte da sogra merece os comentários a seguir:

*“29-11-48 - 2 - Mandei chamar a turma para ir no Calderon. Dona Amélia não dá mais nenhuma esperança. A família foi chamada - o Calixto e a Maria estão em casa e não deixei que fossem embora creio que D. Amélia não escapa.”*

*“5-12-48 - Domingo - Dona Amélia depois de tanto sofrimento morreu as 2H40 da tarde. Recebi horas antes a visita do Mr. Thomas e Dr. Aristides que me pediram acompanhar o Sr. Crozet um patricio recém chegado ficou tudo combinado para amanha. Conteí a elles que dona Amélia estava agonisando pediram desculpas”.*

*“6-12-48 - 2 - Dona Amélia foi enterrada as 2H mais ou menos embora não tivesse sido avisado pelo rádio teve bom acompanhamento.”*

### **Capítulo III**

#### **a) Paradigma do Eldorado**

*“O mito do Eldorado concretizou a noção mágica de riqueza que caracterizou os velhos povos do Ocidente. Transpõe-se pois, uma antiga realidade cultural a um novo cenário geográfico: o Novo Mundo Fabulas y leyendas de El Dorado. Edição de Juan Gustavo Cobo Borda. Barcelona, Biblioteca do Novo Mundo - Tusquets/ Círculo, 1987.*

A idéia do Eldorado, a busca de riquezas, de vida eterna, o encontro com a terra de São Saruê - país da juventude perpétua, onde as riquezas e a felicidade fazem parte da existência humana - perseguem o homem desde sempre.<sup>92</sup>

O Eldorado reproduz o desdobramento do mito do paraíso terrestre e da idade de ouro, aquele simbolizando o centro de todas as construções míticas que pode trazer de volta a felicidade das origens e o ouro por ser o metal perfeito, sagrado,

---

<sup>92</sup> SANTOS: 1977.

que confere poder a quem o possui, significando a beleza, a perfeição, verdadeiras no mundo dos deuses, desejada no mundo dos homens.

É desejo do homem conquistar a terra onde a morte seja desconhecida. Grande parte das religiões descreve esse outro mundo onde não existem a pobreza, a velhice, a morte ou a dor. Esse lugar avistado por navegantes, permaneceu no imaginário popular até meados do século XVIII. O Brasil irá conduzir essa região de imaginária a real.

A América detém os princípios básicos da utopia, concretiza geograficamente o lugar da bem-aventurança: Novo Mundo, continente jovem, espaço virgem, pleno de possibilidades. A utopia que representa o lugar ideal difunde-se simultaneamente às conquistas, entrelaçando, desse modo, o mito clássico e a nova utopia. Como mito, o Eldorado reproduz as condições históricas e socioeconômicas que propiciaram o seu surgimento, a sua permanência e o seu reaparecimento na América.

O imaginário europeu construiu um grande acervo de maravilhas e riquezas encontráveis no continente americano. As cartas, os relatos, os diários dos viajantes estão repletos dessa visão de mundo fantástico, cheio de riquezas, fácil de conquistar.

A Europa sofria, à época do descobrimento, graves problemas econômicos e estava impossibilitada de expandir o seu espaço, que se tornava a cada dia mais necessário em dois aspectos: o da sobrevivência biológica e psicológica e o da esperança de nova vida.

Os primeiros lugares visitados por Colombo são ilhas de natureza paradisíaca, homens vivendo em estado puro e essas noções do paraíso ajudaram a concretizar a invenção do Novo Mundo.

1562: revitaliza-se o mito agora em terras brasileiras com a possibilidade de enriquecimento rápido a partir do ouro, da prata e das pedras preciosas, além da exploração do açúcar, do café e da borracha. São esses os estímulos revivificados do mito, mostrando o desejo do homem de enriquecer, a fim de alcançar a felicidade.<sup>93</sup>

A necessidade de compreensão do mito permite a sua inclusão na história das idéias e sua localização; tendo se estendido, o mito, para inúmeras regiões, não deslocou o eixo ideológico que o acompanha e os efeitos que ocasiona na sua recriação constante, onde quer que ele se instale.

Impossível localizar no espaço o mito do Eldorado (tantas foram as vezes em que ele se deslocou), mas sempre é possível traçar um roteiro histórico de seu percurso lendário, o qual aponta sempre para o caminho das riquezas, da felicidade e do bem-estar, caminhos desejados pelos viajantes e imigrantes de todos os tempos e por estes constantemente reinterpretados e recriados. Aparentemente desaparecido - velha idéia morta e renascida em novas ilusões -, a lenda do Eldorado se faz presente e real para todos aqueles que foram atraídos no final da década de 20 para o Norte do Paraná. As riquezas chamavam o homem para essa região na promessa de uma vida farta em terras férteis, despertando e renovando o gosto pelo pioneirismo, incentivado, sobretudo, pelas correntes migratórias.

As cartas pessoais dos pioneiros faziam a apologia e a louvação das terras férteis, abundantes de muitas riquezas, com um céu sempre azul e matas de um verde deslumbrante. Eram verdadeiras descrições do Paraíso Terrestre, em tudo semelhantes àquelas dos antigos conquistadores.

A região aparecia aos olhos dos imigrantes como o próprio Eldorado, onde se chegava a “rastelar” ouro nos seus caminhos lamacentos. Havia um

---

<sup>93</sup> GERBI: 1996.

grande entusiasmo em relação à descoberta desse novo Eldorado nas primeiras décadas do século XX.

O homem sempre imaginou lugares em que o solo era fértil e as riquezas se achavam à flor da terra. A Antiguidade e a Idade Média acreditavam nesse lugar feliz e ideal. As descrições são numerosas e repetidas, o Paraíso situava-se a Leste, de onde surge a luz sai o sol; conseqüentemente, onde se encontra a origem da vida. Os espanhóis buscavam ilhas fabulosas nas quais estaria a fonte da eterna juventude, enquanto os ingleses perseguiam terras míticas.

Para os filósofos contemporâneos, o lugar que não existe e que poderia ser reconhecível em algum ponto do tempo e do espaço está morto juntamente com a idéia de utopia. Entretanto essa idéia é transferida para o continente latino-americano, causando uma tensão entre o “ser” real e o que “deveria ser” a América. Acreditou-se que o Eldorado estivesse localizado na Amazônia.

Londrina na década de 20 representava esse ideal utópico da América, não havendo qualquer constrangimento por parte da Companhia de Terras Norte do Paraná em criar esse “vir-a-ser”. O jornal Paraná Norte era porta-voz dos interesses da C.N.T.P. e a sua propaganda legítima a viabilização do empreendimento capitalista realizado pelos ingleses.<sup>94</sup>

A propaganda veiculada pelo jornal Paraná Norte, em 3.01.36, revela, de modo concreto, a idéia que era passada aos futuros pioneiros de pujança da região, delimitando esse espaço ideal em pleno século XX: “É surpreendente!... é inédito... é absolutamente inédito que uma cidade iniciada muito depois da crise de 1929 apresentasse jamais índices de prosperidade tão entusiasmantes. (...) A divisão agrária que

---

<sup>94</sup> ARIAS NETO : 1993.



nos caracteriza, funda lares felizes por todos estes espigões e encostas, rodeando-as de uma abundância de terra da promessa! Terra da Promissão!...”

A idéia de Paraíso continuou por muitos anos, como bem o atestam os nomes dados às primeiras casas de comércio de Londrina: salão de beleza Éden, restaurante Paraíso Terreal, Cine Ouro Verde, fazenda Eldorado, entre outros.

A cidade atraiu pioneiros de diferentes nacionalidades que buscavam essa terra prometida, apregoada pelo discurso da C.T.N.P., que incorporou em torno de si um componente mítico, já desvendado em outros estudos. Materializa-se, pois, no espaço e no tempo o local da bem-aventurança.

Outros trabalhos analisam o empreendimento realizado pelos ingleses a partir da ótica do binômio capital-trabalho<sup>95</sup>, mas todos estão de acordo que esse é um outro mundo, das terras fabulosas, do ouro e da aventura; um mundo que pode recuperar as virtudes do passado maravilhoso, projetando-o para o futuro.

Tudo aquilo que foi impossível realizar no Velho Mundo, poderá vir a ser neste novo mundo: a “cidade ideal”, “a região ideal”. Define-se o novo mundo por oposição ao velho, isto é, constata-se as diferenças entre os dois mundos e essas constatações orientam novas lógicas. Descobre-se um novo mundo inventa-se uma região cheia de possibilidades reais.

Gerbi<sup>96</sup> faz um cuidadoso estudo sobre os primeiros colonizadores e viajantes do Novo Mundo a partir de cartas, relatos e diários em que constata vida, artes, costumes, alimentação, enfim, o que há de novo nesse mundo, mas não necessariamente aquilo que coincide com o velho.

---

<sup>95</sup> BATISTA FILHO : 1985.

<sup>96</sup> GERBI: 1996.

A projeção de idéias que organizou essa “região ideal”, contudo, traz alguns momentos em que o “real” e o “ideal” confundem-se. Para alguns dos pioneiros, o mito mostrou sua verdadeira face: inúmeras famílias que traziam na bagagem o sonho de uma vida feliz e farta defrontaram-se com situação de pobreza e dificuldades sem limite. O Eldorado eram ruas lamacentas, caminhos a serem abertos e muito trabalho, sem que se vissem os resultados desejados.<sup>97</sup>

Os movimentos imigratórios intensificam-se ao mesmo tempo em que ressurge o mito da Terra Prometida no final do século XIX e começo do século XX. Cria-se um espaço ideal que logo é incorporado ao imaginário social da época. As lendas, histórias, fantasias são contadas e repetidas em outros lugares e motivam expedições de conquista e imigração. Pode-se afirmar que essa situação repetiu-se na região Norte do Paraná.

São inúmeras as acepções do Eldorado quando se pretende analisar Londrina ou a região Norte do Paraná

LS também entendia a região como um possível Eldorado. O seu discurso inscrito no diário deixa clara a possibilidade que a terra oferece para o enriquecimento. Trabalhador incansável, LS luta para alcançar esse fim.

*“3ª Feira 20.02.45 - (...) O Campinho ou o local onde estive em 1928 (17 anos antes), com o chamado Dr. Pereira ficando 3 dias por causa de 2 burros perdidos. N’uma das cabeceiras proximas, tinha naqueles tempos uma pequena posse de João ou José Pinto, que morava na Prata. Agora quasi 17 anos depois vim ter no mesmo lugar. Tanto tempo”*

---

<sup>97</sup> ADUM: 1991.

passado, e pouco consegui. Este ano espero recuperar muito tempo perdido.<sup>98</sup>

*“5ª Feira 22/2/45 - (...) No local onde ficou o resto da turma mora o sr. Juca Firmino que comprou 500 alq. da C.T.N.P.<sup>99</sup> e que está acampado em terras do Estado requeridas pelo capitão Pimpão (...)”.*<sup>100</sup>

Para um trabalhador obstinado como Surjus era possível encontrar o Paraíso Terrestre na região do desbravamento. Os depoimentos dos amigos e familiares dão conta dos inúmeros lotes que recebeu como pagamento do trabalho realizado, das picadas que abriu, dos patrimônios que fundou. E a idéia de paraíso terrestre também vai aparecer nos seus registros.

*“6ª Feira 22-8-47 - Chegamos em Bom Sucesso n'um caminhãozinho de 1 500 kls. que indo buscar feijão à fazenda São Gabriel nos trouxe com tralha e tudo por 200 cz. Encontrei em Bom Sucesso o José e o Augusto que já estavam cansados de esperar. O velho Julio Machado melhorou da tosse com a qual elle voltou de Iguape onde elle foi em peregrinação. Encontrei em Bom Sucesso um novo farmacêutico que morou muitos annos em Goiaz e que conta*

---

<sup>98</sup> Grifo da autora.

<sup>99</sup> Grifo da autora

<sup>100</sup> Grifo da autora

*muito da vida de lá. Mineiro criado em São Paulo elle tem uma predileção por aquelle estado do qual elle se retirou devido sua vida correr perigo devido a encrencas politicas nas quaes elle se meteu. Pelo que elle conta aquilo lá é um paraíso terreal vida fácil mas pouco dinheiro. É um amante exaltado do rio Araguaya “estar nas margens d’aquelle rio é estar perto do céu” é uma das suas expressões. A moral lá está ainda do mesmo modo que St. Hilario descrevia não melhorou ou piorou muito depende do ponto de vista de cada um.”*

O testemunho deixado por Surjus, válido como reconstrução de sua própria identidade, informa historicamente, além de guardar a memória e reorganizar os acontecimentos. Ao construir a sua história pessoal, o agrimensor constrói também a história da região e a contextualiza com a história do Brasil como um todo.

Nessa construção, Surjus nos remete à sua própria experiência e aos valores “franco-brasileiros”, defendendo a noção do trabalho como possibilidade de “redenção” do homem.

*“15-3-44 - Levantei 2 corregos hontem e comecei outro, apanhei um resfriado forte trabalhei doente. Tomei uma cafeaspirina melhorei um pouco. Pude acabar o dia de serviço”.<sup>101</sup>*

---

<sup>101</sup> Grifo da autora.

O Eldorado somente se concretizará como *terra da promessa* se puder ser acompanhado pelo trabalho. Evidentemente essa noção não é a mesma para os seus “peões”.

*“3ª F. 9-5-44 - Hoge levantei parte do Pombal da estaca 593 em diante no começo o serviço feito pelo Marciliano e Atilio Davanca era bem feito, mas depois era tão ruim que deixei o instrumento e fui atraz d’eles para decidir o caso. Porem o serviço começado hoge estava melhor e depois da devida reprehensão creio que eles tomarão definitivamente o rumo certo.”*

*“Sábado 13 de Maio de 1944 - Hoge levantei da estaca 40 até a 116 e mais 10 estacas de um afluente. Ao chegar no afluente onde está o acamp. encontrei o Atilio e o Marciliano, os quaes levantaram 2 afluentes inutilmente (curtos) e em lugar de ir no rib. mestre (eram 9H da manhã) preferiram voltar dar de comer aos borrachudos o dia inteiro.<sup>102</sup> O João Farias me disse que se tivessem ido no ribeirão teriam acabado hoge. Levantei hoge 86 estacas das 8H20 às 5H da tarde.”*

Sem dúvida o mito está presente, a despeito das picadas de insetos, do desconforto, da má vontade dos trabalhadores, das dificuldades a serem

---

<sup>102</sup> Grifo da autora.

transpostas mas ele só irá se realizar com o trabalho e é o trabalho de desbravamento que faz parte dos primeiros anos do diário Surjus. Mas o trabalho nem sempre justifica o mito, de acordo com o comentário de 20-2-45 transcrito mais acima.

A terra oferece-se, amolda-se aos homens empreendedores. O trabalho árduo pode transformar a região em paraíso. A vida está submetida às leis da natureza, as quais, segundo a tradição, são as que regem o paraíso original.

*“3ª Feira 6-3-45 – (...) O acampamento é ótimo perto de um córrego de leito arenoso e para baixo da minha barraca tem um pequeno salto com uma bacia que dá água até no meio corpo. É uma delícia para tomar banho, aqui é mais limpo que na terra roxa. A noite foi ruim os mosquitos pólvora perturbaram o sono de todos nós.”*

*“Domingo 1 de Out. 1944 – (...) Os animaes dentro d’água n’um ponto onde o rio é baixo formavam um lindo quadro. O dia vae caindo os mosquitos pólvora e biriguir vão chegar, as abelhas que me atormetaram de dia estão se despedindo. O sabiá que canta às 5H ½ da manhan está cantando novamente. E mais um dia passou no sertão.”*

Mas o mito, tendo sido reatualizado pela Companhia de Terras Norte do Paraná, criou em Londrina e região uma nova idade de ouro, espaço isolado, “virgem”, incontaminado, distante da degradação do Velho Mundo.

As descrições mostram os cenários: o clima arenoso, a fertilidade do solo. E essas características mantêm-se como modelos de identidade latino-americana.

*“3ª F. 3 de Out. 1944 - (...) Em frente o acamp o Rio Bom forma um espraiado com lages a flor d'água que permitem atravessar de lado a lado. De tardesinha eu fui no meio do rio apreciar o panorama que é bonito, rio abaixo a 100 m começa uma ilha comprida e alta o que dá um grande encanto a paisagem (...)”*

*“5ª F. 5 Out. 1944 -(...) Tem diversas árvores enfeitadas de flores amarelas e roxo claro parecem uma cascata de flores descendo sobre o rio (...)”*

No percurso entre ilusão e desilusão da busca de riquezas, LS traça o seu próprio caminho, o do enriquecimento cultural e o da valorização do homem europeu. Aí também podemos ver o significado do seu Eldorado.

*“6ª Feira 29 Set. 1944 - (...) O rio Bom no novo acamp merece o nome de rio. Estive agora mesmo a beira d'elle a lua a pluma é quasi cheia, tudo quieto, dois urutangos se correspondiam, dando ao ambiente uma tristesa infinita. O Atilio e o velho Antonio pescando, não tem quasi mosquitos. O Sertão às vezes é belo. Que calmo e que*

*saudades... O novo acamp é bem situado 7H20 o Pedro e o Marciliano cantam uma canção triste... triste..."*

*"Domingo 1 de Julho 1945 – (...) Cedo o Alexandre ficou entusiasmado com a vista dos Tangarás dançando; de fato é um espetáculo interessante. O Alexandre tirou um mel de abelha do reino, hoje junto com o Marciliano (...)"*

Londrina e região, novo espaço utópico, organizam-se com o empreendimento do trabalho, da busca pela fortuna, com seres reais buscando uma sociedade ideal.

#### **b) Marginalia**

*"Ler a história como se fosse literatura, ver na literatura a história que se escreve, será que isso é possível?", Edgar de DECCA e Ria LEMAIRE: 2000.*

As novas cidades, criadas dentro de um planejamento racional, obedecendo às leis do capital e do desenvolvimento, têm um passado tão próximo que aparentemente não torna necessário guardar.

Em Londrina a preservação de espaços históricos segue esse caminho. A antiga catedral de madeira, situada em ponto estratégico da cidade, foi



derrubada e em seu lugar construiu-se uma outra, imensa, de aço e vidro, significativamente representativa da idéia de pujança e de riqueza que a cidade pretende conservar.

Na década de 70, antigas e belas casas de madeira eram derrubadas e em seu lugar erguiam-se altos e modernos edifícios de apartamentos.

Sem tradição nem história, dada a sua pouca idade (se levarmos em conta que tradição e história estão ligadas à passagem dos anos), os estudos sobre Londrina e toda a região circundante da qual é pólo, somente tomaram impulso a partir da década de 80.

Esses estudos reportam-se à história oral, às histórias de vida, aos depoimentos gravados, pois grande parte dos seus pioneiros ainda está viva, mesmo se considerarmos que estes depoimentos repletos de lembranças, por vezes fantasiosas, situam-se na perspectiva do imaginário.

A maioria dos depoimentos é por si só reveladora: espelha (ou espalha) a noção de pujança até mesmo por aqueles que não conseguiram atingir o seu Eldorado.

Os documentos utilizados para desvendar a região são diferentes daqueles utilizados pela história tradicional: recorre-se aos relatos orais, às histórias de vida e às atitudes diante da nova sociedade que se forma; relatos inscritos em agendas pessoais, procedimento típico do que se convencionou chamar *história das mentalidades*.

A vida cotidiana é, pois, objeto da história das mentalidades: as ações, atitudes e hábitos organizam uma sociedade e possibilitam o seu pleno conhecimento. Um ritual, em qualquer sociedade, define a mentalidade dessa sociedade.

Em Londrina, o fator econômico e a idéia de pujança, repercutem na mentalidade, criando novas formas de ver a cidade, a região, o mundo.

O diário Surjus - como já se emblematizou nestas linhas de pesquisa e análise - é revelador da mentalidade da época em que a região foi colonizada, sobretudo naquilo que traduz o espírito empreendedor do europeu que buscava o país das riquezas: refiro-me, é claro, ao trabalho. Sem dúvida perpassava pelas cabeças dos imigrantes a idéia do enriquecimento rápido, mas não chegava a se descartar a importância do trabalho como realização do sonho, ou seja, trabalha-se duramente, mas sempre se tem a recompensa. Vivendo em uma região nova, onde tudo estava por ser feito, LS guardou consigo o comportamento europeu, a valorização das conquistas pelo trabalho, mas preparou-se para a construção do seu Eldorado pessoal: a cultura. Foi autodidata, estudou, leu, anotou.

Organizou uma biblioteca de tamanho expressivo (cerca de 400 livros), leu-os, estudou-os cuidadosamente, como prova a marginalia deixada em boa parte deles.

A sua biblioteca foi doada ao Museu pelos seus familiares estando já uma boa parte devidamente catalogada e classificada. Na minha pesquisa pude verificar que Surjus possuía uma curiosidade intelectual muito variada, não só pela multiplicidade de assuntos que lia, mas sobretudo pelas anotações marginais que fazia. Sua biblioteca é composta de obras em português, francês, catalão e inglês.

A preferência da maior parte das leituras realizadas por LS recaiu sobre as literaturas, francesa, brasileira e catalã. Entretanto, o interesse por outros assuntos não é menor, cabendo verificar o nível de preocupações intelectuais que possui

Estuda a literatura francesa comentando as obras e sua

importância no contexto mundial. Um exemplo é quando assinala o fato de *En attendant Godot* ter sido traduzido em 18 línguas.

Identifica autores que não estão especificados nas obras<sup>103</sup> e faz observações espirituosas sobre o que não está devidamente correto nos textos lidos. Além de observações literárias, faz também notas críticas, exhibe o seu ponto de vista em várias frentes, entre elas a questão agrária, a derrubada das árvores, as preocupações morais, religiosas e sexuais.

As leituras que realiza sobre memórias, autobiografias e história mostram constante preocupação com a imigração no Brasil. Faz comparações entre São Paulo, onde considera que houve importação de braços para substituir o trabalho escravo, e os estados do sul, que sofreram um processo de colonização diferente (marcado pela presença de diversas etnias européias, como as eslavas, germânicas e escandinavas), mostrando que nesses estados os imigrantes viviam como pequenos proprietários rurais.

Nos estudos sobre a história européia, dedica maior interesse à Espanha no contexto da Segunda Guerra Mundial. Identifica-se com as afirmações sobre a miséria do povo espanhol, possivelmente devido a sua origem catalã.

Outras de suas preocupações mais constantes são: a família e o casamento, as discussões em torno da questão de classes sociais, a história do Brasil monárquico e as influências das idéias européias sobre a corte e os políticos.

As leituras que Surjus realizou sobre memórias demonstram a sua curiosidade e nostalgia em relação à liberdade de ir e vir que existia no início do século, interesse pelo avanço tecnológico, concepções sobre o trabalho, considerações

---

<sup>103</sup> Nota da pesquisa: Na biblioteca de LS, encontrei algumas obras que não tinham o nome do autor (Obras compradas em sebo sem a página de rosto). O agrimensor, ao ler essas obras, chegava a identificar o autor e inseria a informação na marginália.

sobre a predominância do inglês sobre o francês, fato este que, na sua opinião, é prejudicial à cultura média geral.

Em alguns momentos de suas leituras e reflexões, identifica-se com personagens que considera ter uma história de vida semelhante a sua.

Apesar da variedade de assuntos, foi possível estabelecer uma classificação nas obras lidas e anotadas:

**Literatura francesa, brasileira e catalã :** *Germinal*, Emile Zola; *Os contos de Belazarte*, Mário de Andrade; *Llibre de les set sivelles: proses del Rossello*, Josep Sebastià Pons;

**História européia e do Brasil:** *Bourlinguer*. Blaise Cendrars; *A revolução que se perdeu a si mesmo*, David Nasser;

**Memórias, autobiografias:** *Memórias de um colono no Brasil*, Thomas Davatz; *Encontro com a vida*, Vivaldo Coaracy;

**Narrativas de viagens:** *Sortilégio senegalês*, Antonio de Cértima; *L'oiseau de mort du cap Horn*, Christophe Paulin.

**Ensaio:** *Les maitres d'autrefois*, Eugene Fromentin; *Présence de Bernanos*, Luc Estang; *En attendant Godot*, Emile Lavielle.

**Teatro:** *En attendant Godot*, Beckett; *Teatre de la natura*, A.Rovira Virgili.

**Poesia:** *Anthologie des poètes français*; *Itinerário de Passárgada*, Manuel Bandeira; *Léopold Sédar Senghor: poètes d'aujourd'hui*, Armand Guibert.

A marginafia de Surjus foi feita com grifos horizontais à margem dos trechos escolhidos, sinais em forma de cruz, correções e anotações sobre o assunto lido. Fez observações sobre os autores e as obras estudadas e seus grifos permitem construir sua trajetória intelectual, determinar as suas preferências literárias, identificar os seus pontos de interesse.

Dos livros doados ao Museu, poucos foram aqueles que não foram lidos, visto que, mesmo não possuindo quaisquer anotações, percebe-se que foram manuseados. Na pesquisa pude constatar que a sua biblioteca era composta de um número maior de obras; alguns filhos conservaram parte da biblioteca do pai, segundo informações obtidas através das entrevistas.

As anotações foram feitas nas línguas conhecidas por Surjus, exceto o inglês que ele conhecia o suficiente para ler.

A marginafia oferece pistas para uma melhor compreensão das preocupações do agrimensor. Uma das evidentes, sem dúvida, é aquela voltada para o domínio das línguas maternas: fez questão de ler, anotar, corrigir suas leituras em francês e catalão.

Surjus demonstrou um bom conhecimento da literatura brasileira, associando-a e comparando-a à francesa. Seus estudos revelam a busca de informações sobre o Brasil, via literatura, e também o desejo de conhecer a trajetória e importância dos autores estudados. É um conhecimento que demonstrou sobretudo nas anotações marginais que fez, na preocupação em conhecer o país em que viveu, incorporando e assimilando a língua, usando com propriedade os provérbios, os ditos, as frases feitas. Em depoimento gravado, Surjus fala do conhecimento que possuía do Brasil, antes mesmo de imigrar: seu pai colecionou durante 20 anos o **Journal de voyage**, orgue

de la société géographique de Paris, e, através dessa leitura, ele pode conhecer, por exemplo, todas as explorações francesas no Brasil até 1902.

## OBRAS ANOTADAS

1. CENDRARS, Blaise - **Bourlinguer**. Paris, Denoel, 1948.

Nota da pesquisa: Esta obra, em 11 capítulos fala sobre Veneza, Nápoles, Bordeaux, possui anotações sobretudo nos capítulos que falam do Brasil.

No capítulo intitulado "Paris, Port-de-mer" que fala da amizade do autor com Paulo Prado e do incentivo de Antonio Prado à imigração, necessária às mudanças no Brasil, LS anota:

p.379: *Nota L.S.*: "Je fus chez lui".

*Correção* ao nome Antonho: "nio".

p. 383: *Grifos*: Benjamin de Castellar.

*Correção*: "Benjamin Costalat"

p. 384: *Grifos no trecho*: "...melancolie foncière de brésiliens d'aujourd'hui..."

idem: *Grifos*: "... il en va de même du père Anchieta l'aumonier de la flotte de Cabral et l'apotre du Brésil, dans sa lettre fameuse au roi Jean pour lui annoncer la decouverte du Brésil.

*Correção*: "errado=Vaz Caminha".

p. 389: *Grifos à margem do trecho*: "Les anglo-saxons de l'Amerique du Nord n'ayant pas conquis mais exterminé les indiens, la civilisation des etats est factice et ne peut être que passagère et destructice comme celle de Babylone qui etait consommatrice et d'essence pederastique donc sans lendemain dans le temps malgré ses conquêtes dans l'espace."

*Correção*: "pederastique = vilan".

*Nota L.S.*: "Salauds. maintenant ils sont à Vietnam 5 ou 6 civils pour 1 soldat tué".

p. 402-4: *Grifos à margem de telegrama de Blaise Cendrars a Paulo Prado*: "Mon cher Paul - donnez votre demission de president de l'institut de defense du café. Quand on est le fils de son père on n'a pas le droit de detruire le produit de la creation et du travail humains."

Nota da pesquisa: Todo o telegrama grifado por L.S. fala do interesse dos banqueiros, dos técnicos e especialistas que pretendem dirigir a economia mundial, além da descrença na estabilização dos preços. O telegrama finaliza dizendo: "démissionnez séance tenante par amitié pour moi, sinon le fils de son père sera l'homme le plus impopulaire du Brésil, et le plus hai.

Saudades. Blaise.

p. 404 *Grifos*: "L'important c'est que Paulo Prado donna sa demission."

*Grifos*: "C'était en 34."

*Correção*: "32"

Idem: *Grifos*: "Quelle torrée que la dernière guerre. Les generaux ont trouvé cette astuce de faire bruler vif les populations civiles. C'est le progres, disent les militaires, et de se complimenter entre eux..."

p. 423-4: *Grifos*: Paulo Prado, realista, cosmopolite, mondain et pas desinteresse pour un sou, lisait entre autres dans le but de doter sa petite patrie pauliste de ses titres de noblesse et son immense fortune lui permettait d'acheter les documents originaux, les exemplaires uniques, les livres rarissimes, tout un passe oublié, pour constituer une bibliothèque orgueilleuse et en faire don à sa ville (...)"

p. 426: Nota da pesquisa: *Grifos à margem de longo trecho em que Cendrars fala de uma conferência que deu em Minas Gerais sobre Philippe Soupault. No mesmo trecho Surjus sublinha a frase: "(...) chauffeurs de taxi nègres (...)" A propósito de um banquete oferecido*

por estes ao autor, com discursos em latim e aos quais Cendrars se sentiu embaraçado de responder. Na mesma página mais adiante:

*Grifo:* "(...) et c'est ainsi que je me suis deregulé ou réglé l'esprit, comme on voudra (...)"

*Nota L.S.:* "de Rimbaud".

2. LAVIELLE, Emile - **En attendant Godot**. Paris, Hachette, 1972.

Nota da pesquisa: Ensaio sobre a peça, com breve relato sobre a vida de Beckett, eventos históricos e informações sobre a primeira representação da peça.

*Nota L.S.:* "Peça traduzida em 18 línguas"

3. FORT, Paul - **Chansons à la gauloise**. Paris, Bibliothèque Charpentier, 1919.

Nota da pesquisa: livro de baladas francesas, seguido de um breve ensaio sobre a canção popular.

*Grifo:* "Ecoutez la caille" (canção)

4. DAUDET, Alphonse - **Lettres de mon moulin**. Edition définitive. Paris, Bibliothèque Charpentier, s.d.

*Nota L.S.:* "3e de ligne"

Nota da pesquisa: Anotações de viagem, em forma de diário sobre uma pequena cidade da Argélia, em época de guerra. LS refere-se ao regimento ao qual esteve ligado durante a primeira guerra. Capítulo onde se encontra a marginália: "A Milianah" Notes de voyages.

5. MAGNY, Claude Edmonde - **Arthur Rimbaud (poètes d'aujourd'hui, 12)**. Paris, Pierre Seghers, 1952.



Nota da pesquisa: Obras escolhidas de Rimbaud cartas, desenhos e fotografias. L. S. demonstra interesse por obras poéticas, grifando no final da obra a publicidade sobre a coleção "Autour du monde", que fala dos maiores poetas estrangeiros.

*Nota L.S:* "Ecrit à 15 ans".

Nota da pesquisa: O poema que merece a anotação L.S., intitula-se "Sensation".

p. 112: *Correção L.S:* "Le bateau ivre". "moi qui trouais le ciel rougeoyant comme un mur."

Nota da pesquisa: Verso original: "moi dont les monitors et les voiliers des hausses".

6. PASCAL, Blaise - **Pensées sur la religion et sur quelques autres sujets**. Paris, Delmas, 1948, v.1.

Nota da pesquisa: Obra com apresentação e notas de Louis Lafuma, com biografia de Pascal por sua irmã Madame Perier, prefácio da edição de Port Royal, excerto de "Les privilèges du roi"; Pensamentos e notas. LS assinala trecho de um dos pensamentos sob o título "Antiquités des juifs", no qual o autor comenta as diferenças e discrepâncias existentes nas obras. Considera que os historiadores não são contemporâneos daquilo que escrevem, não fazem história, mas divertimento que se assemelha mais à fábula do que à história. Troia e Agamenon são apenas "La pomme d'or".

*Nota L.S:* "Mais Troie a existé".

7. ANTOLOGIE des poètes françaises. Sem editora, Sem data, V. III.

Nota da pesquisa: Falta a página de rosto. Versos de poetas franceses, com autógrafos de alguns. De acordo com o índice, entre os poetas figuram: Henri Barbusse, Edmond Rostand, Paul Valery, etc..

*Grifos à margem do verso:*

a. ROSTAND, Edmond: "A Sarah"

"Car c'est chose supreme  
d'aimer sans qu'on vous aime  
d'aimer toujours, quand meme,  
sans cesse  
d'une amour incertaine  
plus noble d'etre vaine  
et j'aime la lointaine  
princesse."

*Grifos em todo o poema:*

b. BOUKAY, Maurice - "Le long du chemin

*Grifo no titulo do poema:*

c. GILKIN, Iwan - "Hallucination"

*Nota L.S.: "Para futura leitura".*

*Grifos nos titulos dos poemas: "Soir", "La grenouille", Pannyre aux talon d'or".*

d. SAMAIN, Albert - "Soir".

*Grifos nos dois poemas:*

e. BOTREL, Theodore - "L'echo" e "Peri en mer.

Recit d'un vieux ternevas"

*Grifos nos dois poemas:*

f. CAPAIRE, Hugues - "Les petits sabots". "La soupe".

*Grifos à margem de todo o poema:*

g. BOSCHOT, Adolphe - "Bois d'amour".

Nota da pesquisa: Poema sobre a solidão e o tormento familiar.

*Grifos em todos os poemas:*

h. RICTUS, Jehan - Sem título.

*Grifos à margem do poema:*

i. MALTESTE, Henri - "Le baiser de l'homme".

*Grifo à margem do poema:*

j. LANTE, Emile - "A une jeune fille".

*Grifos à margem do poema:*

l. PICARD, Edmond- "L'etang".

8. BRUNETIERE, Ferdinand - Honoré de Balzac - 1799-1850. Paris, Nelson, Calmann-Levy, s.d.

*Nota L.S:* Numeração dos capítulos de "La comedie humaine": "1" Scènes de la vie privée; "2" Scènes de la vie de province, "3" Scènes de la vie parisienne; "4" Scènes de la vie politique; "5" Scènes de la vie militaire; "6" Scènes de la vie de campagne, "7" Deuxième partie; "8" Troisième partie: etudes analytiques.

Nota da pesquisa: Na apresentação da obra, o autor ressalta que não se trata de obra biográfica mas de um estudo sobre a obra de Balzac. Segundo ele se Molière era a própria comédia, de Balzac poder-se-ia dizer que era o próprio romance.

9. FROMENTIN, Eugène - Les maîtres d'autrefois. Belgique-Hollande-Paris, Nelson, s.d..

Nota da pesquisa: No preâmbulo de 6 de julho de 1875, o autor define as metas do seu estudo sobre os grandes artistas da Bélgica e da Holanda que são chamados "mestres". Um pouco da vida de cada pintor, mas sobretudo estudo da obra.

p. 219: *Grifo à margem de trecho.*

p. 222: *Idem.*

p. 240: *Idem.*

p. 265 *Idem.*

Nota da pesquisa: Os grifos de L.S. voltam-se de modo especial para a expressão da natureza e das cores captadas pelos pintores belgas e holandeses.

10. TARDIF, Etienne- Chasseur de femmes. Paris, Dauphin, 1950.

Nota da pesquisa: O prefácio de Jean d'Esme mostra que o livro trata de aventuras de pioneiros e colonizadores na Indochina, o chamado Império colonial francês. São os construtores do Novo Mundo: os pioneiros, exploradores, missionários, administradores, sábios. Os sucessos de um Don Juan são facilitados pelo clima que determina as oportunidades. Retrato de existências rudes, de doenças e epidemias, mas sobretudo a missão de socorro à humanidade deficiente: ajudar o homem a viver.

*Notas L.S:*

p. 17: "Uma das personagens do romance é catalã."

p. 129: *Grifo e interrogação à margem do trecho:* "Il est celibataire, sa manie doit lui permettre de se passer de femmes, car la drogue est un vrai bromure. Un plaisir compense l'autre, mais je ne m'y resignerais pas, ah, non, par exemple."

*Nota L.S:* "A mania é o opio".

p. 135: *Grifo na frase* "(...) chez les mois."

*Nota L.S:* "Do Laos e Alto Tonkim (Viet. do Norte)".

p. 36: *Grifo na frase:* "Il y a donc de l'espoir dans mon coeur".

*Nota L.S:* "Confunde test... com cora ção"(sic)

p. 136: *Grifo na frase:* "Est-ce bien lui qui me guide..."

*Nota L.S:* "Não é não."

p. 137: *Grifo à margem do trecho:* "O lac, rochers muets, Grottes, Forêt obscure..."

*Nota L.S:* "Lamartine"

p.137: *Grifo no trecho:* "...j'ai perçu loin, très loin, les cris des animaux de la forêt, depuis le paon couronnant de sa parure les cimes des arbres(...)"

*Nota L.S.:* "Mentira. bicho do matto é quieto."

p. 136-7: *Nota L.S.:* "O Meykong é o formidável escoadouro das águas do sul da China, com suas montanhas, perto das quaes o nosso 'pico da neblina' é café pequeno (assim mesmo estão grilando ele). E viva os grileiro que povoam o Brasil melhor que o I.B.R.A."

*Nota da pesquisa:* I.B.R.A: Instituto Brasileiro de Reforma Agrária.

p. 139: *Grifo à margem do trecho:* "M. Gabriel, administrateur, vice-resident, est un melomane fervent, au point d'avoir un piano, dans cette brousse qui marque la fin d'un monde civilisé. Un fervent de Wagner, un admirateur de Chopin. Quel ecletisme."

p. 140: *Grifo no trecho:* "C'est dans la cour de la residence sous les ombrages d'arbres geants, que se tiennent les séances (...)"

*Nota L.S.:* "Se passa aqui, as teriam derrubado. Salve D.Paranaguá."

p. 141: *Grifos no trecho:* C'est tres loin d'ici, car il faut deux mois au minimum, pour y parvenir, en remontant le fleuve et en franchissant de nombreux et terribles rapides."

p. 142: *Grifo no início da frase:* "Quand je mets dans ma tete la presence obsedante d'une femme, un seul rémède:la possession."

p. 150: *Grifo no trecho:* "Après tout l'homme pre-historique n'avait pas de divans profonds comme des tombeaux".

*Nota L.S.:* "Baudelaire"

p.154: *Grifos:* "Si les cocus portaient tous un clochette sous le menton, vous jugez quel pétard.

*Tradução L.S.:* "Se os cornudos, carregassem um sincerro sob o queixo, imagine que barulho. Pétard= espécie de rojão sem rabo."

11. D'ESME, Jean - Thi-Ba - fille d'Aman. Paria, Plon, 1954.

*Nota da pesquisa:* Tema do romance: francês colonizador tem como amante jovem amamila (hué) a quem humilha.

p. 244 - *Grifos L.S:* "Et pourtant, ses yeux étrangement clairs, que les paupières abaissées vollent à jamais, n'erreront plus sur le doux paysage d'Aman (...)"

*Nota L.S:* "et ne verront pas le massacre de son pays par les sauvages Américains."

12. PONS, Josep Sebastia - Llibre de les set sivelles. Proses del Rossello. Barcelona, Selecta, 1968.

*Notas L.S:* Página de rosto: Acréscimo ao sub- título Rossello: "Roussillon Depart. des Pyrenées Orientales".

Nota da pesquisa: Roussillon, local de nascimento de LS.

p. 7: *Grifo e tradução:* "sivelles:fivelas é fechadura pequena para livros; collada espigão, cume, cimo; jo crec:eu creio; trobat: achado".

p. 55: *Grifo e tradução:* "guilla:"renard".

p. 95: *Grifo e tradução:* "bordegàs: "bordegàs, filho natural ou adúltero".

Nota da pesquisa: A p.113 cola as páginas do livro e faz a seguinte nota:"continue p.129". À página 129 encontra-se a continuação do conto; talvez deva tratar-se de erro na impressão.

13. BRANDÃO, Octavio. O niilista Machado de Assis. Rio de Janeiro, Organização Simões Editora, 1958.

*Grifos L.S:*

p. 21: O burguesismo de Machado de Assis;

p. 34: Luiza Malhin, a negra heróica da Bahia, mãe do abolicionista Luiz Gama, tomou parte ativa na luta contra a escravidão.

p. 106-7: *Grifos:* Na atualidade, existem duas ideologias fundamentais:1. a ideologia proletária, marxista-leninista, revolucionária... 2. a ideologia burguesa, capitalista, reacionária...

*Nota L.S:* "Quer libertar o Brasil para entregá-lo a Rússia??"

14. DAVATZ, Thomas - Memórias de um colono no Brasil. (trad. notas e prefácio de Sergio Buarque de Holanda). São Paulo, Livraria Martins, 1951.

*Grifos na apresentação.*

p. 243 - "Wilhelm Rausche "

*Nota L. S.:* "Há um pioneiro londrinense Guilherme Rausche."

15. GARÇON, Maurice - Trois histoires diaboliques. Paris, Gallimard, 1929.

Nota da pesquisa: O autor trabalha com processos judiciais. As histórias fazem parte do ciclo de crenças católicas e fixação da crença no diabo a partir da leitura de obras de demonólogos dos séculos XVI e XVII.

p. 193 - *Nota L.S.:* "Qui sait si a l'insu de Rose Tamisier, quelqu'un (Jesu) par exemple, metait le sang sur le tableau.?"

16. PAULIN, Christophe - L'oiseau de mort du cap Horn. Le Gibet. Collection historique et policière. Belgique, Robert Laffont, 1956.

Nota da pesquisa: Narrativa de viagem por mar. Ao final um diário de viagem. L.S. assinala um Tableau de quart que dá uma escala hierárquica do navio.

17. ECHAGÜE, Fernando Ortiz - Pasajeros, correspondencia y carga. Buenos Aires, M. Gleizer, 1928.

Nota da pesquisa: Livro publicado em Paris (26, avenue de L'Opera), ainda que conste edição em Buenos Aires. Compõe-se de um prólogo e três partes. O capítulo que merece a atenção de L.S., *Dos argentinos novelescos*, fala da publicação de um livro de recordações sobre Robert de Montesquiou e Marcel Proust, além da influência que aquele exerceu sobre Proust. Ressalta ainda o fato de falar tanto em Proust, esquecendo Montesquiou. Um dos argentinos era Gabriel de Iturri que se instala em Paris e torna-se amigo de Montesquiou. O outro era Martin, glorioso dançador de tango nos salões do faubourg Saint-Germain.

185 - *Grifo L.S*: Robert de Montesquieu.

*Correção*: R. de Montesquiou.

18. MERIMÉE, Prosper - *Mosaïque*. Paris, Nelson Editeurs, 1927.

p.123 - Capítulo *Le vase etrusque*.

*Grifo*: “Comme je ne puis donner à déjeuner à tous mes lecteurs”...

p. 185- *Correção*: “roya / e “r”

19. RADIGUET, Raymond - *Le bal du comte d’Orgel*. (Prefácio de Jean Cocteau). Paris, Bernard Grasset, 1924.

Nota da pesquisa: No prefácio Cocteau fala sobre a prodigiosidade do autor que escreveu toda a sua obra até os 20 anos, quando morreu. O romance retrata a vida de uma família francesa nobre, que se instala na Martinica e é plantadora de cana-de-açúcar.

p. 13 - *Grifos*: “(...) Un tel mélange du devoir et de la mollesse semblera peut-être, de nos jours, incroyable, même chez une personne de race et une créole. Ne serait-ce pas plutôt que l’attention se détourne de la pureté, sous prétexte qu’elle offre moins de saveur que désordre?”

“Mais les manoeuvres inconscientes d’une âme pure sont encore plus singulières que les combinaisons du vice. C’est ce que nous répondrons aux femmes qui les unes trouveront Mme. d’Orgel trop honnête, et les autres trop facile.”

p. 19 - *Grifo* - “(...) Mais, il faut le reconnaître, ses qualités n’étaient que celles de sa race, et son talent mondain.”

9.31-2 - *Grifo nas palavras*: “feignaient”, “inspectées convoitées”, “peureuses”, “syncope de Grand Guignol”, “populace”, “parvenue”.



Nota da pesquisa: O capítulo que mereceu esses grifos fala da moda que surgiu após o armistício: dançar na periferia e deixar-se admirar pelos pobres da região, “para que as elegantes sentissem o valor de suas jóias”.

20. SAGAN, Françoise - Un certain sourire. Paris, René Julliard, 1956.

Nota da pesquisa: Volume encadernado junto à outra obra da autora *Bonjour tristesse*. Sem notas, mas à página de rosto um recorte de jornal de Gabriel Millet, falando da lenda viva que é Sagan, símbolo do existencialismo francês. O Jornal é Folha de Londrina de 7-2-75.

21. VIRGILI, A. Rovira - Teatre de la natura. Méxic, DF, Edicions Catalònia, 1947.

Nota L.S: “Inteiro verde. L.S.”

22. ZOLA, Emile - Germinal. Paris, L. Maretheux, s/d.

Grifo nos títulos: Le Rougon-Macquart, La curée, Le ventre de Paris, L’Assommoir, Nana, Germinal, La bête humaine, La débacle.

23. GUIBERT, Armand - Léopold Sédar Senghor. Poètes d’aujourd’hui. Paris, Editions Seghers, 1969.

p. 7 e ss. Notas L.S. : “Victor. Cet enfant est noir, il est chétif comme le Hugo de Besançon”. “Diniz Dias, l’Infant Dom Henri - descobridores”.

p. 11 - Nota L.S.: “Côte d’Ivoire. Le ministre de l’agriculture revint a Londrina. Ingenieur agronome - diplome à Montpellier”.

p. 12 - Grifos: “En 1914 à huit ans alors que les peuples d’Europe perpètrent l’inter-massacre de l’homme blanc...”

Notas L.S: “Ici compris Alexandre Surjus resident à St. Barbara do Rio Pardo, SP. Tué le 26 oct.1918 a Nouriou le Petit (armistice 11 nov.1918).

p.13 - Grifos: “Si la chère est spartiate (l’ancien élève en a gardé une frugalité qui demeure intacte au sein de l’abondance)...”

Nota L.S: “Otimo.”

Idem - *Grifos*: Il va balbutier ses premiers mots de OVOLOF et de français en prenant ici des cours de politesse, pratique surannée de quoi je me garderai bien de sourire, après avoir entendu à Gorée des enfants de dix ans me répondre en une langue racinnienne...”

*Nota L.S.*: “Les senegalais parlent français sans accent.”

24. D’AVENEL, Vicomte G. - Les français de mon temps. Paris, Nelson Editeurs, s/d.

p. 172 - *Grifo*: “Mais évidemment il tue moins, et peut être que dans un millier d’années il tuera moins encore. Voyez dans les histoires, les milliers de vies sacrifiées sans raison, sans colère, parfois ou peu de très futiles motifs (...)”

*Nota L.S.*: “De 1917 a 1950 o mundo regrediu aos tempos de (ilegível). Quem era Nero perto de Hitler?”

25. ESTANG, Luc - Présence de Bernanos. Paris, Plon, 1947.

*Nota da pesquisa*: O livro trata da vida e obra de Bernanos, inclusive no Brasil.

p. XIX - *Grifos*: “Le monde moderne a deux ennemis: l’enfance et la pauvreté”

p. XX - “(...) la pauvreté est aussi une libération (...) La pauvreté fait des hommes libres.”

p. XXI - “Le scandale, c’est que Dieu ait sanctifié l’état de pauvreté... Ce qui’il bénit dans le pauvre, en effet, c’est l’état de pauvreté, non pas la personne du pauvre.”

p. XXVII - “La lideuse civilisation mécanique en effet n’a pas seulement prolétarise les hommes, elle a prolétarise les consciences.”

p. XXIX - “Le marxiste (...) prétend organiser le monde comme si le péché original n’existait pas, ou n’était, comme il le croit, qu’une invention de la classe exploitrice (...)”

26. BAUDELAIRE, Charles - Les fleurs du mal. Paris, Alphonse Lemerre, 1917.

*Nota da pesquisa*: O livro não possui marginais, mas à página de rosto estão alguns recortes de reportagens da Folha de São Paulo sobre a obra.

27. PAUL, Elliot - Vida e morte de uma cidade espanhola. São Paulo, Globo, 1947.

Nota da pesquisa: O prefácio fala da espoliação de uma pequena cidade espanhola sob Franco. O livro divide-se em duas partes: de 4000 AC a 1936 DC e de 14 de julho a 15 de setembro de 1936.

Pretende mostrar ao povo americano a conquista fascista, o comunismo e a anarquia. A cidade é uma pequena ilha chamada Santa Eulália.

A propósito de um habitante do lugar que construiu um barracão para casa lotérica e escreveu: ON PARLE FRANÇAIS - SPEEK ENGLISH (sic), o que não correspondia à verdade, mereceu grifo e nota de Surjus.

*Nota L.S.*: “errado, os freguezes ao menos falaram.”

p. 71 - *Correção de frase em catalão*: “No pod se que plugi mes” Tradução: Não pode ser que chova mais.

Nota da pesquisa: No livro a tradução está: “Não vai chover mais”

p. 87 - *Tradução*: “Commen`vos trubau? = Como vos achaes?”

p. 90 - *Nota L.S.*: “garobas em roussilonez garofas, bage de um palmo de comprimento, adocicada, secca e vendida em saccos para alimentação cavalariça. Na África do Norte cresce em estado selvagem.”

p. 93 - “butifara - salsichas curtas, grossas e escuras que parecem cassetetes butifará = chouriço - feitas com sangue e miudos da cabeça do porco e temperos, figos seccos = aquilo que parece assucar nos figos importados é farinha de trigo adoçado pelo próprio figo.”

p. 99 - *Notas e tradução L.S.* : “Un poc de vi pages=um pouco de vinho do lugar. “pagos”. vi=vinho, poc= pouco, pages=pagos, os pagos riograndenses.”

p. 193 - *Correção*: “Es derets van gaña = A direita vai ganhar, por Os da direita vão ganhar.”

p. 340 - Após o pós-escrito, *Nota L.S.*: “Meu posto-escrito = A América do Norte quer se aliar com Franco. Sr.L.S.”

28. Memórias de Alexandre Dumas, pai - Tradução de Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.

p. 3 - *Grifos*: “Villers-Cotterets, La Ferté Milon, Château-Thierry.”

*Notas L.S.*: “Passei n’estas cidades todas de mochila às costas. Em 1917-18 vi o parque e a casa onde nasceu A. Dumas. Há uma estátua d’ele no parque. O pai de A.D. o general Alexandre Davy Dumas de la Pailleterie era filho do marquês de la Pailleterie e de uma negra.”

29. CÉRTIMA, António de - Sortilégio senegalês: pelos caminhos do sol. Porto, Tavares Martins, 1947.

p. 30- *Grifo*: “E ao abrigo desta inesperada fórmula legislativa, sob a condução do deputado negro Blaise Diagne...”

*Nota L.S.*: “Na minha volta definitiva ao Brasil em novembro de 1919, no vapor Léger da Sud Atlantique, viajou também no mesmo o sr. Diagne, deputado do Senegal e sub-secretário do Ministério das Colônias.”

p. 57 - *Grifo*: “Na margem oposta, o explorador inglês Stanley...”

*Nota L.S.*: “americano naturalizado”.

30. BANDEIRA, Manuel - Itinerário de Passárgada. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1957.

p. 26 - *Grifo*: “No indizível horror de uma noite vazia...”

*Tradução*: “C’était pendant l’horreur d’une profonde nuit...” (“Na Athalie de Racine)”  
L.G.S.”

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Não é minha intenção alinhar-me ao lado de historiadores culturais e antropólogos como George Duby, Carlo Ginzburg, Natalie Zemon Davis e outros, mas tentar contribuir para que a história da região onde vivo e trabalho possa ser enxergada do ponto de vista de registros que privilegiam o documento literário, escrito por um cidadão estrangeiro, que teve o cuidado de lançar um olhar sobre a região e tentar penetrar nos seus segredos.

Acredito que a história de LS, aqui tomada como ponto de partida para novas pesquisas e estudos, poderá lançar “luz” sobre a formação da comunidade norte-paranaense e londrinense no seu início.

De 1944 a 1954 - a primeira década da escrita e os escritos estão voltados inteiramente para o trabalho de desbravamento;

De 1955 a 1965 - Escreve ainda bastante sobre o trabalho e a sua importância, mas percebe-se uma menor intensidade; está mais voltado à família, aprende a escrever à máquina;

De 1966 a 1976 - O trabalho começa a diminuir; vive praticamente de aluguéis de imóveis;

De 1977 a 1985 - Passa a maior parte do tempo em Londrina e o registro em seu diário continua, mas escreve pouco. A cada dia poucas linhas para narrar o cotidiano da casa, dos familiares e dos acontecimentos sociais e políticos de Londrina.

Surjus escrevia, reescrevia, lia e relia seus escritos o que demonstra sua preocupação em recuperar e reelaborar o passado que se tornou rico e, por

isso, recuperável. Não fez uma coleção de notas ou registros aleatórios. Retomou o que escreveu, analisando e interpretando.

O delinear histórico da região fez-se presente na observação do olhar europeu no continente americano. Esse mesmo olhar manteve intacta a lembrança da Europa, da França em particular.

Surjus soube usar a linguagem popular no convívio com os trabalhadores, provérbios, ditos e frases feitas, além de algumas figuras de linguagem.

*Domingo 8-4-45 - Há um ditado que diz que quem não tem cabeça deve ter boas pernas, hoje fui ao serviço a ? km, do acampamento +/- e tive que buscar voltar o plumo que tinha esquecido (...)"*

*4ª Feira 20-8-47 - Chegamos a Arapongas. O Alexandre seguiu para a Fazenda Balarotti e eu fiz as compras na casa Paulo tendo I encontrado condução até Jandaia com um amigo do Alexandre e conhecido do João Pereira. Vae com caminhão de toras até Cambira e elle acabou de me levar até Jandaia. Elle e a mãe nos ofereceram um quinado que o coitado não sabia ter azedado. Vale mais a intenção que a acção.<sup>104</sup>*

Fazia suas mediações e cálculos acompanhando a passagem dos astros, estrelas.

---

<sup>104</sup> Grifo da autora.

*“Sábado - 12-5-45 - Levantei as 4 da madrugada para determinar a meridiana, infelizmente perdi meu tempo, porque amanheceu antes das estrelas observadas passarem a Oeste na altura precisa, barberagem (...)”.*

Possuía uma religiosidade popular que se manifestava quando fazia promessa aos santos da Igreja Católica.

*“2ª Feira - 2 de Julho 1945 - Segui hogue cedo para procurar a lente, pensei que a teria perdido na estaca 2 do correjo 14, porque hontem na volta eu vareei uma restinga de matto para apreciar uma linda vargem limpa de onde vi o sol sumir. Mas ali não estava, continuei até a estação 19 a última onde usei a lente, fiz até uma promessa a St. Antonio para achal-a na volta vi a pendurada n'um pao, na minha passagem o bolso relou o galho o qual pegou o laço no qual estava pendurada a lente no pescoço; e adeus lente. Dei graças a Deus por achal-a porque para mim era um desastre, a minha vista não me permite mais apreciar os minutos sem lente. Devo a minha promessa a St. Antonio 100 CR. aos pobre.<sup>105</sup> Quando voltei ao acampt N 8 o pessoal já tinha ido embora, segui verifiquei a estaca 42 na qual tinha um erro que eu previa ter. Finalmente alcancei o novo acampt na*

---

<sup>105</sup> Idem.

*beiro do rio Pirapó na estaca? O Alexandre tinha matado 2 Jacus. Fiz a barba com lamina gilete só.*

Revela-se um ecologista “avant la lettre”, demonstrando respeito pela fauna e pela flora.

*“Sábado - 26-8-45 - Fiquei no acampamento calculando. O Alexandre e o Gilberto foram no barreiro não acharam nada. A espingarda estava com o tiro solto e havia sinal de que uma anta foi atingida mas não puderam achá-la. Reprovo este modo de caçar de armadilha além de perigoso, é covarde e a caça quando alcançada vai morrer longe sem proveito para o caçador.”*

Utilizou a língua francesa com frequência e, quando não o fez usou, palavras traduzidas ou afrancesou alguns nomes.

*“27-2-48 - 6 - Saímos hoje de Astorga com a carroça e fomos parar na Fazenda conhecida por Gustavo Ribas. Até o Ribeirão Fernão Dias onde há tempos fiz um serviço para o Leonce<sup>106</sup>, fomos bem, mas depois na subida encalhamos levando IH para subir.”*

---

<sup>106</sup> Grifo da autora.



A sua escrita seguiu um caminho literário como se vê nesse registro, um entre vários:

*“Domingo 1 de Out. 1944 – (...) Nadei cerca de 1 km hoje é muito pra quem não tem treino. Os animaes dentro d’água n’um ponto onde o rio é baixo formavam um lindo quadro. O dia vae caindo os mosquitos pólvora e biriguir vão chegar, as abelha que me atormetaram de dia estão se despedindo. O sabiá que canta às 5H ½ da manhan está cantando novamente. E mais um dia passou no sertão.”*

Surjus escreveu a história da qual sentiu-se protagonista e sem dúvida destinou-a aos estudiosos da história de Londrina. A linguagem usada, as descrições detalhadas, as datas revelam esse cuidado de escritor que terá um público destinatário.

O pesquisador que se interessar por essa região terá em mãos um material abundante, rico em informações que darão a exata dimensão dos primórdios do desbravamento.

Lado a lado segui os passos de Surjus abrindo as picadas que delimitariam a história de uma região, marcando limites, ratificando estradas, dando nome aos elementos de uma diversificada configuração geográfica, assinalando, na topografia, nascedouros, rios, ribeirões, vales, montanhas, lugarejos, sítios, estradas, enfim, tudo o que representava um de seus maiores interesses e empenho: abrir caminhos.

Surjus chegava ao limite das terras que abria e esse limite, para ele, eram locais de encontro.

*“2ª Feira 26 de Maio 1944 - Mudamos para o Julio Machado segui a frente para fazer uma verificação na ligação do Rib. Jumara. No caminho encontramos um frango assado espetado n'um pao, n'um acampamento no espigão do Trigo. O Dr. e o Cel. é que o tinham deixado, o Ermiliano comeu-o. Chegamos ao Julio Machado encontramos o Dr. Dante e Cia. acampados assim como o Dr. Nelson e mais um irmão do Dr. Dante. A turma chegou mais tarde. O Julio Machado rezou de noite. Paulo chegou azedo.”*

Em seu trabalho, sem dúvida, percebia-se uma missão que podemos visualizar como um modelo atual dos antigos colonizadores. A cada momento se descortinava o aspecto geográfico ao lado do social, do político, do cultural e principalmente do humano.

No meu entender, era o homem irrequieto, insatisfeito, em crise. Crise de querer dar um recado, cumprir uma missão, gerar valores. São momentos desses que nos transportam à leitura da relação do homem com o meio. O homem que, ao chegar a um espaço vazio, muda toda a estrutura e modo de interpretá-lo. Um espaço vazio, virgem, transformava-se a cada passo; no entender de Surjus, em um espaço humanizado. Para ele não se tratava só de uma conquista, mas, antes de tudo, de uma construção. Se, como espaço físico, essas transformações iam se dando, aconteciam outras tantas riquezas a cada página do diário: a situação do caminhar, o tratamento com os animais, as doenças, a falta de comida, as compras da semana, a preguiça dos trabalhadores, a saudade da família, o cansaço da noite, o zumbido dos mosquitos, o

encontro com pegadas frescas da onça que estava mais à frente, enfim, o desconforto e o silêncio das noites mal dormidas.

Para esse homem em crise, momentos houve em que teve de ir defender a sua pátria, em outros momentos tomaram-lhe as questões familiares não totalmente resolvidas. Estava diante de mim o francês, o europeu... Mas que, por motivos diversos e opções variadas, já se vislumbrava como brasileiro.

Mas o que mais me atraiu foi o contato com o homem das letras, que com uma preciosa narrativa e preocupação com o saber, o esforço da leitura à luz de velas nos acampamentos na mata, logrou construir todo um conhecimento, conquistar seu lugar.

Surjus contou histórias, usou provérbios, frases feitas, ditos espirituosos, compreendeu e narrou o entrelaçamento das culturas, inclusive demonstrando completa intimidade com as crendices populares, marcando o seu dia-a-dia com gestos de uma fé popular. Deixou-me a nítida impressão de um homem justo, que soube entender todas as contradições e conflitos de sua época . A riqueza dos dados deixados em seu acervo prestar-se-á para novos trabalhos que a cada dia ajudarão a entender melhor parte dessa história do Norte do Paraná, da presença da C.T.N.P, da posição de Londrina como pólo da região e, também, do melhor entendimento do que diz respeito à vinda e presença do capital colonizador, especulador, bem como a função da força de trabalho, enfim do que queriam os ingleses e as companhias colonizadoras na região. Vejo, através dos relatos do agrimensor francês, uma presença de diferenciação. Surjus, a partir do que ele mesmo escreveu, representa um marco.

## BIBLIOGRAFIA

ACTES DE LA RECHERCHE EN SCIENCES SOCIALES, L'illusion biographique 62, 63. Paris: Maison des sciences de l'homme, Paris: juin, 1986.

ADUM, Sonia M.Lopes – Imagens do progresso; civilização e barbárie em Londrina, 1930-1960. Assis: 1991.(Dissertação de mestrado).

AMIEL, Henri Frédéric - Diário íntimo.(trad. Mário D.Ferreira Santos). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1947.

ARIAS NETO, José Miguel – O Eldorado; Londrina e o norte do Paraná: 1930-1975. São Paulo: USP,1993.(Dissertação de mestrado).

ANNALES, Économies, Sociétés, Civilisations, 6. Paris: Armand Colin, nov.dec. 1989.

BALAN, J. e JELIN - La structure sociale dans la biographie personnelle. V.LXIX, Nouvelle série, juil.dec. Paris: PUF, 1980.

BARTHES, Roland - O rumor da língua.(trad. Mario Laranjeira). São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 360.

BATISTA FILHO, João – O projeto CURA no parque Guanabara: uma política-programa de renovação urbana em Londrina. São Paulo. Tese de doutorado. FFLCH, USP, 1985.

- BENJAMIN, W. – “O narrador”. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*, 1. São Paulo: Brasiliense, 1987
- BERTAUX, D.- “L’approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités.” In: *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Volume LXIX. Nouvelle série, juillet-décembre. Paris: PUF, 1980
- BILENKI, Marlene – “A poética do desvio: a forma do diário em Amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos. Tese de doutorado apresentada a FFLCH da USP. São Paulo, 1992.
- BOLETIM, 28 -SOUSA, Celeste Henriques Marquês Ribeiro de - *A narrativa literária no anuário do Correio Serrano após 1948: Temas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas, 1980.
- BURKE, Peter - *A escola dos Annales: 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNICAMP, 1991.
- BRAUDEL, F. - *O espaço e a história no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CATTANI, M. - *Individualisme et autobiographie en occident*. Bruxelles: ed. de L’Université, 1979.
- CERTEAU, Michel de - *L’écriture de l’histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

CHARTIER, R. – A história cultural: entre práticas e representações (trad. Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro, DIFEL, 1988.

DAVIS, N.Z. - O retorno de Martim Guerre. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DARNTON, Robert - O grande massacre de gatos. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIDIER, Béatrice - Le journal intime. Paris: PUF, 1976.

DOSSE, François - A história em migalhas. Dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio: Campinas: UNICAMP, 1992.

DURAND, Gilbert - L'imagination symbolique. Paris: PUF. 1989.

FERRAROTTI, F. - Histoire et histoires de vie. Paris: Meridiens Klincksieck, 1990.

FERRO, Marc - A história vigiada. São Paulo: Martins, 1989.

FOUCAULT, M. – Microfísica do poder. (trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal. 1989.

FRANCO JÚNIOR, H. – Cocanha: A história de um país imaginário. (prefácio de Jacques Le Goff) São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GEERTZ, C. – O saber local:novos ensaios em antropologia interpretativa. (trad. Vera Mello Joscelyne). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GERBI, A – O novo mundo: história de uma polêmica-1750-1900.(trad. Bernardo Jofilly). São Paulo:Companhia das Letras, 1996.

GIOVANETTI, B. – Esboço histórico da Alta Sorocabana: São Paulo: Revista dos Tribunais, 1943.

GINZBURG, Carlo - A micro-história e outros ensaios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GIRARD, Alain - Le journal intime. Paris: PUF, 1963.

GIRARDET, Raoul - Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HELLER, A. - O cotidiano e a história. (trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HUNT, Lynn - A nova história cultural.(trad. Jefferson Luiz Camargo) São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IANNI, O. (org.) - Karl Marx: sociologia (trad. Maria Elisa Mascarenhas, Ione de Andrade e Fausto N. Pelegrini). São Paulo: Ática, 1979.

INACIO, Inês C. – Quando fala o presente: história e reminiscências. São Paulo: USP, FFLCH-DH, 1990.(Dissertação de mestrado).

JELMINI, Jean-Pierre – “Les histoires de vie: le point de vue d’u historien”. In: Recherches et travaux de l’Institut d’ethnologie, 7. Neuchâtel, 1987.

KRANTZ, Frederick (org.) - A outra história: Ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LEFEBVRE, Henri - A vida cotidiana no mundo moderno.(trad. Alcides João de Barros) São Paulo: Atica, 1991.

LEJEUNE, Philippe.- Je est un autre: l’autobiographie de la litterature aux medias. Paris: Seuil, 1980.

\_\_\_\_\_ - Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1975.

\_\_\_\_\_ - Je est un autre. Paris: Seuil, 1980.

\_\_\_\_\_ - “Cher cahier...”: témoignages sur le journal personnel. Paris: Gallimard, 1989

\_\_\_\_\_ - e LE GOFF, Jacques - Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente. Lisboa: Estampa, 1980



LE GOFF - História e memória. trad. Bernardo Leitão) Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_ - L'imaginaire médiéval. Paris: Gallimard, 1985.

\_\_\_\_\_ - A história nova. (trad. Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_ - & NORA, P.- História: novos problemas, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEVI, G. - Les usages de la biographie. In: Annales: ESC. Nº 6. Paris: Colin, nov.dez., 1989.

LOURAU, R. Lê journal de recherche: matériaux d'une théorie de l'implication. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

ORLANDI, Eni - Terra à vista: discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. São Paulo: Cortez, 1990.

O'GORMAN, Edmundo - La invención de la América. México: Lecturas mexicanas, 1984.

PACHET, Pierre - Les barometres de l'ame. Naissance du journal intime. Paris: Hattier, 1990.

PENNEF, Jean - La méthode biographique: de l'école de Chicago a l'histoire orale. Paris: Armand Colin, 1990.

PERROT, M. (org.) - História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra, t.4 (trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POLLAK, M. - La gestion de l'indicible". In: Actes de la recherche en Sciences Sociales, 62, 63. Juin, 1986. Paris, Musée de Sciences de l'Homme.

POZENATO, José Clemente - A Cocanha. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

RENAULT, Delso - A vida brasileira no final do séc.XIX. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

SANTOS, Manuel Camilo dos - Viagem a São Saruê. Olinda: Casa das crianças de Olinda, 1977 (gravuras de José Costa Leite).

SCHONEN, Scania de - La mémoire: connaissance active du passé. Paris: Mouton, 1974.

VIGNERAS, L.A. - La busqueda del Paraiso y legendarias islas del Atlantico. Valadolid: Casa-Museo de Colon, 1976.

VOVELLE, Michel - Ideologias e mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WHITE, Hayden - Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 1992.



SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE: LETRAS	TOMBO: 219044
AQUISIÇÃO: DOAÇÃO / SERVIÇO DE PÓS-GRADUAÇÃO / N.F.Nº	
DATA : 11/03/02	PREÇO: R\$ 30,00

## APÊNDICE I

### O ACERVO DO “MUSEU HISTÓRICO PADRE CARLOS WEISS”

*O Museu Histórico Padre Carlos Weiss* é um órgão complementar da Universidade Estadual de Londrina e, entre outras finalidades, abriga um razoável acervo, doado pelos descendentes dos chamados pioneiros da região.

A idéia de criação de um museu em Londrina surgiu em 1962 e sua criação foi uma iniciativa do Departamento de Geografia e História da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina que, num primeiro momento, utilizava como forma de avaliação dos estudantes a reunião do material daqueles primeiros habitantes, dispersos em casas, sítios, patrimônios e fazendas.

Esse trabalho de coleta foi dirigido pelo professor de História Antiga e História da Arte, o padre Carlos Weiss, que iniciou o embrião do futuro museu. Alemão, nascido em Colônia, veio para o Brasil em 1939 e trabalhou inicialmente no Piauí, em seguida em algumas paróquias de São Paulo e do Paraná. Em Londrina, dedicou-se ao magistério, lecionando Geografia e História, além de dirigir o Ginásio Diocesano. Exerceu o cargo de Diretor do Museu desde a fundação, em 1970, até o seu falecimento em 1976. Era uma pessoa de temperamento extrovertido tendo, dessa forma, conquistado um bom relacionamento em todas as camadas da sociedade londrinense.

A inauguração do museu ocorreu em 18 de setembro de 1970, recebendo, inicialmente, o nome de Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná, visando preservar a memória e preparar a história da região. Os professores da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina também realizavam na região um serviço de coleta de documentação a fim de atender aos objetivos pessoais de pesquisa, e

aqueles exigidos pelo aumento do acervo. Em 1974, o Museu se tornou um Órgão Suplementar da Universidade Estadual de Londrina.

A idéia de Arquivo e de Museu nessa região coincidiu com o momento em que seus primeiros moradores faleciam. Em 1974, o Ofício 413/74 do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, expôs os objetivos para a criação desse Órgão:

**1. Fazer tombamento de todos os documentos que pertencem ao contexto sócio-cultural de Londrina, desde Jataizinho;**

**2. Coletar, através de roteiro científico, a fala dos pioneiros para a montagem da imagem e som de Londrina;**

**3. Coletar elementos para a história da região e do Paraná." (sic)**

Museu funcionou inicialmente nos porões do grupo escolar Hugo Simas, no centro da cidade de Londrina e por causa da precariedade das instalações, sua direção, à época, juntamente com a Universidade, idealizou um projeto junto à Prefeitura Municipal, solicitando a transferência para o prédio da Estação Ferroviária, localizado também na região central da cidade..

A Estação Ferroviária de Londrina, foi idealizado pelo arquiteto curitibano Euro Brandão (naquele momento, ainda estudante de arquitetura) e construída na década de 1940 em estilo europeu. Foi inaugurada com grande pompa, festejando a vinda do primeiro trem até à cidade, após o término da ponte de trem sobre o Rio Tibagi.

Além de possuir instalações amplas e apropriadas para a guarda dos documentos históricos da região, constitui ainda lugar de fácil acesso à população, e é considerado um dos monumentos históricos mais representativos e bonitos da cidade.

A Universidade firmou Convênio com a Prefeitura de Londrina e, em comum acordo, buscaram recursos financeiros junto a órgãos e autoridades federais e estaduais, para executar obras e restaurações necessárias à instalação do Museu. Além dos recursos financeiros, o projeto incluiu ainda a utilização de técnicos contratados para a estruturação física do órgão.

No ano de 1978 passou a intitular-se **Museu Histórico Pe. Carlos Weiss**,<sup>107</sup> por decisão do Conselho Universitário, numa homenagem póstuma ao seu criador, organizador e primeiro diretor. Após a restauração da antiga Estação Ferroviária, o Museu foi transferido para as novas instalações em 10 de dezembro de 1986.

A parte mais significativa das doações foi realizada pelos descendentes dos antigos funcionários da companhia colonizadora da região Norte do Paraná, a Companhia de Terras Norte do Paraná - C.T.N.P. - sediada em Londrina.

Toda essa documentação ainda é atualmente recolhida, organizada e preservada por dois órgãos pertencentes à Universidade: o Museu Histórico Padre Carlos Weiss, órgão ligado à vice-reitoria e o Arquivo Histórico (atual Centro de Pesquisa e Documentação Histórica) integrado ao Departamento de História, do Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL.

O material constante no Museu, pode ser classificado em dois grandes grupos:

**A) MATERIAL IMPRESSO:**

- Mapas;
- Memoriais;
- Livros;
- Revistas

---

<sup>107</sup> Atualmente o museu é conhecido como **Museu Histórico de Londrina**

- Cadernos de créditos e débitos de compradores de terras da C.T.N.P.;
- Registro de compra e venda de terras da C.T.N.P.;
- Cartas pessoais;
- Diários;
- Folhetos de Propaganda da C.T.N.P.

Os documentos classificados e catalogados no museu, em um total de 200.000, possuem a seguinte classificação:

- História,
- Artes,
- Antropologia Cultural e Etnografia,
- Ciências,
- Biologia,
- Maquinária e Tecnologia.

Na organização dos documentos do Museu, quatro itens me chamaram a atenção pela riqueza historiográfica. Foram eles os folhetos de propaganda C.T.N.P., o Livro de Registro do primeiro Hotel de Londrina; as Cartas de George Craig Smith e, finalmente, os diários do agrimensor francês, Ludovic Gimer Surjus. Considero-me devedora do acervo do Museu, na medida em que elegi como tema do presente trabalho e minha tese de doutorado, o último tópico acima, ou seja, a interpretação dos Diários do agrimensor francês, Ludovic Surjus.

**1. Folhetos de propaganda** feitos pela C.T.N.P., distribuídos na década de 30 dentro e fora do país, ressaltando e valorizando a fertilidade, a abundância das terras, as riquezas que delas era possível extrair. É provável que desta divulgação, essa região tenha recebido fluxos migratórios internos e externos e, mesmo, a reorientação de

assentamento de imigrantes que, não contentes com o local de chegada (São Paulo) se deslocaram, dessa vez, para o Norte do Paraná.

**2. Livro de Registro do primeiro Hotel de Londrina,** onde estão relacionados os primeiros viajantes que para aqui vieram em um total de 33 nacionalidades.

**3. Cartas de George Craig Smith.** Na primeira triagem de material do Museu, dediquei especial atenção às cartas de um inglês, George Smith, primeiro funcionário da C.T.N.P.. Tais cartas continham relatos pormenorizados sobre a nova terra, (correspondente ao Norte do Paraná), o Eldorado a ser colonizado, em toda a sua riqueza e fertilidade. Essa correspondência reproduzia o discurso original dos antigos colonizadores e viajantes, espelhando uma visão de mundo, cheia de otimismo quanto à abundância e às riquezas possíveis de serem encontradas na nova terra. Essas cartas do acervo George Smith foram objetos de uma pesquisa por mim coordenada e atualmente encontram-se organizadas em catálogo para impressão pela Editora da Universidade Estadual de Londrina.

**4. Diários de um Agrimensor francês, Ludovic Gimer Surjus,** que resultou neste trabalho de doutorado.

#### **B) OBJETOS-TESTEMUNHO:**

- Peças de Mobiliário;
- Vestuário;
- Fotografias;
- Utensílios pessoais e Domésticos;

Há ainda uma gama imensa de objetos não contidos nesses dois grupos que está à disposição de pesquisadores que se debruçarem à reconstituição daquele momento histórico.

Na qualidade de docente da Universidade Estadual de Londrina, aceitei o convite da direção do Museu, em 1981, para realizar um trabalho de triagem de seu material. Na verdade, o material que me cabia fazer uma primeira seleção ainda se encontrava tal como havia sido doado, necessitando portanto, ser registrado, classificado e catalogado, para ser colocado à disposição do grande público.

Cabe ao Museu dar continuidade à sua tarefa inicial de coleta de fontes impressas ou de objetos pessoais dos primeiros moradores dessa região, tal como o fizera o Padre Carlos Weiss. Torna-se, dessa maneira, um depositário oficial de material de cunho historiográfico. Além disto, o Museu em sua dimensão taxonômica, efetiva o registro e a classificação, atividades estas vinculadas à própria necessidade de organização, manutenção e continuidade do acervo. A dimensão interpretativa e historiográfica, cabe aos pesquisadores das diferentes áreas acadêmicas.

Todo esse material oferece múltiplas possibilidades de pesquisa e análise, uma vez que expõe o retrato histórico da região Norte do Paraná, mostrando especificamente a imagem do Novo Mundo criado pelo capital inglês na figura da C.T.N.P..

Cumprindo seus objetivos, o Museu organiza exposições permanentes e temporárias, informa e funciona como laboratório de pesquisa para os cursos de História, Geografia, Ciências Sociais, Biblioteconomia, Letras, Comunicação e Arquivologia, dado o seu razoável acervo de documentos-textos, objetos-testemunho, biblioteca, fotografias, entre outros, relativos à história de Londrina e região, prestando o serviço que dele se espera à comunidade.



## APÊNDICE II

### A COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ – C.T.N.P.

A Companhia de Terras Norte do Paraná - C.T.N.P. - inicia a colonização intensiva-extensiva da Região do Norte Novo no período que vai de 1920 a 1950 - da qual Londrino é seu pólo expressivo - em moldes modernos e com grande capital. Outras companhias particulares de vendas ou de desenvolvimento se instalam na Região tendo a mesma finalidade; entre elas é possível mencionar a “Sociedade Colonizadora Brasil Ltda.”, fundada em 1931 com capital japonês e tendo, aproximadamente, 18.000 alqueires de terras. As atividades da Companhia de Terras Norte do Paraná - C.T.N.P. são definidas, oficialmente, da seguinte maneira:

- a) **colonização:** planejamento, loteamento e venda de terras;
- b) **construção de estradas:** escoamento da produção, ligação dos povoados aos núcleos principais e entre si;
- c) **implantação de núcleos urbanos:** criação de cidades e patrimônios (povoados), para concentrar as atividades econômico-sociais.

O governo brasileiro, no período do Presidente Arthur Bernardes, pressionado pela dívida externa com a Inglaterra, fez contatos com a Missão Montagu, através de seu representante mais importante, Lord Lovat. Foi fundada, então, a Companhia Brazil Plantation Ltd., em 1924, a subsidiária britânica da Companhia de Terras Norte do Paraná - C.T.N.P. - esta criada em 1925 e tendo como primeiros diretores e organizadores Antonio Moraes de Barros, João Sampaio e Arthur Thomas. A ocupação e expansão dessa região ligou-se especificamente ao cultivo do café, definindo-se em três importantes zonas:

1. **Norte Velho** – região esta que abrange do Nordeste do Estado de São Paulo até a Região da cidade de Cornélio Procópio, colonizada de 1860 a 1925;

2. **Norte Novo** - região que vai de Cornélio Procópio até as barrancas do Rio Ivaí, tendo como limite a linha traçada entre as cidades de Terra Rica e Terra Boa; sua colonização datando de 1920 a 1950;

3. **Norte Novíssimo** - região que parte do Rio Ivaí, abarcando a margem direita do Rio Piquiri, tendo sua colonização se realizado no período de 1940 até 1960.

Londrina, foi criada em 1929, a 24 quilômetros de Jataí (atual Jataizinho), para receber a sede da Companhia de Terras Norte do Paraná. A empresa colonizadora já elaborara um plano urbanístico, determinando os locais onde seriam constituídos os núcleos básicos da colonização da região, tendo como base, a seqüência do espigão que vai até a atual cidade de Apucarana. Estes núcleos de povoamento, no planejamento original, eram distantes apenas 100 quilômetros uns dos outros. Hoje, eles são representados pelas cidades de Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama.

Além dos núcleos básicos, estavam previstos pequenos núcleos urbanos, demarcados a uma distância de 12 quilômetros entre si, ligados por estradas de rodagem e de ferro. A transformação de Londrina em Município de-se através do Decreto-Lei Nº 2.519 de 3 de dezembro de 1934 e sua instalação definitiva, ocorreu em 10 de dezembro de 1934.

Na década de 40, da população total da Região do Norte Novo, 10% era constituída por estrangeiros, o que representava, naquela época, uma entrada pouco significativa de imigrantes. No período de 1940 a 1970, ocorreu uma importante predominância do rural sobre o urbano. Londrina e Maringá, tornando-se pólos

estratégicos da vida sócio-econômica da região, concretizaram, dessa maneira, os planos e os objetivos da companhia colonizadora.

A Companhia de Terras Norte do Paraná - C.T.N.P. é considerada vitoriosa enquanto colonizadora, por ter realizado os objetivos propostos:

- a) **facilidade de compra de terras;**
- b) **propaganda da fertilidade das terras;**
- c) **legitimidade dos títulos e**
- d) **credibilidade quanto aos lotes oferecidos.**

Durante a Segunda Grande Guerra, o governo inglês colocou a C.T.N.P. à venda e, em 1944, os empresários brasileiros Gastão Vidigal, Gastão Mesquita Filho e os Irmãos Sampaio se tornaram seus proprietários. Em 1951, a Companhia passou a chamar-se Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Dentre os primeiros desbravadores que vieram fazer o reconhecimento da região, em 1929, figuram:

1. George Craig Smith, descendente de ingleses, funcionário da C.T.N.P.;
2. Alberto Loureiro, português;
3. os topógrafos Carlos Rottman, alemão e Dr. Geoffrey Wild Diment, inglês;
4. Alexandre Rasgulaeff, russo, este último tendo fincado o marco da futura cidade, nas terras da Companhia.

A Companhia possuía 30% de compradores brasileiros, seguidos por italianos, portugueses, espanhóis, alemães, russos, ucranianos, perfazendo um total de 33 nacionalidades.

A C.T.N.P fazia o levantamento topográfico da região através das contratações de inúmeros agrimensores que, por sua vez, eram auxiliados por trabalhadores chamados peões que eles mesmos recrutavam em um sistema de empreita. Enfim, na qualidade de topógrafos ou de agrimensores esses técnicos eram encarregados de caminhar em plena mata virgem, acompanhados por peões em seu trabalho, ficavam dias, semanas e, às vezes, até meses no local de trabalho, acampando, partilhando as dificuldades dos meios de comunicação, das estradas de acesso e da própria condição de árdua subsistência desse estilo de vida. Agrimensores, topógrafos e peões guardavam seus bens e víveres, improvisavam uma cozinha em clareiras, onde um deles, se dedicava à importante tarefa de cozinhar para todos.

No transcorrer da tarefa diária de abertura e de registro de novos lotes, os agrimensores se deparavam com a necessidade renovada de nomeá-los para posterior identificação. Para tal, utilizavam os seguintes recursos para batizar ou nomear as regiões por eles desbravadas, para finalidade de registro na Companhia de Terras Norte do Paraná, adotando as recomendações da própria Companhia no tocante ao assunto:

1. **dicionário tupi-guarani,**
2. **acidentes geográficos dos países de origem,**
3. **nomes de santos,**
4. **nomes de times de futebol,**
5. **marcas de cigarros,**
6. **nomes de esposas e noivas.**

## APÊNDICE III

### ENTREVISTAS

#### Dalton Paranaguá

Quando eu cheguei, a cidade tinha 55 mil habitantes em 1955 e tinha 54 médicos eu fui o nº 55. O que me impressionou foi a idade da cidade e o burburinho de gente, o fervilhar de gente o entra e sai, qualquer pessoa que chegava aqui podia ver o fervilhar, os bancos abarrotados de dinheiro, o povo do pé vermelho e da terra vermelha, levantou isto aqui o norte do Paraná. A colonização dos 2 terços finais do Paraná foi em 50 anos é um tipo inédito na história da humanidade. Ninguém construiu uma civilização em 50 anos. Essa região transformou-se de uma hora para outra no novo Eldorado, porque o filão de terras era de excelente padrão para agricultura, terras comparadas com as melhores terras do mundo, mas comparadas para melhor não no mesmo nível. Se Cabral descobrisse o Brasil aqui escreveria em se plantando tudo dá. Quando eu cheguei só havia monocultura do café, mas a partir do governo do presidente Castelo Branco, com a erradicação de cafezais improdutivos, com a erradicação de café de baixa produção, com a crise do café se evidenciando em todo o mundo, houve uma mudança no Paraná partindo-se para a policultura, para variedades diferentes, primeiro com soja depois com o trigo e depois à medida que o tempo vem se aproximando do século XXI foi substituída a velha agricultura, por uma nova e moderna agricultura de ponta, toda ela mecanizada e já o Paraná entrando em uma nova fase de uma agricultura voltada para a ecologia com novos métodos introduzidos pelos governos da época.(...)

A partir do momento que os ingleses aqui chegaram fizeram com a experiência de colonizadores do mundo, encontraram aqui o último filão de terra agricultável do mundo, mais a melhor terra que o universo tem é esta aqui. O meu velho

pai que era formado nos EUA (..) quando veio conhecer o Paraná quando aqui cheguei, veio me visitar quando eu me elegi prefeito da cidade, em 1969 ele ficou admirado, boquiaberto, isto aqui era o paraíso do mundo o potencial desta terra que eu não conheço nada igual.

(...) Isto aqui, o Norte do Paraná é uma terra de todos nós. Houve aqui migração interna dos estados daqui do Brasil como as externas de outros países.

Essa pergunta eu fiz a vários pioneiros, porque vieram para cá. Uma resposta que me impressionou muito foi a de um cidadão chamado Soracy, ele tinha umas propriedades aqui perto do aeroporto quando eu estava na Prefeitura e ele queria regularizar a situação das suas propriedades e eu tive contatos frequentes com ele, e perguntei porque tinha vindo para Londrina. “Dr. eu vim de São Paulo para cá porque eu queria me fazer, ganhar dinheiro e aqui corria a fama que corria dinheiro era o chamado Eldorado. E para esse Eldorado eu vim, mas o que era importante é que aqui tinha muita mata e eu gostava de caçar e eu tinha espingarda e muita munição, agora na verdade, ganhei dinheiro e para as minhas condições eu sou homem rico.” Então isso aconteceu com centenas de pessoas. Um povo que veio todo nas mesmas circunstâncias, aqui não veio ninguém rico, todos chegaram para trabalhar, lutar e vencer o que isto representava. Você falou em ouro, aqui tinha ouro, ouro café, então Londrina foi por muito tempo e mantém até hoje a tradição da capital do café a única coisa que dava mais que café era o petróleo. Então o café que fez com que essas migrações viessem para cá de todas as partes do mundo e do Brasil. Agora um dado muito importante que me ajudou foi a presença de nordestinos aqui, porque eles vieram pelas mesmas razões, mas acontece que quem pegou no cabo do machado para derrubar o mato foram os nordestinos, quem pegou no pesado foram eles, como dizia Euclides da Cunha, antes de mais nada o nordestino é um forte. Aquele que sai de sua terra e vai dar sangue na terra dos outros. E mais que dá

sangue vai ensinar os outros a trabalhar porque os do sul não sabem trabalhar no machado, é como meu pai dizia machado é para homem macho. Mas eu não tenho nada de preconceito, machado para o nordestino é como uma extensão do corpo. É uma continuidade. Sem subestimar os poloneses, ucranianos, alemães, que vieram para cá.

Eu me lembro bem que em 1954 eu era médico da Marinha brasileira, eu fui testemunha de um momento histórico brasileiro e eu via o quanto a marinha conspirava. Quando eu vi o que o mar não estava para peixe eu vim para o Paraná em 1955. Quando cheguei eu sentia a força da terra e do povo, daqui ninguém me tira eu falei.

Voltando ao povo que faz parte da formação do Paraná, esse fato me surpreendeu porque eu já pela própria idade, porque cheguei aqui casado, eu senti a presença de povos, tribos, raças e nações e todas do mundo, aqui se encontrava de tudo,<sup>32</sup> nacionalidades em média.

Na igreja que eu faço parte, a Batista, tinha 17 nações representadas. Então eu vi tudo isto quando cheguei e tudo isso me motivou eu fiquei encantado com essa terra só o próprio hino já recebe de braços abertos: “Londrina cidade de braços abertos” marca histórica desta cidade. Outras pessoas vieram com outras coisas para fazer. Essa região não tinha, ao meu ver, uma infra-estrutura, mas eles vinham sabendo disto ou com ilusão de se banhar nas águas e sair jovem como um “São Saruê”.

Vinha como diz o nordestino: atira no que vê mata o que não vê. Vinham inocentes? A massa vinha toda inocente, no sonho, sonhando.

O problema com o Surjus é que ele nunca foi cara de cargo alto, ele era um empregado da Companhia de Terras, mas ele era respeitado. Ele gostava muito de mim, nós nos dávamos muito bem.

A personalidade do homem como o Surjus se forma com esses hábitos e esses hábitos se incorporam e o sujeito sente que aquilo faz parte dele. No francês é mais

forte o rigor. O francês é francês, não abre mão da identidade, como o nordestino. Eu mesmo sou assim e não abro mão. Fiel a Deus, leal à família, leal aos amigos e telúrico. Por isto acho que me identifico com ele .

Eu vejo a posição do Surjus assim, só que ele tem um amor que supera tudo, então ele não vê nada mal, nada errado, tá vendo com os olhos do coração, ele era uma pessoa histórica. Ele foi testemunha de um tempo.

### **Gilberto Surjus**

Éramos em 6 filhos, o Alexandre, depois vem Marina que mora aqui em Londrina, perto da Santa Casa, depois vem eu, depois vem o Axel que é engenheiro agrônomo que mora em Paranaguá e é fazendeiro, depois o Carlos e a Marisa, tem um falecido o Ari que faleceu com 6 anos de idade ele era de 1929, faleceu em 1935, um ano depois que nós chegamos em Londrina.

Eu nasci numa cidadezinha chamada Núcleo Monções, hoje se chama Iaras pertence ao município de Santa Bárbara, onde tem aquelas águas minerais, ela não é muito propagada a estância porque o governo deixa mais para os funcionários de São Paulo, se bem que não é oficial é para todo mundo, porque havia uma grande queixa por parte dos funcionários sobre a questão de preço, as águas de São Pedro, Lindóia eram muito caras, então em Santa Bárbara já é mais modesto em questão de preço, acomodação. Pertenceu a nossa família, do lado da minha tia que ainda está viva aqui em Londrina.



Eles vieram da França, em 1911, no dia que chegaram tinha uma festa muito grande lá no porto, ficavam soltando rojões, bandas de música. E os franceses ficaram impressionados com a recepção, eram 20 famílias, depois mais tarde é que eles ficaram sabendo que era 15 de novembro. A festa então não era para eles.

De lá eles foram para este núcleo (Monções) e o governo tinha prometido para eles, como cumpriu de fazer uma casa e de dar 10 alqueires, para eles pagarem em 10 anos, que era uma boa coisa para reforma agrária, eles iriam receber a escritura depois de uns anos, o governo não dava de imediato; mas falhou na questão de estradas para eles e professores.

Eles compravam avulso o jornal Estado de São Paulo e aprenderam a falar com o jornal, eles não falavam Estado de São Paulo, e sim Estadô de São Paulô, eles iam fazendo a contemporização com o francês, e ali eles aprenderam naturalmente por intermédio de conversação com os elementos nativos, mas foi o seguinte : eles vieram em 20 famílias, 19 voltaram embora. Foram para o Canadá, porque o negocio é o seguinte: o governo não deu auxilio nenhum para a agricultura, como não está dando até hoje. E eles são acostumados lá, a trabalhar ter um rendimento bom. Chegaram ai ficaram lá como viviam os coitados dos nossos cablocos, vendiam o que produziam, vendiam o couro da caça, uma coisa e outra para ir trocar por corda, mantimento, vida de sertão mesmo, coisa muito diferente, então o governo canadense ofereceu para eles uma oferta lá eles foram. Mas o meu avô como já tinha, estava acostumado com um meio mais rudimentar, porque ele foi fazer um serviço na África, porque o governo francês pagava quem queria ir para a África. Então ele fez o serviço na África e acostumou com essa vida meio brava porque a coisa lá não era brincadeira e não quis ir, quis ficar aqui no Brasil .

Ficaram até 1914 de 1911 a 1914 trabalhando na agricultura em núcleo Monções. Depois meu pai e meu tio mais velho foram chamados pelo governo francês

para servir, o serviço militar, e foram os dois. Nesta folha que está ai em cima tem uma passagem de quando ele foi ferido no final da guerra.

Acho a transição de clima muito grande aqui calor, frio lá ele foi para o hospital ficou internado 2 dias e conversaram a guerra toda, ele contava que esteve pertinho de Mr. Thomas, gerente da CTNP. Ele estava num batalhão escocês e papai no francês, aqui em Londrina quando eles começavam a conversar sobre a campanha descobriram isto aí. Ele, como tem relatado aí, foi ferido esteve preso 2 vezes, a primeira vez ele conseguiu fugir, não teve ferimento nem nada e toda a companhia dele foi aprisionada conseguiu fugir e retornou à linha de frente. A segunda vez ele ficou preso até o final da guerra, até três dias depois que tinha terminado a guerra, quando eles conseguiram ficar três dias sem água e nem comida, comida dele era sopa de casca de batatas, o que eles comiam, como os alemães também comiam não tinha nada. Eles conseguiram furar um buraco saindo para rua porque eles sabiam que a parede já dava para rua, o porão que eles estavam conseguiram tirar um tijolo, saíram na rua, quando eles conseguiram colocar a cabeça no buraco tinha um oficial com as pernas abertas, assim, espantado, com um cachimbo pronto para levar um tiro porque a lei para prisioneiro de guerra é uma só, mas na hora ele viu pelo fardamento que ele era francês, mas eu não sei o grau que ele era, perguntou espantado: O que estão fazendo aí? Nós estamos fugindo, tem 3 dias que estamos sem comida nem água, abrimos um túnel. O oficial falou: faz 3 dias que temendo a guerra.

Eles estavam atrasados. Lembraram de terem ouvido tiros diferentes, era comemoração do armistício. Aí os levaram imediatamente para um quartel. Lá ele ficou sabendo, não sei se no mesmo dia, que o irmão dele tinha 18 dias que tinha sido morto.

Ele era um poliglota, falava o português, tinha sido professor lá de português, falava português, francês, espanhol e alemão e estava aprendendo o inglês.

Ele fez uns meses não inteiro 1 ano da escola de mecânica em Marselha, ele tinha saído da casa do meu avô e tinha ido para Marselha trabalhar e lá ele fez este curso de mecânica. O curso do primário na França era 8 anos, um estudo aperfeiçoado como continua até hoje, lá é integral o dia todo, a criança sai cedo, parece que volta na hora do almoço, senão ficam direto e voltam só à tarde para casa então eles conseguem um aprendizado muito bom. E aqui ele começou a aprender com os agrimensores, porque não é uma coisa difícil, uma pessoa que sabia ler e escrever tem condições de operar (...) eu tenho treinado muitos agrimensores aqui pelo menos 3 estão trabalhando aqui, só não pode fazer cálculo e prancheta.

Ele trabalhou como agrimensor só aqui no Paraná, lá no Estado de São Paulo não teve oportunidade quando ele veio de lá, ele comprou um tratorzinho de primeira vez, queria trabalhar em agricultura mais ou menos adiantada, comprou um tratorzinho ford na ocasião mas o trator não conseguia trabalhar; a terra era muito dura, muito toco, não conseguiu trabalhar aí ele trocou o por um caminhãozinho que nós viemos para o Paraná. Chegou aqui não pode fazer nada com o caminhãozinho também. Nós fomos para Sertãoópolis lá tinha um senhor que era avô do nosso juiz de Londrina o Senhor Deliberador; estava com o caminhãozinho parado ele chamou, olha Ludovico, eles se tratavam pelo nome, eu vim com um caminhãozinho, mas não posso fazer porque não tem estrada para ir a lugar nenhum o pouquinho que tem só dá para ir com o carro de boi, então está parado aí. Aí meu tio desmontou o caminhãozinho tirou o motor para colocar uma serra lá na oficina e ele começou a serrar madeira, nós trabalhamos um ano com meu tio, serrando madeira, eles punham as toras de madeira e lá serravam com um serrotão,

que até este serrotão está com meu filho, eu quero pegar e levar para o museu, ele é largo em cima e estreito em baixo, é aquele de duas pessoas.

Meu pai tinha uma capacidade muito boa, um físico muito bom, era robusto. Eles são muito compactos, firmes no corpo em geral. Mas não são muito altos. O alemão já tem mais tendência à obesidade que o francês.

Em Monções trabalhou na agricultura e com o caminhãozinho, plantava algodão.

Quando chegamos a Sertanópolis, tinha eu, o Alexandre e a Marina. Eu cheguei com quatro meses em Sertanópolis em 1927, em novembro. Depois em Sertanópolis nasceu meu irmão que morreu, Ari, nasceu Axel, ele tinha o nome de papai e para diferenciar nós chamávamos de Axel, o nome dele era Ludovico também, e a Marisa já nasceu em Londrina e meu irmão que é médico o Carlos, também em Londrina ele tem uma diferença de idade bem grande com os outros diferença de 26 anos. Ele chegou de Sertanópolis foi serrar madeira e depois foi trabalhar com o primeiro agrimensor que veio aqui no Norte do Paraná, quer dizer veio fixar residência, chamava-se Manoel Rabelo, então ele começou a trabalhar com ele e com Dr. Dorico. Porque a característica do agrimensor ter organização prática é o seguinte, ele vai num piquete, que é fincado no chão, ele gira a baliza faz uma marca em cima do piquete ali estala o aparelho, nivela bem, são dois níveis contra-posto um ao outro, com 4 parafusos embaixo e depois aprende a fazer leitura do grau, assim mesmo como a leitura que o mecânico faz.

Quando eu comecei a trabalhar com ele com mais firmeza, eu tinha o que tinha para estudar, eu tinha feito que era escola de comércio, a escola não foi reconhecida.

Ele trabalhou em Sertanópolis, mas ele não gostava do serviço feito em Sertanópolis, feito na base de transferidor ainda, então os fechamentos de perímetro

davam muito erro, nos cortes. Naquele tempo não havia outra maneira de fazer, e também não era ele, que fazia isso também, mas como ele era o agrimensor de mapa então era um caso que ia cair por cima dele. Aí ele recebeu convite para vir para Londrina.

Papai trabalhou esporádico, ele trabalhou mais aqui no Norte do Paraná, foi na fazenda Três Bocas que não era da Companhia, o agrimensor geralmente nunca vai empregado, ele trabalhava de empreitada. Ele pagava as pessoas, pegava empreita. Mas tudo ligado à companhia.

Papai era muito rigoroso, ele era francês mesmo, ele emprestava dinheiro e exigia o retorno. Nós ficamos sabendo isso (uma briga com um russo da Companhia) muito tempo depois, depois que nós fizemos o serviço do Pirapó, esse russo falou. Ele morreu, era um engenheiro, morava na vila Casoni, ele saiu com essa proposta para papai de uma proposta boa.

Ele dizia que dava uma comissão para ele, ele era empregado da companhia e ganhava. Meu pai não o denunciou, não falou nada deu uma desculpa e Mr. Thomas também, mas ele falou que estava com serviço maior. Eles queriam fazer uma espécie de suborno, e esses russos devem ter feito porque eles não continuaram muito tempo na Companhia não.

Outro problema que teve na Companhia foi: ele fez um trabalho que Mr. Thomas pediu e depois não pegou mais foi com um engenheiro que veio de Curitiba, de São Paulo para superintender aqui e Mandaguari. Era o seguinte: cravado o piquete, de fazer picada na beira do rio, a gente crava o piquete, e a gente faz uma avaliação visual do piquete na beira da água, enchente às vezes o rio fica mais alto, se está na seca a água retrai porque não é uma coisa definitiva... Aí o engenheiro exigia que medisse, papai falou, olha o meu negócio é o seguinte: no meu picadeiro, com a correnteza vai tudo embora, mas nunca fizeram até hoje e não vão fazer, não vou aceitar, a avaliação tem que

ser minha. Mas ele não gostou, aceitou mas não gostou, entregou lá em Mandaguari, recebeu e aqui em Londrina ficou sabendo. Mr. Thomas falou, os agrimensores não vão aceitar isto mesmo.

Ele nunca se queixava de coisa nenhuma, tudo que acontecia para ele, achava que devia ser natural, tinha que ser daquele jeito, ele era tolerante, papai era incapaz de matar, só se fosse uma caça e ele não gostava, era incapaz de matar uma formiga, ele esteve na guerra, matou, acho que está no museu que ele recebeu, coisa que chocou ele muito. Quando ele matou um alemão, olhou o bolso porque era obrigação do soldado, e viu uma foto de uma alemoa bonita com 2 crianças ficou chateado, mais fazer o que, é lei da guerra.

Ele ainda procurou depois da guerra para ver se entrava em contato, através do prefeito da cidade, que ela era de família bem rica, ele queria auxiliar ela em alguma coisa, mas ele nunca a viu.

Quando papai veio da guerra, ele veio traumatizado, por muitos anos ele não podia ver sangue. Ele passava pelas trincheiras por cima das pernas dos soldados e eles ficavam se batendo.

Em Sertanópolis nós já tínhamos uma casa, eu me lembro que ainda era coberto de tabuinha. Quando ele veio para Londrina ele vendeu a casa e o que ele conseguiu em Sertanópolis. Agora em Londrina nós ficamos morando em casa de aluguel uns 3 anos mais ou menos. Ai ele vendeu um lote de 50 alqueires no vale do Tibagi que ele tinha, vendeu lá e comprou umas casas em Londrina na rua Duque de Caxias, e ficamos sobrevivendo.

Depois ele vendeu e metade dela pagou uma dívida que tinha na casa Aurora e padaria Aurora, ficou devendo porque teve malária.

Vendeu esta casa aqui e comprou uma lá na rua Espírito Santo. Ele conseguiu estas terras só com trabalho, ele chegou a ter 150 alqueires de café. Ele ganhava essas terras pelas estradas que abria picadão para passar boiada. Ele nunca foi rico, nem nós somos.

### *Entrevista: Magali Surjus*

Meu avô era uma figura destacada no meio da família e fazia questão de uma relação familiar formal. Gostava das festas tradicionais como: Natal, Páscoa, na qual vinham, todos os filhos, netos e a lembrança que eu tenho dessas festas é na casa dele. Ele fazia questão, mas não como hoje que é uma obrigação, e ele mantinha isso com muito rigor. Quando sentávamos à mesa, tínhamos que nos comportar, não tinha essa porque era criança. Ele exigia. Isso é cultura francesa mesmo: sem conversa na mesa, cobrava a maneira de sentar, como pegar nos talheres, etc. Ele cobrava isso de todo mundo.

Quando iam às festas na casa dele, minha mãe falava: olha o jeito que vocês vão se comportar na frente do seu avô. Mas não era uma pessoa que nós temíamos, de fato sabíamos que era um compromisso; ele era sempre preocupado com todo mundo, cuidava de todo mundo, mesmo os filhos estando longe.

Era um grande contador de histórias, tinha hora que a gente fugia dele, porque ele era conversador, quando pegava alguém para conversar nunca mais saía de lá. Então se a gente ia à que minha tia mora, que é onde ele morava, a lembrança que tenho dele é naquela casa. Ele sentava naquela área e a gente passava devagarzinho para ele não pegar a gente.

Ele falava sobre as histórias que lhe aconteceram, mas da guerra raramente falava, porque ele perdeu um irmão na guerra. Para nós ele contava como era abrir as picadas na região, como era a vida nos acampamentos, mas com o tempo as histórias se tornavam repetitivas. Quem era novo na família era quem ouvia mais as histórias. Depois de cinco anos as histórias já se tornavam velhas.

A relação dele com os empregados era de muito cuidado e muita preocupação, ele se preocupava se tinha namorada ou não.

Uma pergunta que sempre me fazem é porque o meu avô não ficou rico quando veio para Londrina, porque a cidade não tinha dono, na época mesmo que a Companhia de Terras fosse a dona, tinha-se chance de comprar muita terra.. Algumas pessoas que vieram para cá sem nada, ficaram ricas e o meu avô que possuía alguns bens não conseguiu muito mais do que tinha. Acho que ele não tinha mentalidade capitalista, ele se preocupava mais com a sobrevivência e com a participação em sociedade que ele considerava mais humanas. Sempre viveu uma vida muito simples, sem ostentação, sempre com muita fartura em termos de alimentação, mas nada em relação a roupas, era um estilo de vida.

Não se preocupou em acumulação de bens, não quis ostentação, sempre viveu uma vida muito simples, sempre com muita fartura em termos de alimentação, mas nada em termos de roupa, nada disso existia, tendo o que comer, lugar para dormir, descansar, sem a preocupação de acumular.. Quando ele faleceu, a região onde ele morava era uma espécie de chácara que comprou enquanto trabalhava na C.T.N.P.. Possuía algumas casas de aluguel , mas cobrava barato porque em geral eram alugadas a parentes ou amigos. A preocupação era não explorar as pessoas.

A minha lembrança maior é do meu avô ficando mais em casa, sem sair para as picadas. Ele era muito severo e rigoroso, mas afetivo com os netos. Era uma figura austera.

Gostava muito de caminhar e quando estava perto de morrer, pediu uma cadeira de rodas para se locomover melhor e dizia que se ficasse parado morria mais rápido. Andava sempre com um boné e se cuidava bastante. Preparou a todos nós para a sua morte iminente.

Falava sempre dos parentes que viviam na França, com quem ele se correspondia, mas da vida na Europa ele não falava, porque ele veio para o Brasil muito jovem.

Valorizava muito o estudo, mas não o estudo formal, era um autodidata. A profissão tinha uma função na vida e a leitura era para o bom desempenho dessa função. Os dois filhos mais velhos fizeram o primário e logo cedo acompanharam o meu avô na abertura de picadas. Ensinou a profissão de agrimensor aos mais velhos. O mais novo estudou medicina e foi motivo de muito orgulho para meu avô.



Havia muitos estrangeiros aqui em Londrina e aonde ele morava ele era uma pessoa muito procurada, por possuir uma certa cultura e acredito que isso reforçou esse lado mais dedicado às leituras e ao estudo.

A profissão de agrimensor exigia que se anotasse muitas coisas e isso sem dúvida contribuiu para o hábito de registrar todos os acontecimentos.

Meu avô possuía uma cultura geral, lia sobre vários assuntos, talvez por ter vindo da Europa.

Minha avó era quase analfabeta e a leitura para ela constituía-se um fardo difícil de suportar. Ela era linda e tinha costumes urbanos, viveu a juventude em Sorocaba e o casamento foi arranjado. Ela viu o meu avô uma só vez.

Nós sabíamos de brigas, e o meu avô falava umas palavras pesadas, mas quando ele morreu ela falou que tinha cumprido a missão dela.

Ele se debilitou muito fisicamente, ficou uns 20,25 dias de cadeira de rodas, ele não agüentava mais ficar sentado, meu tio comprou aquelas camas de hospital, porque ele não queria ser internado. Quando ele recebeu a condecoração de cidadão londrinense estava muito mal, quase não reconhecia as pessoas.

Era super cuidadoso com a saúde e alimentação, e isso para o francês é uma forma de etiqueta. Quando sentava a mesa, era de praxe o lugar dele o da minha avó, das crianças e para as outras pessoas, todos tinham seus lugares. No Natal, ele colocava uma mesa à parte para as crianças.

Minha avó ia ao mercado Shangri-lá comprava o vinho da preferência deles, azeitona da melhor qualidade, frutas, tudo certinho não era esse consumismo que se vê atualmente, tudo tinha o gosto deles.

Quanto à vida social, eles não gostavam de ostentar se bem que podiam, mas não tinham interesse.

O meu avô tomava vinho direto, todos os dias, não passava um.

Víamos o meu avô sempre em sua escrivaninha lendo, nós os netos admirávamos tanto, interessante, era pioneiro eu achava bonito, era como um patriarca.

Ele era o sustentáculo da família, se tivesse acontecendo alguma coisa com o casal, ia lá falava, interferia, neste aspecto tanto que quando ele morreu alguns dos filhos se separaram.

Quanto à religião, minha vó sempre foi muito religiosa o meu avô não, era meio social, e até ia a missa, contribuía com a igreja.

A questão política, meu avo nunca falava nada. Apenas se manifestou quando eu e meu marido compramos um apartamento financiado:-vocês fizeram uma loucura, essa política habitacional nunca vai dar certo.

Ele falava que Londrina não tinha esta idade. Quando comemoraram os 50 anos, ele falou que era 53,54.

Eles abriram uma picada do calçadão até a universidade e meu avô falava que era onde passavam os burros, ele se divertia muito com essa historia, antigamente passavam os burros e hoje continuam passando. Ele falava assim quando eu estava indo para a U.E.L. Era bem espirituoso em muitos relatos, bem engraçado.

Quando meu avô imigrou, entre outras famílias, vieram os Surjus e os Chapelin e eles sofreram muito pois ao chegar aqui, além das terras, já deviam todos os instrumentos de trabalho.